

gastrica inflammatoria, na qual so tinhão lugar as Sangrias, estas se deviaõ fazer com a maior circumspecção. E para prova cita a doutrina de I. P. Frank; com o que julga haver rematado as razoens, porque senão conforma com a mesma pratica das evacuaçoens Sanguineas na Epidemia em questão!

24. Que a febre não era difficil de se curar, nem tinha hum character mui perniciozo; por que exceptuando alguns casos complicados, que felismente eraõ poucõs, todos os outros tinhão sido curaveis; e para prova falla na extensa pratica, que tivera nos Hospitaes, e Casas particulares, onde raras vezes foi mortal!

25. Que a Febre Epidemica nos Hospitaes Militares, por tanto, não havia sido, como eu dou a entender na advertencia da mesma Mem., *mais destruidora para os Portuguezes, e Inglezes, do que a ferocidade do Inimigo, &c.* E para prova diz—que a somma das entradas, e sahidas extrahida dos Mappas Diarios do Hospital Militar de S. Vicente dá—entrados no dito Hospital desde 27 de Agosto de 1810, ate 30 de Mayo de 1811, 6,809 doentes, dos quaes sahiraõ curados 5,468, remmettidos para outros Hospitaes 762, e mortos 579, e por consequencia, suppondo que só  $\frac{1}{2}$  dos mortos pertencêra á Febre Epidemica, sendo os outros  $\frac{1}{2}$  occasionados pelas Dysenterias, Diarrhêas, e outras molestias, conclue que de cada 100 doentes da Febre Epidemica apenas morrerão 2!

Tal he em substancia, a Critica que houve por bem fazer o Senhor Redactor, que tomou a seu cargo analysar a mesma Mem.; e de tao pouco pezo a considéro eu que me persuado ter respondido a todos os suppostos argumentos, rogando aos meus Leitores, que hajaõ de confrontar as mencionadas reflexoens com as ideas expostas na mesma Mem. Deste modo elles veraõ em vez de huma Censura judicioza, hum dezejo inquieto de apregoar a extrema perfeicão dos Hospitaes Militares, a que pertencia o meu Censor, e cujo maõ estado, em certo modo filho das circumstancias do tempo, eu havia apontado, como cauza da propagação da Febre Epidemica. Daqui nascêo por certo o resentimento, que elle deixa vêr por toda a sua critica; resentimento que deslembrando-lhe a razao, o fez, não só dispôr as suas idéas sem methodo algum, como se prova da

ordem, em que ficão lançadas as suas reflexoens, mas também abocanhar hum methodo curativo, de que não fez hum juizo verdadeiro, como dá a conhecer nas reflexoens 16, 18, 20, 21, 22; cahindo finalmente em contradicções as mais evidentes, como se mostra pelas reflexoens 17 e 19.

Todavía eu passo a responder ás ditas reflexoens, tão individualmente, como ellas o parecem exigir. Em quanto á 1.<sup>a</sup> R. sustento ainda que na época por mim determinada, a Dysenteria não fôra huma doença tão universal, e tão funesta, como a Febre. Os meus apontamentos eos de alguns outros Medicos abonão a minha asserção, pelo que respeita a pratica particular; e pelo que pertence á dos Hospitales Militares desafio o meu C. para me fazer constar o contrario pelo Livro dos Diarios dos enfermos dos mesmos Hospitales. Estou bem seguro a este respeito; pois me lembro de que elle suppõe, mas não sabe de certo que a 5. parte das mortes no Hospital de S. Vicente desde 27 d'Agosto do 1810, ate 30 de Mayo de 1811, fora cauzada pela Febre (Reflexão 25.) Qual seja o conceito, que deve merecer o primeiro Medico de hum Hospital, quando falla das mortes, que nelle houve, debaixo de suppozição, e não com certeza; e por isso qual fôra o desempenho dos seus mais essenciaes devêres, os meus Leitores facilmente ajuizarão!

Pelo que pertence á 2. Reflexão tão pouco devo eu ser taxado de inexacto por não haver fallado da Dysenteria, como por não ter mencionado as outras molestias, que apparecerão durante a epidemia, vistas as razoens, que para esse fim allega o meu C. e attenta a mesma observação antecedente. Com tudo não he justo occultar os motivos, que escapáráo á agudeza do meu C. e pelos quaes eu confesso que devia tratar da dysenteria na mesma Mem. que são—o ter ella grassado antes da Febre, haver como que cedido o Campo a esta, e pedir o mesmo tratamento: do que infiro que a natureza, ou indole de ambas era a mesma. Assim as evacuações Sanguineas que forão tão proveitozas na cura da Febre Epidémica como eu pondéro na mesma Mem. já o tinhão sido igualmente na cura da dysenteria que precedéo a mesma Febre. Para prova disto allegarei com huma Carta de Mr. I. M.<sup>o</sup> Leod, Cirurgião de hum dos Hospitales Militares Inglezes, datada em Lisboa 9 de Novembro de 1810, dirigida a seu Irmao em Glasgow, e inserida no Jornal Medico, e Cirurgico de Edinburgo. vol. VII. p. 241, na qual fallando da dysenteria em questáo diz “ nos fomos obrigados a sangrar 2, e 3 vezes por dia,

“ durante os primeiros dias da molestia, para vencermos  
 “ os symptomas inflammatorios. Tenho visto hum doente  
 “ perder 100 onças de sangue primeiro que as fezes ensan-  
 “ quentadas desaparecessem; e apezar das evacuaçoens,  
 “ melhorava cada dia. Este plano he contrario ao das Es-  
 “ colas Medicas; porque examinando as mesmas notas ás  
 “ Leituras do Dr. Gregory acho que elle se explica neste  
 “ theor—*a sangria nunca se deve praticar nesta doença,*  
 “ *visto que a debilidade se segue tão depressa depois do pri-*  
 “ *meiro ataque.* Porem a experiencia acaba de me con-  
 “ vencer, que hum doente fica mais enfraquecido, per-  
 “ dendo duas onças de sangue pelo ano do que tirando se  
 “ lhe doze onças do braço, &c.” Não pôde accaso tirar-  
 se daqui huma resposta sufficiente para a Reflexão 23.  
 apoiada pela authoridade de I. P. Frank, particularmente  
 tendo em vista a observação de Sydenham apontada pelo  
 Senhor Redactor no Vol. II. do J. de Coimbra. p. 145.  
*Febres subinde intercurrere, aut subsequi, quæ eandem curatio-*  
*nem postulabant, etsi dysenteria eas non comitaretur aut gigne-*  
*ret?* Mas disto ao depois.

Semelhante pratica nas dysenterias não he nova, como  
 nota e Dr. Roberto Watt. Galeno, Elio, e Trálião fallão da  
 Sangria, como o principal meio de moderar a molestia, par-  
 ticularmente no principio, e no seu auge. Amato Lusita-  
 no, e Heister escrevem no mesmo theor. No tratado de  
 Botallo. *De curatione per missionem sanguinis*, e no de  
 White. *De recta missione sanguinis*, achão-se muitas ob-  
 servaçoes appropriadas. E Sydenham, Hoffinan, e Hux-  
 ham, &c. recommendão as Sangrias no principio dessa en-  
 fermidade. Sobre tudo he digno de se notar o que refere  
 o Dr. Whyte em huma Carta datada de Torbay a 10 de  
 Agosto de 1799, e dirigida ao Duque de York.—*Se as eva-*  
*cuaçoens alvinas e dores de barriga ainda continuão, ou se o do-*  
*ente tem dor de cabeça, ou algum outro symptoma de febre,*  
*naõ se deve perder tempo em uzar da lanceta; e naõ devemos*  
*desistir do seu uzo, ainda que o pulso esteja abatido, &c.* Esta  
 havia igualmente sido a pratica do Dr. Donald Monro  
 (observaçoes sobre os meios de conservar a saude dos Sol-  
 dados, &c. Vol. V. p. 138.) que diz—*nem nós nos intimida-*  
*vamos de Sangrar no principio da dysenteria por observarmos*  
*o pulso abatido, e ligeiro que muitas vezes accompanha esta*  
*doença.* E ap. 139. assevera que—*as Sangrias eraõ extrema-*  
*mente necessarias, e contribuão muito para o allivio, e cura*  
*dos doentes.* Ora se o meu C. fallando da dysenteria, mostra  
 não haver empregado n'ella o tratamento referido (o que  
 não admira, porque talvez o tenha por condemnado) e se

esse tratamento era tão decididamente vantajoso na cura dessa molestia, que idéa quer elle que se faça do seu chamado *axioma medico!* sobre a difficuldade que havia de curar semelhante doença: *Jornal de Coimbra Vol. II. p. 64.* A mesma que se pode, e deve fazer do seu mui proprio *axioma historico!* Sobre ser a dysenteria a enfermidade, que motivára mais estragos! Se os principios evidentissimos, ou axiomas do Senhor Redactor são desta casta. Que taes serão os que requerem demonstração?

A 3. R. nasce de certa falta de intelligencia do meu C., porque não se segue do que eu expozera na Advertencia, e no Art. 10. Sec. 1. da mesma Mem. que eu attribua só a Febre Epidemica toda a mortandade, que houve no período por mim determinado. As minhas expressoens são—as mortes que houve nesse período, estão para as dos periodos anteriores, como 5 para 1.: Isto he quando muito dizer, que  $\frac{4}{5}$  forão occasionados pela Febre,  $\frac{1}{5}$  pelas outras molestias.

A 4. R. parece nascer de huma não exacta interpretação do que eu refiro; porque dizer eu que esperava que os Medicos mais esclarecidos dos Hospitaes Militares e Civil fizessem, e publicassem observaçoens regulares a esse respeito, não he dar a entender que elles as não tivessem feito. O que eu asseverei foi que ellas ainda não tinham sido publicadas, quando eu escrevia, e nisto não pode deixar de convir o meu Censor.

Em quanto á 5. R. tenho que observar outro engano; porque os Medicos de Lisboa não forão todos chamados a Caza dos Ministros, como diz o meu C., pelo menos eu, e alguns dos meus amigos, e conhecidos não fomos por certo. O que houve nesta materia foi receberem os Medicos da Cidade participaçoens para dar por escrito o seu parecer sobre o estado da saúde publica, &c. Huma grande parte, ou todos cumprirão as ordens do Governo. Mas o que se segue daqui? Tinha por ventura apparecido em publico alguma descripção da Febre Epidemica? E não era simplesmente desta circumstancia, que eu fallava?

A. 6. R. que occupa não menos do que sete paginas do *Jornal de Coimbra*, dá huma segura prova da cegueira do meu Censor. Eu lhe perdoára tudo que diz, se por ventura para se pôr a abrigo dos golpes, que o feriaõ, me não quizesse comprometter com o Governo, dizendo a p. 70. do Vol. II. do dito *Jornal*, que as minhas palavras.—*Sem se ordenarem, ou adoptarem todos os meios adequados e capazes de atalhar a communicação do Contagio, &c.* involviaõ todas as Authoridades, desde Governo até aos Medicos Directo-

reol O respeito que eu tenho pelo Governo da minha Patria, em nada cede ao que lhe professa o meu Censor. Sei avaliar mui bem o quanto todos os bons Portuguezes lhe devemos particularmente durante o tempo calamitozo da Invazao Franceza! Mas he preciso que o meu Censor, que tao maliciozamente interpreta aquellas minhas palavras, saiba e fique entendendo, que ellas nem dissêrao, nem podiao dizer relacao alguma aos que governavao a Naçao; mas sim aos que governavao os Hospitales, e aos quaes se havia confiado a Administracao de taes Instituicoens. Nestes termos em contrapozicao á pintura lisongeira que o meu C. faz dos ditos Hospitales, seja me licito dizer-lhe que eu nao obstante nao ter servido nelles, sei descontar mui bem toda a difficuldade, que nessa epocha desastrosa houve, e nao podia deixar de haver para se effectuar huma perfeita Administracao em todos os ramos; mas que por outra parte, nao ignoro que por desleixo muitos dos enfermos pertencentes ao Hospital de S. Vicente, estiverao pelos mezes de Outubro, Novembro, e Dezembro de 1810 expostos aos rigores do frio, e humidade no claustro desse Mosteiro, que era huma das Enfermarias; que por esse tempo, os doentes de Febre Epidemica nao estavao separados dos outros Enfermos, nem tao pouco se praticavao ainda as fumigaçoens desinfectantes; que as Camas nao estavao em distancia competente; e que os remedios e alimentos nao erao applicados com a devida regularidade, &c. Alguns dos empregados desse Hospital, que se recolhêrao a Suas Cazas, tocados do contagio da Febre Epidemica, e dos quaes eu tratei, me informãrao desses tristes factos, contados publicamente por outros muitos empregados, e sabidos a fundo pelos Religiozos do mesmo Mosteiro. Eu mesmo os verifiquei em parte, entretando hum dia no dito Claustro, que servia de Enfermaria, dõnde o aspecto immundo, e o cheiro nocivo me fizerao afastar sem demora! E pelo que respeita á assistencia medica, devo eu por ventura ja mais esquecer-me, de que no mez de Janeiro de 1811 hum desgraçado Furriel d'hum dos regimentos de Cavalleria viera a minha Caza, quasi arrastando-se para me consultar. E que inquirindo eu se elle havia estado no Hospital, me respondera, que tinha péddido licença para sahir do de S. Vicente, a fim de vir tratar da sua saude: por quanto cinco dias successivos, o Medico, na visita diaria, lhe nao tomara o pulso ao menos, preguntando-lhe a penas de longe, como estava; e que em vez de ouvir-lhe a resposta, passava adiante! Pois saiba o meu C. que este infeliz mancebo voluntariamente se havia alistado nas Bandeiras da Patria; que por

duas vezes tinha já combatido contra os nossos Inimigos; e que a sua doença, em parte filha dos estragos da Febre Epidemica, que tinha soffrido, era tal, qual a doo a conhecer os seguintes symptomas — pulso a mais de 120 pulsasoens por minuto, tendo accrescimos duas vezes por dia, notavel marasmo, dor no peito, tosse, expectoração purulenta, suores nocturnos, consideravel debilidade, &c. He desse modo que se devem agazalhar, e tratar nos Hospitaes Militares os Defensores da Religiao, do Principe, e da Patria, quando se achao enfermos, e muito mais n'hum tal estado? E acaso nao podera tirar daqui o meu C. huma prova segura da perfeita administração desses Hospitaes, particularmente do de S. Vicente, a que mostra haver pertencido? Muitos outros factos, que bem confirmao o que eu dissera, de passagem, á cerca dos Hospitaes Militares, ainda me restaõ; mas julgo ter dito de sobejo para responder á 6. reflexao.

Pelo que respeita á 7. R. em primeiro lugar sustento ainda, contra a opiniao do meu C. que as paixoens deprimentes forao a causa que mais influencia na indole da Febre Epidemica. Rarissimas pessoas, nessa epoca, se escaparaõ á sua influencia d'huma, ou d'outra sorte. Os mesmos Soldados habituados ás scenas de horror, familiares nas Campanhas, nao podiaõ, ao retirar-se do Bussaco para as Linhas, deixar de parte muitas consideracoes, que abatem necessariamente o espirito; taes como a dessolacao da Patria, a perda de Bens, parentes, e amigos; e sobre tudo o receio de arrastar os grilhoens do Tyrano Uzurpador, que entao opprimia os Coraçoens de quasi todos os Portuguezes. E quer ainda o meu C. huma causa mais universal do que esta? A caso pode elle persuadir-se com razao, de que os rigores do frio, e humidade da estacao forao huma cauza mais geral! Ignora elle que muitas e muitas pessoas estando bem longe de soffrer a influencia destas causas adoeceraõ, nao obstante isso, da Febre, de que algumas forao victimas! Em segundo lugar: he falso que eu attribua exclusivamente ás paixoens excitantes por motivo da retirada do Inimigo, a declinacao da Epidemia; porque nos Artigos 12, 13, e 15. Corol. 4. da Seccao I. da mesma Memoria aponto outras causas. Em terceiro lugar: nego que as Epidemias dos annos de 1807, para 1808, e 1808, para 1809, tivessem a mesma indole, que a de 1810, para 1811, como assevera o meu C.: porque a ser assim, deviaõ aquellas ter apresentado os mesmos phenomenos desta: o que nao aconteceu. E torno a desañar o meu Censor, para que mo prove com as relaçoens das molestias desses diferentes annos extrahidas dos Livros

dos Diarios dos enfermos, de que elle tratára nos Hospitaes Militares!

A reflexão 8. respondo apenas que o meu C., não tendo empregado o methodo das evacuações sanguineas na Cura da Febre Epid., como o mostra no modo por que se explica, não pode ajuizar, e muito menos decidir, se ellas erao ou não hum remedio acertado nessa enfermidade. As reflexoens 9 e 10 versão sobre o arranjo systematico da Febre Epid. Sobre este ponto posso dizer que me não deueo grande cuidado a classificaçao da Febre, segundo este, ou aquelle systema nosologico. Importou-me sim, e muito, notar com exactidão o desenvolvimento, mácha, e augmento, ou declinaçao dos seus symptomas; e depois de haver reflectido sobre as observaçoens, que fizera a esse respeito, ajuizei que a Febre, ainda que conservava hum caracter geral, ápresentava se todavia debaixo de tres modificaçoens. Estas, eu não classifiquei por certo, como assevera o meu C. (Jornal de Coimbra, vol. 2. p. 142.) Segundo Darwin; porque apenas digo, (no Art. 6. da seu III. da mesma Memoria) que a primeira modificaçao se podia olhar debaixo do mesmo ponto de vista; que a Febre Cont. Irregular de Fordyce, ou a Febre sensitiva Irritativa de Darwin, &c. E assim me explico a respeito das outras modificaçoens. A instrucçao, que tenho bebido na leitura das Dissertaçoens do profundo observador, o Dr. Fordyce, sobre as Febres, me tem capacitado inteiramente, de que importa pouco saber os nomes, ou alcunhas, que Authores systematicos tem dado ás Febres; e que ao contrario he summamente útil fazer exactas descripçoens dos seus symptomas geraes e particulares; e regular depois segundo as indicaçoens, que elles parecem demandar o seu methodo curativo. Quanto eu tenho marchado nesta estrada, relativamente á Epidemia de que se trata, e com que, segurança o tenho feito, poderiaõ somente ajuizar os Medicos dignos deste nome.

Em quanto á reflexão 11. digo que não posso fazer idea do methodo curativo, com que o meu C. vira e ouvira ter-se curado hum grande numero de doentes da Febre Epid.; porque não explica quaes eraõ os diversos meios curativos! que se empregavaõ depois dos vomitorios, e purgantes brandos.

A reflexão 12. encerra em si huma intelligencia pouco exacta do que eu expozera na mesma Memoria; porque eu não disse que em todas as tres variedades da Febre havia inflammação decidida. Tratando da 3. modificaçao são estas as minhas palavras (Art. 9. Sec. III.) *ultimamente no progresso da Febre certa mobilidade em alguns*

orgaos, que os tornava propensos para cahir em menor, ou maior irritação. E no Artigo 9. Secção IV. são as seguintes.—Se apparecia alguma irritação no ventre, mandava applicar duas Sanguixugas. Onde pois vio o meu C. que eu julgava haver inflamação nos casos da 3 variedade?

Pelo que pertence á R. 13. respondo—todas as vezes que hum doente febricitante se apresentar com o pulso cheio, e forte no periodo do calor, e com sensibilidade na região epigastrica, chame-se embora a febre a meningo-gastrica do Pinel, ou o que o meu C. quizer, digo, e sustento, que huma evacuação sanguinea feita por sanguexugas na região epigastrica, e segundo o estado dos symptomas, lhe hade ser proveitoza. E debalde allega o meu C. para inutilidade das sangrias nessas febres as intermittentes; porque nestas semelhantes evacuaçoens são muitas vezes uteis, e necessarias, durante o periodo do calor. Isto he da pratica de muitos Medicos observadores; e ha 12 annos que eu o relatei circunstanciadamente na minha Dissertação.—De Febribus Intermittentibus precipue medendis. Edinburgi.

(Continuar-se-ha.)



## POLITICA.

### AMERICA.

#### RIO DE JANEIRO.

##### CARTA REGIA

Ao Excellentissimo Vice-Almirante Jorge Martin.

HONORAVEL Jorge Martin, Vice-Almirante da Bandeira Azul: Eu o Principe Regente vos envio muito saudar: havendo Eu por Carta Regia de 24 de Maio de 1810 conferido ao Almirante Jorge Cranfield Berkeley o Commando em Chefe das minhas forças Navaes estacionadas em Portugal, por entender quanto conviria, que aquelle mesmo official, a quem S. M. B. tinha confiado a direcção da sua Esquadra, destinada á preservaçõ, segurança, e defeza dos Meus Reinos de Portugal, e dos Algarves, e Dominios adjacentes, houvesse de reunir ao mesmo tempo a necessaria Authoridade, e Commando naquella parte da Minha Marinha Real que tinha de obrar em conformidade nos muitos esforços com que Eu, e o meu Antigo e Fiel Alliado, procuramos resistir ás aggressões do mais cruel e implacavel inimigo: foi com a maior satisfação que Eu vios vantajosos resultados desta minha Real disposição no perfeito acordo e intelligencia com que se tem conduzido no Serviço das duas Esquadras. Constando-me porem que S. A. R. o Principe Regente do Reino-Unido tem Mandado retirar aquelle Almirante, fazendo escolha da vossa Pessoa para o substituir em tao importante Commissão, por isso que são conhecidos os vossos serviços, e aquella intelligencia, valor, e intrepidez com que sempre vos tendes distinguido; não posso deixar de applaudir esta escolha como hum novo testemunho do vivo interesse que a sorte de Portugal tem constantemente devido a meu Fiel Alliado, e presistindo por isso mesmo nos sentimentos daquella invariavel adherencia ao systema de intima amizade e alliança que nos liga, tenho resolvido confiar-vos, como por esta vos confio, •

Commando em Chefe das minhas forças Navaes em Portugal, Conferindo-vos por Decreto que baixa ao respectivo Tribunal a Posto de Almirante da Minha Armada Real, em cujo exercicio gozareis de toda a authoridade, prerogativas, e preeminencias de que gozava o Almirante Berkeley e que devem ser annexas a tao importante e distincta incumbencia, na qual estou certo que dareis as mais evidentes provas daquella actividade, zelo, e merecimento que vos tem adquirido o melhor conceito. O que me parece participar-vos para vossa intelligencia. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em 30 de Agosto de 1812.—Principe.—Para o Vice-Almirante Jorge Martin.

---

## DECRETOS.

### I.

Havendo attenção ás qualidades, merecimento, e mais partes do Almirante Jorge Martin, a quem por Carta Regia, datada de hoje, Tenho encarregado o commando em chefe das Minhas forças Navaes em Portugal. Sou servido nomeallo Deputado da Real Junta da Fazenda da Marinha. A mesma Junta o tenha assim entendido, e faça expedir os despachos necessarios. Palacio do Rio de Janeiro em 30 de Agosto de 1812. Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.

### II.

Tendo consideração as qualidades merecimento, e mais partes do Almirante Martin, a quem por Carta Regia da data de hoje, Tenho encarregado o commando em chefe das Minhas forças Navaes em Portugal: Hei por bem nomeallo Conselheiro do Meu Conselho do Almirantado: O mesmo Conselho o tenha assim entendido, e lhe faça expedir os Despachos necessarios. Palacio da Rio de Janeiro em 30 de Agosto de 1812. Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.

### III.

Tendo-me sido prezente os graves inconvenientes, que resultao das continuas e repetidas instancias, com que requerem adiantamento em Póstsos, assim muitos Governadores de Praças, que não tem Guarniçoens regulares, como outros Officiaes de Companhias fixas, ou Pés de Castello, e outros, que se retirao do Serviço activo por incapacidade fysica, ou por outras circumstancias, sem exceptuar os Officiaes reformados; não attendendo huns, e outros, que semelhantes Pés-

tos lhe forão por Mim conferidos em recompensa de seus Serviços passados, e que o accesso a outros lhes ficou vedado por diversas Resoluçoens Minhas, logo que aceitáraõ os destinos acima indicados: E considerando Eu por huma parte a desigualdade, e desgosto que causava aos Officiaes do Meu Exercito, que me servem em Serviço activo, quando viaõ, que com pouco trabalho, e nenhum perigo se podiaõ tambem obter Postos: Considerando igualmente, que pela Promoção dos sobreditos Officiaes de Guarniçoens fixas se fechava a entrada nelles aos Officiaes do Exercito em actividade, que se impossibilitavaõ de continuar a servir activamente, augmentando-se por tel disposição o numero dos reformados em prejuizo da Minha Real Fazenda: E ultimamente, que a pertençaõ a accesso de Officiaes reformados não só he prejudicial á Minha Real Fazenda, mas até opposta á intençaõ com que forão reformados; porque não tendo outros Serviços Militares, nenhum direito podem ter a ulteriores pertençaens. Por todos estes, e outros motivos, Sou Servido ampliar, e declarar as Leis existentes, Determinando as seguintes Disposiçoens.

Que todos os Governadores, e Officiaes do Estado Maior de Praças, que não tem Guarniçoens regulares, fiquem sem direito algum a pertenderem Promoçoens; pois que semelhantes Postos lhes forão conferidos como recompensa dos seus Serviços passados; e para que cada hum delles fique na certeza de que lhes não compete accesso de Posto, se formalizará logo, e se publicará huma lista das Praças, que ficão incluidas na presente disposição, para que a todos seja constante.

Que havendo-se creado as Companhias fixas para diversas Praças do Minho, Beira, e Algarve, pelos Decretos do 1 de Julho de 1795, 4 de Abril de 1796, e 31 de Março de 1797, com intençaõ de servirem de reforma para os Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados, que se impossibilitassem no Serviço activo, como se manifesta pelos Planos annexos aos sobreditos Decretos: Sou Servido declarar, que os Officiaes, e Soldados, que ora estaõ alistados, e para o diante o forem, não possaõ ser providos os Postos, que vagarem nas sobreditas Companhias; e que igualmente não possaõ ser promovidos a outros Postos em qualquer outro destino, ou incumbencia; ficando assim entendida para os sobreditos Officiaes, Officiaes Inferiores, e Soldados, a disposição do § II. do Artigo I. do Plano de 30 de Dezembro de 1806.

Que com os Officiaes, e mais Praças das Companhias de Veteranos, criadas pelos citado Alvará de 30 de Dezembro de 1806, se continue a praticar o que se acha determinado

no sobredito § II. do Artigo I., não podendo ser promovidos a outros Postos dentro, ou fóra das mesmas Companhias.

Que nas mesmas Disposições do Artigo I. § II. do dito Alvará, fiquem comprehendidos todos os Officiaes, ou Praças pertencentes a quaesquer Guarniçoens fixas, Pés de Praça, Pés de Castello, ou de qualquer outra denominação, que existirem, seja em Praças, ou outros Estabelecimentos, a fim de não poderem ser promovidos a outros Postos dentro, ou fóra dos mesmos Estabelecimentos.

Que todos os Officiaes, que não estiverem comprehendidos nas diferentes Classes, determinadas no Alvará do 1 de Abril de 1805, não possam pertender adiantamentos em Postos, quaesquer que sejam as incumbencias em que se acliarem; ficando persuadidos, que estas lhes forão dadas como retiro, e em contemplação aos Serviços, que antecedentemente tiverem feito; ficando igualmente declarado por este, que a sexta Classe de Officiaes, determinada no sobredito Alvará, comprehende somente os Officiaes dos Regimentos.

Ultimamente Sou Sêvido declarar, que os Officiaes reformados não têm direito a novas Promoçoens Militares, seja com melhoramento de reforma, ou por qualquer outro titulo.

Os Governadores do Reino de Portugal, e dos Algarves o tenham assim entendido, e fação executar. Palacio do Rio de Janeiro aos 6 de Julho de 1812.

Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Senhor.

---

Carta Regia a favor do Excellentissimo Snr. General Sepulveda.

Manoel Jorge Gomes de Sepulveda, Conselheiro de Guerra, e Tenente General dos meus Exercitos. Eu o Principe Regente vos envio muito saudar. Tomando em consideração os muitos e bons serviços, que me tendes feito desde os primeiros postos Militares, que occupastes no meu Exercito, assim no Estado do Brazil, como no Reino, e muito principalmente em Governador das Armas da Provincia de Tras-os-Montes na occasião da Restauração do Reino, em que destes as mais decisivas provas da vossa fidelidade, honra, intelligencia e prestimo, fazendo-vos por isso merecedor de que eu vos contemple: Hei por bem promover-vos á digni-

dade de Graõ Cruz, Honorario da Ordem da Torre e Espada. E para que o tenhais entendido, e possais uzar das insignias, e divisa, que assim vos pertencem, vos mando esta, e Nosso Senhor vos tenha em sua Santa guarda. Escrita no Palacio do Rio de Janeiro em treze de Maio de mil e oitocentos e doze.

PRINCIPE.

Refere a Gazeta da Bahia, haver-se alli recebido huma carta do Ouvidor de Porto Seguro, dando a interressante noticia de estar concluida a estrada, que vai daquella Villa a Minas Novas, tanto por terra, como pelo rio Giquitinhonha. Esta viagem he de poucos dias, e requer pouca despeza. Nao ha risco de Botecudos, por estarem domesticados. Já sobiraõ pelo rio muitas canoas, e fica inteiramente desembaraçado o transporte de quaesquer generos. O referido Ouvidor recommenda que se dirijaõ a elle todos aquelles, que intentarem esta viagem, para elle lhes prestar o adjutorio possivel, a fim de diminuir as despezas do transporte.

Consta igualmente que na Cidade da Bahia, no dia 13 de Maio, Anniversario de S. A. R., se fizera a primeira representaçõ no novo Theatro de S. Joaõ. Esta obra foi intentada, começada e promovido pelo Excellentissimo Conde da Ponte, que até concorreu com dinheiro para o seu começo; porém a morte, que o roubou na flor dos annos á Patria, deixou ao Excellentissimo Conde dos Arcos, actual Governador, a satisfaçõ de completa-la.

# EUROPA.

---

## RUSSIA.

### BOLETIM XVIII.

Officio do Marechal Principe Kutuzow a Sua Magestade Imperial, datado da aldea de Bulkowo junto a Viasma a 5 de Novembro.

Eu tenho a honra d'informar a Vossa Magestade Imperial que depois do meu ultimo officio relativo aos movimentos do General Platow junto ao mosteiro de Kolotsk, o Ajudante General Conde Orlow Denizow atacou, junto a Cidade de Viasma, e em diferentes pontos, o resto dos regimentos inimigos que tinhão sido batidos, e que ali se achavaõ. Elles fizeraõ huma resistencia desesperada, mas por toda a parte foraõ feitos em postas. Nesta acção tomamos huma peça de sitio, e quarenta carros de bagagem; fizemos prizioneiro o Secretario do Duque de Bassano, Ramuset, com todos os seus papeis, o Capitão Harting das guardas Saxonicas, o cirurgião mor M. Schwabhans, tres commissarios do corpo do Marechal Ney, e 130 soldados. O General Miloradowitch atacou o inimigo na manha de 3 de Novembro, junto á Cidade de Viasma. A batalha continuou mesmo na cidade onde o inimigo entrou, e donde foi repellido á ponta da bayoneta pelas divizoens 11. e 26. commandados pelos Majores Generaes Paskwitch, e Ichohlokoff. O regimento d'infanteria de Pernow que estava á frente das columnas, foi o primeiro que entrou na cidade batendo a caixa, com as suas bandeiras desenroladas, e que abriu passagem ao resto das tropas por meio de montoes de corpos mortos do inimigo. Segundo a informação dos prizioneiros, havia nesta cidade tres corpos do inimigo a saber o de Ney, Davoust, e o do Vice-Rey de Italia.

A perda do inimigo he de 6,000 homens mortos, e feridos, e de 2,500 prizioneiros, em o numero dos quaes entra o General d'artilharia Peltier, com seu ajudante, e o Chefe do Estado maior do General Davoust o Coronel Morat. Nossa perda em mortos, e feridos nao passa de 500 homens. Depois de ter tomado Viasma nossa vanguarda passou esta cidade pela estrada de Smolensko, e nossas tropas legeras commandadas por Platow perseguirao o inimigo desde Viasma ate Erenina.

Nos tomamos ao inimigo huma bandeira, e fizemos mil prizioneiros, alem dos doentes, e feridos, e sem contar os mortos de que as estradas estao juncadas.

---

 CARTAS

Interceptadas do Vice Rey d'Italia ao Principe de Neufchatel.

*Saselie, 7 de Novembro.*

Eu tenho a honra d'informar a V. A. que me puz em marcha esta manha pelas 4 horas ; mas os caminhos difficeis, e o gela tem posto tantos obstaculos á marcha do meu corpo, que a vanguarda somente pôde chegar pelas seis horas, e a retaguarda nao pode tomar huma posicao senao a quasi duas legoas daqui.

Desde as duas horas ate ás quatro apresentou-se na minha direita. Elle atacou quasi ao mesmo tempo a vanguarda, o centro, e a retaguarda, com artilharia, cosacos, e dragoens : tomou-nos duas peças d'artilharia de campanha, que se achavão n'huma subida mui ingreme, e afastada da sua escolta. O 9. regimento d'infantaria correu em seu soccorro, mas as peças tinhão ja sido levadas.

A retaguarda do inimigo atirou sobre nos com quatro peças d'artilharia e o General Ornano crê, sem o affirmar, ter visto infantaria. Em cada hum dos outros pontos o inimigo tinha duas peças d'artilharia.

V. A. julgará facilmente, que embaraçado com a minha grossa bagagem, e numeroza artilharia e que, sem exa-geração morrendo diariamente 400 cavallos do meu trem, minha situaçao he mui critica. Todavia, a manham mui

cedo eu continuarei minha marcha para chegar a Cologni. Dali mandarei fazer reconhecimentos, e, segundo o que souber, irei para Douchortchina, ou para Bruzo.

Eu não devo occultar a V. A. *que depois de ter empregado todos os meios, vejo que me he impossivel salvar minha artilharia; e que em taes circumstancias he d'esperar grandes sacrificios.* Hoje encravamos, e interramos muitas peças d'artilharia.

---

*Na passagem do Vop a 8 de Novembro.*

V. A. achará incluza huma carta que hontem escrevi, mas que vos não chegou á mão, porque o official que a levava foi extraviado pelos guias.

V. A. ficara suprendido de me ver ainda sobre o Vop. Com tudo eu deixei esta manham Saselse ás 5 horas; mas o caminho está tao cortado de barrancos, que me tem sido precizos esforços consideraveis mesmo para chegar aqui.

*Eu sinto muito achar-me na cruel necessidade de vos confessar os sacrificios que temos feito para accelera nossa marcha. Estes tres dias tem-nos custado os dois terços da artilharia pertencente a esta exercito. Hontem morrerão nos 400 cavallos e hoje tera talvez percido o dobro, sem comprehender o grande numero de Cavallos que eu tenho tirado do serviço geral, e partiicular: morrem parellhas inteiras ao mesmo tempo. Ordinariamente nos os temos renovado ate tres vezes.*

Hoje o corpo do exercito não tem sido perseguido. Não temos visto senão cosacos sem artilharia, o que nos tem parecido extraordinario; e se devemos acreditar hum dos nossos cassadores enviado a forragear, parece que huma columna d'infanteria, artilharia, e cavallaria, segue a mesma direcção, que nos temos tomado, isto he para Douchortchina. Esta tarde vou enviar hum forte destacamento para reconhecer Douchortchina, onde espero chegar á manham, se o inimigo me não oppozer huma resistencia seria; porque eu não devo occultar o V. A. *que estes tres dias de soffrimento tem de tal sorte abatido o espirito dos soldados, que neste momento, eu os julgo incapazes d'algum esforço. Muitos homens tem morrido de fome, e frio, outros ja desesperados se tem entregado ao inimigo.*



## BOLETIM XIX.

Extrahido da Conta do General Wittgenstein datada de 31 de Outubro, e dirigida a Sua Magestade Imperial.

Depois que entramos em Polotsk, o inimigo tem soffrido muito em consequencia das felizes operaçoens do corpo do Conde de Steinheil. A perda do inimigo na batalha de Polotzk, e durando sua retirada para Lepel, sobe, em prisioneiros, a cem officiaes do Estado-maior, (entre os quaes ha cinco coroneis), e 6,000 soldados, 9 peças d'artilharia, toda a bagagem pertencentes aos regimentos Bavarezes, 90 carros de polvera, e hum grande numero de carretas d'artilharia, cujos canhoens forao lançados no rio. Sua perda deve ser immensa, porque não somente o campo da batalha, mas ainda toda a estrada esta coberta de mortos, de tal modo que todo o corpo inimigo está inteiramente derrotado, e destruido. Daqui rezulta mais, que Victor com o seu corpo foi obrigado a separar-se do grande exercito. Elle sahio de Smolensko a marchas forçadas para se juntar aos fracos restos do exercito de S. Cyr, commandados pelo General Le-grand, tendo S. Cyr, ficado em Wilna por cauza da sua ferida.

## BOLETIM XX.

Publi cado em S. Petersburgo a 11 de Novembro.

Tendo Moscow sido retomada pelos Russos commandados pelo General Winzingerode, Napoleao fez marchar todo o seu exercito pela estrada de Kalouga contra Borowsk, pensando, como se ve por huma carta que se achou a hum correio feito prisioneiro, que podia romper para as provincias ferteis da Russia. Mas o General frustrou todo este plano por meio de hum ataque serio que teve lugar a 24 de Outubro em Malo-Iaroslavitz. Esta pequena cidade foi tomada, e retomada oito vezes differentes. A final os Francezes forao obrigados a retirar-se, perdendo 16 peças. Entao Bonaparte renunciou seu plano, deixou o exercito, e tomou a estrada de Smolensko, ordenando a todo o exercito que o seguisse.

Para occultar, quanto era possivel sua retirada pessoal, ordenou a hum corpo, que marchasse para Medyne, como se tivesse a intencao de cercar a esquerda do exercito Russo; e no entretanto as guardas com a maior parte do exercito, marcharao para Mojaisk. Logo que o General Kutuzow foi informado destes movimentos poz-se em marcha com todo o seu exercito, e seguiu o inimigo.

A vanguarda Russa encontrou o exercito Francez no 1. de Novembro junto de Polotsk, naõ longe de Borodino, e lhe tomou duas bandeiras, e 20 peças. A 3 de Novembro o General Miloradowitsch, sustentado por Platow, atacou, junto a Viasma, muitos corpos Francezes commandados pelo Vice-Rey d'Italia, Davoust, e Ney. Estes corpos forao completamente derrotados, e perderao huma bandeira, cinco peças, e 2,000 prizioneiros, em cujo numero entra o General Peltier. Toda a estrada de Mojaisk está coberta de carros de muniçoens, e de cavallos mortos. O Exercito Francez fez 50 werstes por dia na sua retirada. A vanguarda do Almirante Tschitchakoff commandada pelo General Tschaplitz, entrou a 21 de d'Outubro em Slonim, e tomou o General Kanopka com os tres regimentos inteiros de Uhlanos pertencentes á Guarda. O Coronel Tscherniskoff com hum destacamento se avançou ate Varsovia. Hum corpo pertencente ao exercito do General Wittgenstein entrou em Witepsk.

---

EXTRACTO

D'huma Carta do Conde Rosen.

*Stockholmo, 19 de Novembro de 1812.*

Hontem de noite chegarao dois correios da Russia. Wittgenstein destruiu completamente os exercitos de Victor, e S. Cyr, e entrou depois em Smolensko. Bonaparte, abandonando Moscow ordenou a Murat que atacasse o General Benningsen; mas elle foi repellido. Entao Bonaparte em pessoa, e desesperado atacou Kutuzow junto de Malo-Jaroslawitz, e foi igualmente repellido. Depois disto quiz dar huma batalha geral, para, se aganhasse, ir para a Polonia pela estrada de Kalouga, e tomar ali seos quarteis d'inverno, o mais perto possivel da Gallicia; mas elle achou os Russos tao perfeitamente intrincheirados, que julgou impossivel ataca-

los. Não lhe restava outro partido do que concentrar todas as suas forças, e procurar retirar-se pela estrada de Smolensko, que esta inteiramente devastada. Os maos caminhos, e espantosa miseria em que os Francezes se achão, derao tempo a que o General Kutuzow os encontrasse junto a Viasma, onde lhe deo batalha, e os derrotou. Antes da batalha, Bonaparte deo o commando a Murat, e elle foi para Smolensko com seis mil homens, retomando assim o caminho para França; mas elle foi encontrado por hum destacamento do General Oestel, que o obrigou a retroceder. Tentou entao passar pela estrada que vai de Smolensko para o mar; mas elle achou-la a vanguarda do General Wittgenstein foi batido, e obrigado a retrogradar para o grande exercito. Actualmente tem em sua frente os exercitos de Tormazow, Tschitchakoff, e Wittgenstein, e na sua retaguarda o exercito de Kutuzow que he composto de 150,000 homens. Os Russos fazem diariamente de 3 a 4,000 prisioneiros. N'hum só dia Wittgenstein tomou 6,000, e 20 peças d'artilharia. Platow tomou 30 peças, e fez 3,700 prisioneiros, n'hum só dia.

---

 BOLETIM XXI.

## CONTA

Do General Kutuzow a S. M. I. datado de Silenkano  
1. de Novembro.

Pelos meos ultimos despachos V. M. I. terá visto que as intençoens do inimigo erao de me cercar, e por este meio chegar a Kalouga, para por ali penetrar em nossas mais fertes provincias. Isto determinou-me a deixar a estrada velha de Kalouga, e a tomar a nova. Por este movimento eu cheguei antes do inimigo a Malo-Iaroslavit. O inimigo tinha ao mesmo tempo hum corpo consideravel na estrada de Mojaisk para Kalouga: elle foi repellido em Malo-Iaroslavit. Entao marchei com a maior parte do meu exercito para Medyne, onde o inimigo estava detido por hum corpo de Cosacos. O inimigo achando gente por todos os lados, começou a retirar-se por Vereja que está na estrada de Mojaisk. Em consequencia fiz as dispoziçoens seguintes. Meu exercito marcha directamente para Viasma; o corpo do General Miloradowitz, (que faz pouco mais ou menos metade das minhas forças) segue o inimigo em linha parallela

entre mim e os caminhos de Mojaisk : e todas as tropas do Don receberão ordem de prevenir o inimigo por toda a parte, de destruir todas as pontes, romper os Caminhos, e perseguir-lo por todos modos possíveis.

No momento d'expedir o correio, recebi em marcha huma conta official do General de Cavallaria Platow datada de 31 d'Outubro, em que diz—

Esta manha ao amanhecer ataquei com duas brigadas a da esquerda da retaguarda inimiga : o inimigo assustado continuou sua retirada : eu o fiz perseguir em seos flancos por Cosacos, e artilharia, entretanto, que eu o ataquei pela retaguarda tao bem com artilharia, e Cosacos. O inimigo fez alto muitas vezes mostrando-nos a sua infantaria, e canhoens : mas ameaçado pela retaguarda, e pelos flancos, foi obrigado sempre a retirar-se. Pareceo resoluta a manter-se na altura junto ao convento de Kelotsk ; mas nossa artilharia o poz em fugida ; e lhe tomamos 20 peças. Por este feliz ataque dos Cosacos, dois dos seos batalhoens forão destruidos, e tomado o resto : eu envio a V. Excellencia as suas bandeiras. A perda do inimigo he consideravel, porque os Cosacos fazem mui poucos prizioneiros, preferindo mata-los. Hoje chegarão-nos cem. A batalha continua ; eu informarei a Vossa Excellencia do resultado, quando ella se acabar, juntando a lista daquelles que se tiverem distinguido.

Hontem o Major General Ilovaisk fez em postas mais de 500 homens. Eu seguirei o inimigo, e o farei soffrer horrivelmente. Sua retagarda desfilha neste momento por Gridneve. Seu exercito estara talvez hoje em Gschatz. O inimigo deixou na estrada que parte do convento de Mojaisk, mais de 500 cavalloes, e hum grande numero de carros com bagagem. Elle deve soffrer muito por falta de viveres, e de forragens : e elle mesmo destroe seos caixoens ; e seos carros de muniçoens.

Eu remetto incluza a conta original do General Platow : por ella V. M. I. vera que o inimigo no convento de Kolotsk quiz fazer frente ás nossas tropas, mas que foi atacado, e posto em fugida pelo General Platow, que lhe tomou 20 peças, e duas bandeiras. O inimigo retira-se com tal precipitação, que queima suas grossas bagagens, e seos caixoens. Durante a noite faz marchar sua artilharia com a luz de alenternas.

## BOLETIM XXII.

## EXTRAHIDO

Da relação official do General Conde Wittgenstein, datada da aldea de Tshasnik, a 8 de Novembro de 1812, e remettida a S. M. I.

O Major General Garp que eu tinha mandado com huma partida para as duas margens do Dwina para occupar Witpeusk, me informa em 7 de Novembro, que pelas 7 horas da manhã, no meio de hum fogo mui vivo, e depois de huma acção mui renhida com o inimigo, com o auxilio do Ente Supremo entrou naquella cidade. Duas peças do inimigo estavam postas sobre as alturas para defender a ponte aque elle lançou o fogo, logo que nos vio chegar. Com tudo o fogo bem depressa foi extincto, pela actividade dos soldados dos regimentos, e da 7. companhia de cassadores, para o que contribuirão muito os Judeos com o seu zelo. Tendo o inimigo sido expulso da cidade, foi perseguido quasi 20 werstes de distancia pela estrada de Smolensko, retirando-se para Falkowitch e Sineno. Nesta acção o General Pouget governador de Witpeusk, e o coronel Chavones, commandante, 10 officiaes, 7 *Gens d'armes* e 300 soldados forão feitos prizioneiros. Nos tomamos alem disso 2 canhoens com seos caixoens, e cavallos. Apoderamo-nos tambem na cidade de armazens bem providos de viveres, de forragens, e de polvera. A perda do inimigo he mui grande; a nossa he de 25 mortos, e feridos. Entrando na cidade fomos recebidos com aclamaçoens do povo, e o ar retinia com gritos de *Viva Sua Magestade Imperial*.

Nossos officiaes que estavam no serviço do inimigo abandonarão-no todos, á excepção dos Principes Sapicha e Radzivil, que, ha muito tempo partirão com Napoleão, e vivem agora no governo de Mogoloff. O General nos informa que tinha recebido noticia de que o exercito Francez se retira de Moscow, e que muitas das suas columnas entrarão ja em Smolensko.

## BOLETIM XXIII.

Officio do Commandante em Chefe dos Exercitos Russos o Field-Marchal Principe Golinitshaff a Sua Magestade Imperial datado de Elnea a 9 de Novembro de 1812.

“ Deos he grande, Graciosissimo Soberano ! Eu me prostro aos pez de Vossa Magestade Imperial e a felicito pela nova victoria que acabemos d’alcançar.

“ Eu recebeo neste momento huma conta, cujo original remetto, do destroço completo do 4. corpo Francez commandado pelo Vice-Rey d’Italia, Fizemos 3,000 prizioneiros; o numero dos mortos he ainda mais consideravel, e tomamos 62 peças d’artilharia com os seus caixoes de muniçoens.

“ Os Cosacos fazem milagres. Nao somente destroem columnas inteiras d’infantaria, mas ate se arrojaõ com o maior ardor sobre a artilharia. Nos esperamos que os fracos restos deste corpo seraõ destruidos em Doukoutschina.

“ Todos os prizioneiros, que a alguns dias, temos feito, pedem instantemente o ser admittidos ao serviço Russo; e hontem quinze officiaes das guardas Italianas se apresentaraõ pedindo o mesimo, e declarando, que nao podia haver maior honra do que trazer o uniforme Russo.’

## OFFICIO

Do Conde Platow ao General Principe Kutuzow.

*Aldea de Mantroff a 8 de Novembro de 1812.*

He do meu dever, e eu tenho a boa fortuna de congratular a Vossa Excellencia por huma brilhantissima victoria alcançada sobre o inimigo.

Depois de ter enviado a minha relação d’hontem a Vossa Excellencia eu marchei segundo vossas instrucçoens para

a direita da grande estrada de Smolensko passando atravez de Dorogobush a fim de prevenir a vanguarda das columnas inimigas, bate-las, e embarçar-lhes o fôrragear, e queimar nossas aldeas.

Eu fazia o meu officio para Vossa Excellencia quando marchava para Saloviac, não suppondo que havia d'encontrar o inimigo na estrada de Douchotschina; mas tendo hontem descoberto o corpo do inimigo commandado pelo Vice Rey d'Italia, Eugenio, com o soccorro de Deos, cahi sobre elle, e o obriguei a repartir-se em duas divizoens.

Huma divizao se retirou despessa para Douchotschina, e a outra voltando para Dorogobush em grandissima desordem, se dispersou em diversas direccoens. Mas hoje por meio de marchas forçadas, encontrei a porcao que se tinha retirado para Douchotschina, e apezar do rigor do tempo, ataquei o inimigo no mesmo instante em que o encontrei, e o derrotei completamente.

Nestes dois dias, o inimigo perdeu hum numero immenso de homens em mortos, em cujo numero entrao alguns Generaes, como se pode ver por suas condecoracoens. Fizemos tres mil prizioneiros entre os quaes se achao alguns coroneis dos regimentos, e officiaes do Estado-maior. Os Cosacos matarao hum consideravel numero de homens, e fizerao por isso poucos prizioneiros.

Tomamos 62 peças d'artilharia, e talvez mais, porque me nao foi inda possivel conta-las exactamente. Achamos taobem algumas bandeiras, que me nao foraõ inda apresentadas.

Nao vos fallarei do numero dos mortos, e feridos da nossa parte, porque, graças a Deos, o numero nao he grande. Seguem-me varios regimentos a fim de destruir os restos do corpo do inimigo, que sendo rôto se tem retirado em espantoza desordem para Douchotschina. Eu espero que elle sera inteiramente anniquilado, e que o Vice-Rey Eugenio mesmo, que, segundo nos dizem os prizioneiros estava com suas columnas rompidas, e desbaratadas nao escape ao captiveiro.

Na minha direita na cidade de Douchotschina o Major General Aelovaesky, com sua brigada, fez taobem hum ataque mui vivo contra o inimigo, tomou hum dos seus Generaes, e o General Sanson Chefe do Grande Estado-Maior do corpo de exercito, com mais de 700 soldados prizioneiros.

Em consequencia das ordens de Vossa Alteza eu despachei cinco regimentos commandados pelo Major General Grakoff para a estrada de Smolensko em perseguimento do inimigo; e eu mesmo me apresso a marchar com os regi-

mentos que restaõ para Douchotschina, a fim de destruir o resto do corpo do inimigo. Depois disto, com approvaçãõ de Vossa Alteza eu dirigirei minha marcha para a esquerda de Douchotschina, n'humã linha recta para a estrada de Smolensko, por humã passagem que atravessa o Saleboco, a fim de cahir ahi sobre a vanguarda, ou sobre o centro das columnas do inimigo; e no entretanto eu observarei cuidadosamente aquellas tropas do inimigo que se retiraraõ para Douchotschina, bem como aquellas que se dirigiraõ para Smolensko.

Em concludo minha relaçaõ, observando que os negocios vaõ bem; basta só continuar a perseguir o inimigo, e persegui-lo de perto.

---

#### BOLETIM XXIV.

Extrahido da Conta do General Wittgenstein do 1 de Novembro.

Para completar minha relaçaõ de hontem devo informar a Vossa Magestade Imperial que o inimigo, que partio de Lepel para a aldea de Tschaschniki, unindo-se ali a humã parte do corpo de Marechal Victor, de 16,000 homens, fez alto, e occupou a poziçaõ desta aldea; mas como me importava ser senhor desta poziçaõ sobre a margem do rio Ula, eu o ataquei pelas sete horas da manham, e o expulsei das tres posiçoens que elle havia tomado junto de Bachen.

A açãõ durou ate as 5 horas da tarde, e foi mui renhida; mas por meio da minha artilharia, coneguei o meu fim, expulsei o inimigo, e tomei posse da aldea de Tschaschniki. Eu mesmo tomei humã poziçaõ sobre o Ula, e minha vanguarda está na sua frente.

Eu enviei partidas para Bõrossow e Minsk para descobrir onde está o Almirante Tschitschakow.

---

#### PROCLAMAÇÃO

Publicada em Moscow a 29 d'Outubro.

O inimigo não ficou longo tempo em Moscow; apenas aqui esteve hum mez, e oito dias; mas neste curto espaço



elle deixou apos de si vestigios de brutalidade, e de raiva que nos annaes das Naçoens, cobrirão a Nação Franceza e sua posteridade de huma infamia, e opprobrio eterno! Hum homem virtuozo treme ainda hoje; retira os olhos destes horrores, e procura a pagar a lembrança delles em sua memoria, para não manchar a pureza de seos pensamentos. Quando reflectimos no que temos presenciado, nos não podemos dizer que fazemos a guerra a hum inimigo. Huma tal expressão daria huma idea mui fraca dos horrores, que se tem commettido. Toda a guerra expõem, e sujeita o genero humano a miserias sem conto: mas, entre as Naçoens esclarecidas ao menos, este devastador flagello acha limites nos principios de humanidade, e respeito que ellas se devem mutuamente. O orgulho de huma Nação está constantemente em oppozição com o orgulho de qualquer outra: mas ao menos no calor dos combates, huma, e outra, apezar do ardor em conseguir a victoria, e cobrir de gloria suas armas, rendem sempre algumas humenagens á sua própria honra, e á sua propria reputação. A espada subjugua os fortes; mas a honra protege, e poupa os fracos. Hum militar se julgaria horrivelmente deshonorado de passar por hum saqueador, por hum ladrao. Hum conquistador podera tomar huma cidade, mas depois de a ter conquistado, acordara sua protecção ás pessoas, e ás propriedades. O pacifico habitante dos campos pode perder algumas das suas provizoens; mas seos campos, sua caza, sua mulher, e seos filhos serao respeitados.

Em nossas guerras com a Suecia, na tomada de Narva, Pedro o Grande ensopou sua espada no sangue de seos vassallos, porque elles se tinhão deshonorado por meio da pilhagem. No reinado de Catherina II. hum dos nossos Commandantes recebeu a mais severa reprehensao por ter queimado huma aldeia na Suecia.

Os Suecos sao conhecidos por nos terem tornado a mandar os effeitos roubados a hum particular. Na ultima guerra contra a Inglaterra o inimigo pagava em dinheiro contado tudo o que tirava aos individuos; e durante que estava em Nargen, percebendo hum incendio na Ilha, elle mandou immediatamente homens dos seos navios para o ajudar a extinguir. Tal he a maneira de fazer a guerra entre Naçoens que se lembrao de sua honra, e de sua reputação; e mesmo entre os selvagens, que mais se assemelhao a feras do que a homens, se observa mais inclinacao para o roubo, do que para a inteira destruição de todas as coizas. Elles cahem com impeto sobre seos inimigos, roubao-os, degolao-os; mas ao menos não destroem o que não podem levar comsigo.

Nos tempos esclarecidos como os presentes, e no meio de hum povo, que, ha pouco, éra famoso pela doçura de seos costumes, nos achamos provas de ferocidade, de barbaria, e perversidade, que em vão procuraríamos achar entre os povos mais selvagens d'Africa, ou da America. Moscow por si só nos fornece o deploravel quadro das acçoens as mais inauditas, e as mais atrozes.

O inimigo entrou nesta cidade sem a menor opposiçaõ das nossas tropas, e sem a menor resistencia da parte dos habitantes, que, pela maior parte, tinhão abandonado a cidade. Não se derramou algum sangue que podesse justificar a raiva, e a vingança. Avista disto ter-se-hia pensado que o inimigo, por honra do seu paiz, conservaria esta antiga capital, existente, e embelecida há tantos seculos; porque ninguem, a não ser insensato pode envejar a gloria de Erostrato por deitar fogo ao templo de Diana em Epheso. Com tudo, que he o que aconteceu? Apenas o inimigo entrou na cidade, furiozo, seos soldados, seos officiaes, e ate os seos generaes correrão á pilhagem das cazas, rompendo, quebrando, cortando, e dispersando, tudo, como loucos,—espelhos—cristaes—porcelanas—quadros—moyeis—loixa, &c. derramando pelas ruas os vinhos que não podião beber, ou transportar; dilacerando, ou espalhando as bibliotecas. Mas tudo isto não era inda bastante. A desgraçada cidade de Moscow ja entregue á pilhagem foi encendiada em muitos pontos ao mesmo tempo: grande numero de soberbos palacios foraõ reduzidos á cinzas, e ate as mesmas cazas, onde, a pezar da guerra, seos compatriotas fazião tranquillamente seo commercio. Mas inda não he tudo: elles tomarão o trabalho de lançar em terra por meio do canhão os muros das cazas que estavaõ roubadas, mas que o fogo não tinha ainda destruido inteiramente. A brutalidade não ficou inda saciada: á pilhagem, e á destruiçaõ ajuntaraõ a deshumanidade, a barbaria, a crueldade. Depois de terem feito montoes de despojos carregavaõ com elles algum velho, ou algum homem mutilado para que lhe levasse para os seos quarteis: e se estes infelizes succumbiaõ ao pezo do seu fardo, os barbaros os acutilavaõ. Hum gentil homem d'avanzada idade, que acabava de ser atacado de huma apoplexia, e que não pôde sahir de Moscow tinha ficado em sua caza, onde entrãraõ alguns homens, roubarão-na, e lhe pozeraõ fogo: elle pôde com muito trabalho descer para a rua; cahio sobre elle outra quadrilha; tirou-lhe o reguingote, seos vestidos, suas meias, e hia a tirar-lhe sua camiza, quando este infelis apertando o seu corpo de huma maneira supplicante, recebeo huma cutilada no rosto que estendeo por terra todo ensanguentado, e sem vida.

Em muitos lugares achavaõ-se mulheres violadas, mutiladas, e mortas; viaõ-se n'outras partes revolidas as sepulturas para despojar os cadaveres. Naõ se contentaraõ ainda com estas atrocidades e abominaçoens. Os Templos divinos foraõ arrombados, as imagens despojadas, dilacerados os ornamentos sacerdotaes, e destruidas, ou dispersas as reliquias santas. Mas cubramos estes abominaveis actos com hum veõ impenetravel. O Cumulo da perversidade, e da demencia he o insultar o Sanctuario de Deos. As obras dos impios saõ sua vergonha, e a destruiçaõ he sua obra. A destruiçaõ he taobem a sorte, que elles ja experimentaõ. A medida de suas iniquidades chegou ao seu cumulo. Os templos inda ardendo, e o sangue, inda fumando, dos innocentes, mudaraõ em colera a paciencia de Deos. Batido por todas as partes, nosso inimigo naõ podera mais intimidar-nos com suas forças ha pouco taõ formidaveis, e agora exhaustas, extenuadas, e lançando o ultimo suspiro. Nos só temos que recear sua perversidade, e sua crueldade. Sepultado na desesperaçãõ, vendo diante de si sua ruina, elle lança o resto de sua espuma venenosa; elle quereria morder inda huma vez, e acabar dando hum golpe estrondozo. Agora ja naõ intentara seduzir nosso povo, assegurando-o de sua protecçaõ quando estiver em Moscow. Elle naõ tomára mais o trabalho d'ocultar sua infamia protestando por huma indigna mentira que os Russos, e naõ elle, he que foraõ os incendiarios, que saõ elles os que roubao, e que degolaõ. Todas estas mentiras, e todas estas columnias estaõ acabadas. Suas grandes derrotas no campo da batalha, sua expulsãõ de Moscow, só lhe deixaraõ o partido de se abandonar ao seu furor, e para saciar este, elle quiz fazer saltar o Kremlin, e o Templo que ali se acha. Por estes rasgos reconhecei, ó Russos o chefe, e o capitaõ de nossos inimigos. Os executores de suas vontades, seos escravos, os escravos de suas proprias paixoens: tem-se acazo mostrado menos ferozes que elle? Teria elle communicado sua furia, e sua impiedade n'hum milhaõ de coraçõens, se estes coraçõens naõ estivessem, bem como o seu, infectados da mesma perversidade?

He possivel haver monstros no meio das Naçoens mais policiadas: mas quando todos os individuos de hum exercito saõ monstros, ladroens, incendiarios, assassinos, violadores, e que insultaõ o proprio Sanctuario, he impossivel, que no meio desta Naçaõ haja alguma moralidade. O homem naõ se perverte, nem se torna taõ impio de repente; torna-se impio, e perverso pouco a pouco, pelo exemplo,

pela seducção, e pelo veneno lento da corrupção, e da incredulidade geral.

Os mesmos escritores Francezes dizem fallando do caracter da sua Nação, que he hum composto do tigre, e do macaco. E quando não foi isto assim? Onde, e em que outro paiz se tem feito parecer no cadafalso toda huma familia reinante? Onde, e em que outro paiz se tem blasfemado tanto contra Deos, e contra a Religião? Onde, e em que outro paiz se tem jamais visto os vicios, e os crimes mais abominaveis sancionados pelo uzo, e pelas Leis? Lancemos hum golpe de vista sobre os falsos, e infames raciocinios de suas produçoens, sobre a devassidão de sua vida, e de seos costumes, sobre os horrores da revolução, sobre o sangue derramado assim no seu paiz, como nos outros: tem-se-jamais ouvido dizer d'outro algum paiz que velhos de cem annos, e innocentes no ventre de sua may fossem condemnados á tortura, e á morte? Onde está a humanidade? Onde se achão vestigios de moralidade, e de virtude? Tal he a Nação contra quem estamos em armas! Julgai se pode haver alliança entre a piedade, e a irreligião, entre o vicio, e a virtude. Longo tempo estive-mos em erro a respeito desta a Nação, julgando a digna de nossa estima, de nossa amizade, e ate de nossa imitação. Nos aquecemos, e nutrimos huma serpente em nosso seio, huma serpente, que dilacerando a si mesma as entranhas, lançou sobre nos seu veneno, e que para nos agradecer nossa inclinação, nosso affetto, e amor, quiz enlaçar-nos para nos ferir com seu dardo. Envergonhemo-nos de nossa fraqueza; he mais honroso, e mais seguro tornar a erguer-nos, depois de termos cahido, do que ver o erro e a adornecermos nelle. A amizade, e as manciaras seductororas de hum povo corrompido encerrão mais perigos para nos, do que sua inimizade, e seos exercitos. Rendamos graças a Deos! A pezar de sua justa colera, elle he nosso Pai, e vela sobre nos. A Providencia, enviando-nos a calamidade nos mostra ainda sua misericordia. As riquezas perdidas reparao-se pela economia, e compensao-se por meio da industria. Nossa fortuna pode augmentar-se ao centuplo. Mas a depravação de nossos costumes, e a propensão funesta para a irreligião, e impiedade nos sepultaria no abismo da destruição. Hum exemplo tao insigne como o que se passa á nossa vista, tao cheio de crimes, como aquelle que brilha no clarao das chamas de Moscow, e que está sellado com nosso sangue, e nossas feridas, nos deveria—abrir os olhos, e convencer-nos de que entre duas alternativas só temos que escolher a de continuar nossa parciali-

dade para com este povo impio, a fim de sermos seos vassallos não menos impios do que elle, ou de romper com elle toda a connexão moral para voltarmos á innocencia, á pureza de nossos costumes e sermos sempre em o nome, no coração, e no espirito os valorozos, e fieis Russos.

He preciso rezolver-nos por huma vez a pôr huma barreira entre o bem, e o mal, para que este nos não sobrevenha. Desta sorte instruidos pela experiencia á custa de nosso sangue, e pelas calamidades, nós nos levantaremos de novo, chegaremos a verdadeira gloria, asseguraremos a tranquillidade, e a paz para nossos dependentes.

---

#### CARTA INTERCEPTADA DE BONAPARTE

Para Maret, Duque de Bassano, achada entre os papeis do Secretario do mesmo Duque.

*Moscow, 16 de Outubro.*

DUQUE DE BASSANO,

Eu tenho comigo aqui dois regimentos, que se tem distinguido na vanguarda do grande exercito, mas que tem soffrido muito como era d'esperar. Não poderia o Rey de Prussia substituir estes dois regimentos por outros dois frescos, e bem montados? Os primeiros poderião entãõ voltar para a Prussia, e postos outra vez em estado de servir. O Rey ganharia por todos os modos neste arranjo, porque não teria occasião de fazer de repente huma despeza taõ consideravel para remontar estes dois regimentos, que tem sido disciplinados, e exercitados nas grandes manobras. Eu tenho dado ao contingente de Prussia sua direcção natural, enviando para Riga: mas eu dezejava muito que o soccorro da minha septima divizão nao fosse mais necessario ali. Eu dezejo pois saber do Rey de Prussia se elle consentiria em fazer hum augmento de 1,000 homens de Cavallaria, e de 6,000 de infantaria, que poderião hir parã Riga, e substituir a 7 divizão? O Rey poderia facilmente tirar estas tropas de Konigsberg, de Colberg, e de Graudentz: ellas poderião taobem chegar em poucos dias. Estas ultimas serião substituidas por aquellas que se poderião fazer vir de mais longe, completando

alguns cadastros de regimentos, ou fazendo vir tropas da Silezia. Desta maneira o Rey de Prussia formaria hum cordão de 4,000 homens de Cavallaria, e de 20,000 de infantaria.

Servos-ha facil fazer-lhe comprehender que he do seu interesse, que esta guerra se termine promptamente: porque durante que ella dura, esta luta deve cauzar-lhe grandes inconvenientes, e que não ha mais do que huma efficaz maneira de a terminar, que he de mostrar á Russia, pelos poderozos meios que o Imperador tem de recrutar seos exercitos, não só em seos proprios estados, mas taobem pelos soccorros, que lhe fornecem seos alliados, que as esperanças que ella nutre de arruinar seo exercito, são seu fundamento, e perfeitamente illuzorias.

He preciso uzar da mesma linguagem para com a Austria, bem como com a Baviera, Saxonia, Stutgard, &c. Não só eu dezejo que se m'enviem reforços, mas dezejo taobem que sua força seja exagerada, e que estes Soberanos ordenem que se publique em suas gazetas não só o grande numero de tropas que m'enviaõ, mas que dupliquem o numero em suas relações: bem entendido que o corpo Prussiano que está prezentemente em Memel não deve ser comprehendido nestes reforços. Eu rogo a Deos que vos tenha em sua santa, e digna guarda.

(Assignado)

NAPOLEAÕ.

---

### BOLETIM XXV.

Rezumo das operaçoens dos exercitos Russos commandados pelo Principe Kutuzow, desde 9 ate 13 de Novembro.

*A 9 de Novembro.*—O Ajudante de campo de Sua Magestade Imperial o Conde Orloff Denizoff perseguio com vantagem os destacamentos dos forrageadores Francezes, e lhes tomou 126 homens, e 22 carros. A perda do inimigo em mortos monta a 200 homens.

O Coronel Adrianoff atacou hum destacamento do inimigo junto de Dubutothina, po-lo em fugida, e tomou-lhe huma bandeira, 175 prizioneiros, e seis carros.

O inimigo manteve-se algum tempo no convento de Bal-

din, mas percebendo que nossa cavallaria se hia approximando, fugio precipitadamente, depois de fazer saltar pelo ares trinta e oito carros, queimado algumas carretas, e lançado hum canhão no fosso do convento.

O Conde Orloff obteve vantagens consideraveis na vizinhança de Guichkow. Elle matou ao inimigo mais de 200 homens, e fez 180 prizioneiros, a maior parte pertencentes ás guardas Francezas. Elle tomou alem disso trinta carros de provizoens, que o inimigo tinha junto na estrada.

*A 10 de Novembro*—O Conde Orloff Denizoff refere que muitos dos seus destacamentos tendo encontrado o inimigo junto de Barca de Solovino o atacaraõ impetuosamente, e lhe tomaraõ oito carros de cartuchos, huma forja, &c. e fizeraõ 155 prizioneiros. No mesmo dia, outros destacamentos, de baixo das suas ordens fizeraõ 102 prizioneiros.

O General Conde Orloff Denizoff, tendo sabido, que o inimigo em numero de 9,000 marchava em tres divizoens pela estrada de Jellnia para Smolensko, o General, tendo feito sua junção com tres corpos de partidas rezolveo atacar huma destes divizoens postada na aldea de Lewkowo. O inimigo percebendo sua intenção tomou promptamente huma altura nas vizinhanças. Mas tendo sido desalojado pela nossa artilharia, retrocedeo para a aldea, onde foi immediatamente cercado pela nossa cavallaria, e obrigado a depôr as armas, depois de chama fraca resistencia.

He esta a primeira vez na guerra actual, que hum corpo inteiro depoz as armas. Elle consistia em dois mil homens, e sessenta officiaes commandados pelo General Augereau.

O inimigo tinha mandado alguma cavallaria em soccorro do General Augereau: mas o Conde a destroçou, e perseguio com huma grande carnagem.

O General Malerodovitch refere em data de 9 de Novembro, que o inimigo na sua retirada de Dorogobush para o rio Ougeat, perdera tres peças de artilharia; e o General Jourkossky que tinha perseguido o inimigo com a cavallaria ligeira ate á Barca de Tolowieuro fez 90 prizioneiros, tomou 18 peças d'artilharia, e 60 carros.

Depois da batalha de Borodino a 7 de Setembro, nosso grande exercito tem tomado ao inimigo 209 peças d'artilharia: o O General Tormazoff tomou 8, o Conde Wittgenstein 29—total 246 peças.

Alem desta perda he indubitavel que o inimigo tem lançado muitos canhoens nos rios, e enterrado muitos outros nos bosques, e nas alagoas; e esta circumstancia he confirmada pela relação dos paizanos, e dos prizioneiros.

O Quartel General do Exercito Russo esta a 13 de Novembro na aldea de Ballontino, 40 werstes ao sul de Smolensko.

---

BOLETIM XXVI.

Rezumo das operaçoens dos differentes Cprpo do exercito commandando pelo Marechal Principe Kutuzow, desde 11 ate 15 de Novembro de 1811.

A 11 de Novembro, o General Millaradovitch refere que a 9 a vanguarda debaixo do seu commando estava na aldea de Alexecoli: no dia seguinte na aldea de Yakoff. O Tenente General Sheppelef refere, que hum destacamento, que elle tinha enviado a 29, encontrara hum corpo inimigo, e o expulsara d'Elnee: huma partida de Cosacos do Don perseguio pela estrada de Smolensko. O Quartel General do exercito está hoje na aldea de Lobroff.

A 12 de Novembro.—O Tenente General Conde Orloff Denizoff sabendo que hum destacamento consideravel de forrageadores de depozito de Cavallaria, e d'Artilharia do inimigo estava disperso nas aldeas, o atacou, matou mais de 1,500 homens, fez 1,300 prizioneiros, tomou 1,000 cavallos, e quatro centos carros, a maior parte carregados de muniçoens.

Dois corpos do General Millaradovitch avançaõ para a aldea de Ivergkoff.

O exercito fez alto.

A 13 de Novembro.—O Capitaõ Naschokin dos Hussards da guarda, destacado pelo Ajudante General Conde Orgeroff, atacou com alguns cassadores, e alguma Cavallaria ligeira, hum destacamento inimigo na aldea de Smorai: o combate durou quatro horas; o inimigo retirou-se para a aldea de Michailoff, onde foi perseguido de perto.

Destacamentos commandados pelo Principe Radbolck e outro destacamento enviado pelo Major General Carpo fizeraõ mais de 100 prizioneiros.

O General Millaradovitch refere em data de 12 de Novembro, que o Major General Neaff fizera 150 prizioneiros em Charvanaoff.

O Major General Volosdiñi informa, que o Coronel Kreiganobski derrotara hum destacamento de 700 homens,



commandados pelo Major Aberjou; matou parte delle, e fez prizioneiros os mais, que consistiao em 370 homens, 18 officiaes, e hum cirurgiao.

O Major General Platoff refere em data de 9 de Novembro que tendo perseguido o corpo de Beauharnois, e encontrára no rio Bone junto da terra de Yandsoff, e que apezar da vantagem da pozicao do inimigo, o atacara, e lhe tomou alem de mortos, e feridos 200 homens e 33 peças de artilharia. Elle accrescenta que no perseguimento do corpo de Beauharnois a 8 de Novembro, tomara 69 peças em lugar de 62 de que fez mencao na sua primeira conta. O General Platoff esta perseguindo os restos deste corpo.

O Adjudante General Orlof Denizoff atacou o inimigo durante sua marcha para Krasnoi, matou-lhe 500 homens, e fez 400 prizioneiros a 12 deste mez.

*A 14 de Novembro.*—O Almirante Tchichagoff refere que a 11 deste mez deixára no principado de Varsovia hum corpo debaixo do commando do General Sachen. Elle marchou com o resto do seu exercito para Preyan com a intencao de ganhar Minsk pela estrada de Slonim, e de Nesvich: e fazia conta de estar em Minsk a 17 ou 19 de Novembro. Elle mandou ao Major General Leiders, e ao Tenente General Eartel ordem de marchar para Minsk, o primeiro de Volhynia por Pinsk, e o segundo, de Mozer por Lutsk: elle devia taobem enviar partidas de tropas ligeiras para o lado de Wilna para manter a communicacao com os destacamentos sobre o flanco.

Tendo sabido por alguns artilheiros Francezes feitos prizioneiros, os lugares onde o inimigo tinha escondido canhoens, e armas, desenterraraõ-se, junto do mosteiro de Boldinsk, 27 canhoens, 15,000 bombas, 5 a 6,000 espingardas, e 500 espadas. O Quartel General do exercito está hoje na aldea de Uroff.

*A 15 de Novembro.*—O Major General Platoff refere em data de 11 deste mez, que tendo o corpo de Beauharnois deixado Duckotchina, e tomado a estrada de Smolensko, elle continua a perseguir-lo, e a cortar-lhe toda a especie de provizoens e de forragem.

O Ajudante General Conde Ogeroff informa na data de 14 de Novembro, que atacara a aldea de Krasnoi. Os Casadores, apezar do fogo de metralha do inimigo atacaraõ suas columnas á bayoneta calada, e depois de hum combate em que nossa artilharia, e nossa cavallaria forao involvidas, entraraõ na povoacao: mas descobrindo fortes columnas inimigas que vinhaõ de Smolensko, nossas tropas se retiraraõ a tres werstes de Krasnoi. Nos fizemos prizioneiros nesta accao hum Coronel e 250 homens.

O Tenente General Conde Ostermann Tolstoy referé que estando a 14 com sua divizão d'infantaria na aldea de Kovi-zoff, e tendo recebido noticia que o inimigo estava a werste e meia de distancia, destacou hum esquadrao do regimento de Kalmopolsky, que matou huma parte do destacamento inimigo, e fez dez prizioneiros.

O General Millaradovitch refere, em data de 12, que da aldea de Knageneim enviara huma patrulha para a estrada de Smolensko e Krasnoi para reconhecer o inimigo, e trouxe 17 prizioneiros. No mesmo dia, o Conde Ostermann Tolstoy enviou o regimento de dragoens de Pskofky a reconhecer as aldeas occupadas pelo inimigo; este regimento descobrindo tres esquadroens de cavallaria os atacou, e fez prizioneiros 5 officiaes, e 290 homens.

---

## BOLETIM XXVII.

### CONTA

Do Marechal Principe Kutuzoff dirigida a S. M. I. do Quartel General de Dubrovo a 18 de Novembro de 1812.

Depois da batalha de Viasma de 22 de Outubro meu exercito tem empregado todos os meios possiveis para cercar, senao todos os corpos do inimigo, ao menos sua vanguarda na estrada de Telna para Krasnoi, e o conseguiu completamente a 17 e 18 de Novembro.

A 16 o exercito se poz em movimento, e marchou para diante de Krasnoi cinco werstes. A vanguarda bateo-se com o inimigo, que foi derrotado pelo Tenente General Onverow. Nos tomamos huma bandeira, alguns canhoens, e fizemos hum grande numero de prizioneiros, entre os quaes se acha hum General.

O General Millaradovitch, que commandava a vanguarda com o segundo corpo d'infanteria ligeira, e o segundo de cavallaria, vendo que o corpo commandado pelo Marechal Davoust se approximava a Krasnoi, destacou para ali o Tenente General Principe Galitzin. O inimigo conbecendo, que estava cercado por todos os lados começou a defender-se. Nossa artilharia fez huma carniceria terrivel nas fi-

leiras inimigas. Napoleão foi testemunha da batalha; e sem esperar o resultado, fugio com toda a sua comitiva para a aldeia de Liadam, e abandonou o corpo de Davoust.

A batalha durou todo o dia: o inimigo, completamente batido se dispersou pelo bosque vizinho que occupa huma extensão de cinco werstes ao longo das margens do Dnieper. Desta sorte o corpo do General Davoust foi completamente destruido. A perda em mortos, e feridos he immensa (avalia-se em mais de 12,000): tomamos dois Generaes, cinquenta e oito officiaes de diversas graduacoens, 9,170 prizioeiros, 70 peças d'artilharia, tres bandeiras, e o bastão de Marechal Davoust.

---

### BOLETIM XXVIII.

#### Segunda conta do Principe Kutuzoff a Sua Magestade Imperial.

Recebendo a 17 de Novembro noticia que o corpo de Ney que formava a retaguarda do inimigo estava na estrada de Krasnoi, eu fiz as dispoziçoens seguintes.

Para segurar a victoria, e cortar inteiramente sua communicação com o resto do exercito, reforcei o General Millaradovitch com o 8. corpo, e lhe ordenei que obstasse a que o Marechal Ney avançasse, e que tomasse huma posição nas aldeas de Syroherie, e de Tcherniska. O Major General Loourkouski percebeo pelas tres horas da tarde que o inimigo avançava. Hum nevociro muito espesso não lhe permittio o assegurar-se do numero dos inimigos, que se avançaraõ ate mui perto de nossas baterias. O inimigo tentou debalde romper nossas linhas, e recebeu na distancia de 250 passos huma descarga geral de mosqueteria, e de 40 peças d'artilharia, cujo effeito lhe foi mui funesto. Vendo que não havia meio d'escapar enviou hum parlamentar ao General Millaradovitch. A meia noite; o corpo inteiro do inimigo composto de 12,000 homens, foi obrigado a depôr as armas. Toda a sua artilharia em numero de 27 peças, toda a sua baggagem, e a caixa militar, saõ os fructos de nossa victoria. Em o numero dos prizioeiros ha mais de cem officiaes de diferentes graduacoens. O Marechal Ney foi ferido, e salvou-se fugindo. Elle foi perseguido pelos Cosacos para la do Dnieper. A perda do inimigo he enorme: segundo a relação dos prizioeiros, quatro Generaes de divizão foraõ feridos. Nossa perda em mortos, e feridos não passa de 500 homens.

O exercito está prezentemente em Krasnoi, e a vanguarda em Dowbrowna, donde seguiremos os movimentos do inimigo.

O General Platoff me informa pela carta incluzada, que o inimigo deixou a poz de si na distancia de 17 werstes de Smolensko, 112 peças de artilharia.

---

CARTA

Do General Conde Platoff ao Marechal Principe Kutuzoff em data de 17 de Novembro.

O Capitao Parkin chegou com as raçoens, depois que eu tinha assignado minha conta de hontem a V. A.: elle diz que a 17 werstes de Smolensko, contara na grande estrada 112 peças de artilharia, alem de hum grande numero de caixoens, e de carros. Eu naõ possa mandar a V. A. huma relação em forma, porque nada a naõ recebi do Governador de Smolensko. Eu me uno a todos as tropas gritando—*Hourá! Alteza Serenissima!*

ADVERTENCIA.

Tendo inserido todos officios dos Generacs Russianos, julgamos escuzado publicar em nosso Jornal os officios de Lord Cathcart, que se referem áquelles.

REZUMO

Das perdas do Exercito Francez desde o 1. de Novembro ate 18 do mesmo mez.

Em mortos e feridos mais de	25,000
Prizioneiros	33,516
	<hr/>
Total	58,516
	<hr/>

Logo que S.M.I. soube officialmente da derrota dos Marechaes Davoust, e Ney, deo ao bravo Kutuzoff o bem merecido titulo de Principe de Smolensko, e o fez Cavalleiro da Ordem de S. Jorge da primeira Classe, honra que raras vezes se concede, e somente aos Marechaes, que tem vencido Marechaes. O Pai do Almirante Tschichagoff he o ultimo official que recebeo esta honra.

Por officio de Mr. Thornton Ministro de S. M. Britanica em Suecia, e recebido pelo Visconde de Castlereagh no dia 21 de Dezembro, se sabe que o Principe de Smolensko participára á Corte de Petersbourg em data de 24 de Novembro o seguinte:

“ O General Conde de Lambert, que commanda a vanguarda do Almirante Tschichagoff, batera a vanguarda de Bonaparte commandada por Dombrowski, e lhe fizera 3,000 prisioneiros. Os mortos sao em proporção.

“ O Conde de Wittgenstein está em Copsysse, e estabeleceo sua communicação com o Almirante Tschichagoff. Em sua Conta de 24 deste mez (Novembro), diz que tinha morto hum grande numero d'inimigos, e tinha feito 800 prisioneiros.

“ As noticias do Grande Exercito de 23 de Novembro dizem que o Principe de Smolensko marchava para Orsha, e Mohilow, n'huma linha paralella á retirada de Bonaparte. Nada podia embaraçar a junção de todos os exercitos, se ella for necessaria.”

## PROCLAMACAO

DO IMPERADOR DA RUSSIA.

Nos Alexandre Primeiro, pela Graça de Deos Imperador e Autocrata de todas as Russias, &c. &c. &c.

“ O mundo inteiro sabe a maneira com que o inimigo invadio nosso Imperio. Todos os nossos passos ; todos os meios a que recorremos preenchendo pontualmente as estipulaçoens dos tratados ; todas as nossas tentativas para affastar de nossos estados os effeitos de huma guerra destruidora, e mortifera, tudo foi baldado, e nada o pôde fazer renunciar o dèsignio, que tinha formado, e em que tem sido *inabalavel*. Entretanto que enunciava dezejos de paz, elle meditava a guerra: e tendo, finalmente junto hum exercito consideravel, que elle reforçou com Austriacos, Prussianos, Bavaros, Wirtembergez, Italianos, Hespanhoes, Westaphalianos, Portuguezes, e Polacos, que o temor, e a ignominia fizeraõ marchar em seu sequito, elle se poz em marcha com este exercito immenso, e penetrou no interior de nossa patria. A carniceria, o incendio, a destruição, tem assignalado todos os seos passos. As propriedades roubadas, as cidades, e aldeas incendiadas, as fumegantes ruinas de Moscow, o Kremlin que o inimigo fez saltar pelo ar, os templos, e os altares do Senhor destruidos ; n’huma palavra toda a casta de crueldade, e de huma barbaria inaudita, tem desenvolvido os horriveis designios, que este espirito infernal, havia longo tempo, tinha meditado contra a Russia. O grande e poderoso Imperio Russo, possuindo tudo em abundancia despertou no coração deste inimigo feroz a enveja, e o medo. O resto do mundo não lhe bastava em quanto não visse reduzidas ao seu dominio as ferteis campinas da Russia. Devorado seu coração de hum odio, e ciume infernaes, elle meditou nos meios de dar hum golpe fatal á Russia, destruir seu poder, arruina la, e seccar as proprias fontes de sua prosperidade. Elle tinha tambem concebido a esperança de conseguir por seos artificios, e lizonja, abalar a fidelidade de nossos vassallos ; abalar a religião, profanando os templos do Eterno, e ferir, e abalar a imaginação com suas extravagancias. Elle tinha fundado seos planos de destruição em suas abominaveis esperanças, e entrou na Russia, julgando que discorri

ria por ella como aquellas tempestades de cujo seio sahem a peste, e a morte.

As desgraças de nossa patria tem fixado as vistas do Universo; o Universo espantado gemeo ao saber o abraçamento de Moscow, e persuadió-se que nossa liberdade, e independencia tinhão ficado sepultadas debaixo de suas ruinas fumegantes. Mas o triumpho do inimigo foi mui curto: perseguido de todas as partes por nossos valorosos exercitos, e por nossas bravas milicias, elle conheceo bem depressa que sua temeridade o tinha arrastado mui longe; que nem seos exercitos, nem suas crueldades, podião intimidar os Russos; que seos artificios nao podião seduzi-los, e que seu exercito, seos artificios, e suas crueldades nao podião embarçar sua destruição. Depois de muitos esforços infructuosos, em que seu innumeravel exercito tem sido destruido, e anniquilado, elle procura com os restos deste exercito sua salvação pessoal na fugida: e he pela rapidez desta, que elle espera ainda escapar. Elle fugio de Moscow com tanto abatimento, e susto, quanta foi a insolencia, e orgulho com que ate ali tinha avançado: elle foge abandonando em sua marcha sua artilharia, e suas bagagens, sacrificando tudo o que lhe parece capaz de retardar sua fugida; elle foge vendo cahir, a milhares, junto a seu lado aquelles com quem mais contava para o protegerem em sua fugida. Eis aqui o castigo que a justiça de Deos reserva aos que insultão seos templos. Nosso coração paternal goza com transporte das grandes acçoens de nossos fieis vassallos, e leva aos pez do Eterno o tributo de seu reconhecimento. Depois de ter preenchido este primeiro dever para com o Ente Supremo, nos dirigimos nossos agradecimentos a todos os nossos fieis vassallos, que se tem mostrado verdadeiros filhos da Russia. Sua coragem invencivel, e sua perseverança tem d'alguma sorte, anniquilado o soberbo inimigo, que ousou calcar o solo Russo com pé sacrilego: suas innumeraveis legioens ou tem perecido, ou tem depositado as armas.

Todos os nossos vassallos tem contribuido para livrar a Patria. Por toda a parte nossos valentes exercitos tem ficado victoriosos. A Nobreza nada tem poupado para augmentar a força do Estado. Os negociantes tem feito sacrificios de todo o genero. O Povo, os cidadaons, os paizanos, tem dado provas de fidelidade, e d'amor para com sua Patria, que só da Nação Russa pode esperar-se. Elles entraraõ voluntariamente, e com o maior zelo, e ardor em as novas levás, e tem mostrado huma coragem igual á dos veteranos: elles tem penetrado nas fileiras inimigos com huma intrepidez igual á dos antigos soldados, nao tendo outras armas, senão os instrumentos, que algumas semanas antes, lhes serviaõ para

fertilizar seos campos. Em Polotsk, e n'outras partes, as novas levas de St. Petersburgo, e de Novogorod, no exercito do General Wittgenstein, tem mostrado ao inimigo, que bastava ser Russo para defender o territorio da Russia, e expulsar d'elle o atrevido, que ouzasse invadi-lo. Nos temos visto com a mais viva satisfacão os paizanos dos diversos Governos e particularmente os de Moscow, e de Kalouga armar-se, escolherem-entre si mesmos chefes, e nao só resistir a todas as seducçoens, mas submetter-se a todas as calamidades, que elles tem supportado com a perseverança dos Martires. Frequentemente se tem unido aos destacamentos de nossas tropas enviadas contra o inimigo. Em muitas aldeas os habitantes, depois de terem occultado suas mulheres, e seos filhos nos bosques, se tem armado, e jurado sobre o evangelho de se nao separar no momento do perigo; tem esperado o inimigo, tem-se precipitado sobre elle de tal sorte, que corpos inteiros de tropas Francezas tem sido feitos em postas por estes bravos, e fieis paizanos, que ordinariamente vem suas mulheres combater a seu lado; e milhares de prizioneiros devem a vida a estes mesmos habitantes, que elles acabavaõ de saquear, de degolar, e cujas cazas acabavaõ de reduzir a cinzas por ordem de seu chefe sanguinario.

Este heroismo, esta invencivel perseverança immortalizarão a Nação Russa. Com hum tal Povo, nos nao podemos deixar de conceber as mais fundadas esperanças. Nos nos unimos á Verdadeira Igreja, ao Santo Synodo, e ao Clero, para implorar o auxilio de Deos, a fim de que, se nosso inveterado inimigo, e o impio que profanou os templos de Deos, e tudo o que era sagrado, nao foi inteiramente destruido, e anniquilado na Russia; ao menos as profundas feridas que elle tem aqui recebido, e o sangue que lhe tem custado a entrada nestè Imperio, o obriguem a reconhecer a força, e o poder Russo.

Nos consideramos ao mesmo tempo, como hum de nossos deveres o exprimir publicamente, á face do Universo, nosso reconhecimento para com a valorosa, fiel, e religioza Nação Russa, e render lhe por esta declaracão solemne a justiça que lhe he devida.

Dada em St. Petersburgo a 15 de Novembro de 1812, depois do nascimento de Jesus-Christo, e do duodecimo de nosso reinado.

(Assignado)

ALEXANDRE.



## EXTRACTO

Da Proclamação que o Principe de Smolensko dirigio ao exercito Russo em 20 de Novembro de 1812.

O Principe, depois de expor a serie de acçoens, e de victorias que os exercitos Russos tem obtido continua da maneira seguinte—

“ A vista dos extraordinarios successos, que diariamente, e por toda a parte obtemos contra o inimigo, nada mais nos resta que fazer, senão persegui-lo rapidamente; e entao, pode ser, que ate o mesmo solo Russo, que elle julgou poder subjugar, será coberto, e semeado de seos ossos. Persegamo-lo pois, sem lhe dar hum só momento de repoizo. O inverno acompanhado de seos gelos, e neves he ja chegado: mas que tendes vos que temer bravos filhos da Russia! Vossos peitos d'ação nem temem o rigor das estaçoens, nem a malicia do inimigo: são as muralhas naturaes de vossa patria, que devem frustrar todas as tentativas de Bonaparte! Vos sois igualmente capazes de supportar, todas as precizoens momentaneas, se for necessario. Bons soldados, mostrai-vos por vossa paciencia, e firmeza dignos de combater ao lado dos veteranos; segui o exemplo que estes daõ aos Jovens Soldados. Lembre-se cada hum de vos de Suwarow: elle sabia supportar o frio, e a fome quando se tratava de huma victoria, ou da gloria da Nação Russa! Avancemos, Soldados! Deos he comnosco: o inimigo batido está diante de nos; praza ao Ceo que a pos de nos possa existir a paz e a felicidade!

---

---

## SUECIA.

---

Ha quasi hum anno que nós sustentamos, contra todos os Jornalistas Inglezes, contra a opiniao do mesmo Governo Inglez, que Bernadotte não era amigo de Bonaparte; que elle não seguia os interesses da França; que elle dezejava oor-

dealmente huma reconciliação com a Inglaterra : o tempo tem plenamente confirmado a nossa opiniao; e para nao restar nem sombra de duvida sobre o que entao dissemos, a Suecia acaba de assignar hum tratado de paz com a Hespanha pelo qual aquella reconhece Fernando VII. Rey das Hespanhas. Oxala que o Governo tomasse, ha hum anno, a rezolucao que tomou ha poucos mezes, e a boa cauza da Europa teria lucrado muito. Os factos erao mui claros, e decizivos para quem os quizesse ver, e analyzar sem prevencao.

---

## FRANCA.

---

### BOLETIM XXVIII.

*Smolensko, 11 de Novembro de 1812.*

O Quartel General do Imperador estava no 1. de Novembro em Viasma, e a 9 em Smolensko. O tempo tem sido mui bello ate 6, mas a 7 começou o inverno. A terra esta coberta de neve. As estradas tem-se tornado muito escorregadias, e mui difficeis para os cavallos de transporte. *Nos temos perdido muita gente pelo frio, e fadiga : os bivoaques de noite saõ-lhe mui nocivos.* (Ja hum boletim Francez fallou verdade !)

Depois da batalha de Maloiaroslawitz, a vanguarda nao tem visto senao Cosacos, que como os Arabes, girao pelos nossos flancos, para nos incomodar.

A 2 pelas 2 horas depois do meio dia 12,000 homens d'infantaria Russa cobertos por huma nuvem de Cosacos, interceptarao a communicacao a huma legua de Viasma entre o Principe d'Eckmuhl, e o Vice-Rey. O Principe d'Eckmuhl, e o Vice-Rey marcharao sobre esta columna, expulsarao-na da estrada, e a lancharao no bosque, tomarao hum Major General, e hum bom numero de prizioneiros (*quantos forao*) e tomarao seis peças de canhao. Desde entao nao vimos mais infantaria Russa, mas somente Cosacos.

*Em consequencia do mau tempo temos perdido desde 6 ate*

hoje mais de 3,000 de transporte, e quasi cem dos nossos carros de muniçoens tem sido destruidos.

Tendo o General Wittgenstein sido reforçado pelas divizoens Russas da Finlandia, e por hum grande numero de tropas de milicias, atacou a 11 d'Outubro o Marechal Gouvion St. Cyr: elle foi repellido pelo Marechal, e pelo General Wrede, que tomaraõ mais de 3,000 prizioneiros, e cobriraõ o campo da batalha de mortos. (*He perfeitamente o contrario.*)

A 20 o Marechal Gouvion St. Cyr, tendo sabido que o Marechal Duque de Belluno estava em marcha para o reforçar, repassou o Dwina, e foi encontra-lo, para depois de effectuada a junçaõ com elle, atacar Wittgenstein, e obriga-lo a repassar o Dwina.

O Marechal Gouvion St. Cyr fas o maior elogio de suas tropas. A divisãõ Suissa tem-se distinguido por seu sangue frio, e sua bravura. O Coronel Guchenué do 26. regimento d'infantaria ligeira foi ferido. O Marechal St. Cyr, recebeu huma ferida no pé. O Marechal Duque de Reggio chegou ja para o substituir, e retomou o commando do 2. corpo.

A saude do Imperador nunca foi melhor.

## HESPAÑHA.

## CONTINUACÃO

## Da Constituição da Monarquia Hespanhola.

## TITULO VI.

## Do Governo interior das Provincias, e dos Povos.

## CAPITULO I.

Dos *Ajuntamentos*, ou Governos municipaes.

Artigo 309. Para o governo interno dos povos haverá *ajuntamentos* compostos do alcaide, ou alcaides, dos regedores, e do Procurador sindico, prezididos pelo chefe politico, onde o houver, e em sua falta pelo alcaide, ou pelo primeiro nomeado entre estes, se houver dois.

310. Estabelecer-se-ha *ajuntamento*\* nos povos, que o nao tiverem, e em que for conveniente que o haja, nao podendo deixar de o haver naquelles povos, que por si, ou com o seu districto cheguem a mil almas, e se lhes assignará tao-bem termo correspondente.

311. As leis determinarão o numero de individuos de cada classe, de que se hao de compor os *ajuntamentos* dos Povos relativamente ao numero de vizinhos.

312. Os alcaides, regedores, e procuradores sindicos serao nomeados por eleição nos Povos, cessando os regedores, e mais pessoas, que servirem officios perpetuos nos *ajuntamentos*, qualquer que seja seu titulo, e denominação.

313. Todos os annos no mez de Dezembro se reunirão os cidadãos de cada povo, para eleger, á pluralidade de votos, com proporção ao seu numero de vizinhos, determinado nu-

\* Corresponde as nossas camaras.

mero d'eleitores, que rezidaõ no mesmo povo, a estejaõ no exercicio dos direitos de cidadãoõ.

314. Os eleitores nomearaõ no mesmo mez, á pluralidade de votos, o alcaide, ou alcaides, regedores, e procurador, ou procuradores syndicos, para que entrem a exercer seos cargos no primeiro de Janeiro do anno seguinte.

315. Os alcaides seraõ mudados todos os annos, dos regedores so ametade, cada anno, e da mesma sorte os procuradores syndicos, onde houver dois; se houver só hum, será mudado todos os annos.

316. O que tiver exercido qualquer destes cargos, não poder tornar a ser eleito para algum delles, sem que passem, pelo menos dois annos, permittindo o numero de vizinhos.

317. Para ser alcaide, regedor, ou procurador syndico, alem de ser cidadãoõ no exercicio de seos direitos, requer-se que seja maior de vinte, e cinco annos com cinco pelo menos de vizinhança, e residencia no povo. As Leis determinaraõ as mais qualidades, que estes empregados devem ter.

318. Não poderá ser alcaide, regedor, nem procurador syndico empregado algum publico nomeado pelo Rey, que esteja em exercicio, não se devendo comprehender nesta regra os que servirem nas milicias nacionaes.

319. Ninguem podera escurar-se sem cauza legal de qualquer dos empregos acima referidos.

320. Havera hum Secretario em todo o *ajuntamento*, eleito por este á pluralidade absoluta de votos, cujo ordenado será tirado dos fundos communs.

321. Estara a cargo do *ajuntamento*.

*Primo*, a policia sobre a salubridade, e commodidade.

*Secundo*, auxiliar o alcaide em tudo o que pertencer á segurança das pessoas, e bens do vizinhos, e á conservação da ordem publica.

*Tertio*, a administração e inversaõ dos cabedades de proprios, e arbitrios conforme as Leis e regulamentos, com a obrigação de nomear depositario debaixo da responsabilidade dos que o nomearem.

*Quarto*—fazer a distribuição, e arrecadação das contribuições, e remete-las á thezouraria respectiva.

*Quinto*—cuidar de todas as escolas de primeiras letras, e dos mais estabelecimentos d'educação, que forem pagos pelos fundos da commum.

*Sexto*—cuidar dos hospitaes, hospicios, cazas d'expostos, e mais estabelecimentos de beneficencia, debaixo das regras que se estabelecerem,

*Septimo*—cuidar da construcção, e reparação dos caminhos, calçadas, pontes, e carceres, dos montes, e planta-

ção da commum, e de todas as obras publicas de precizaõ, utilidade, e ornato.

*Oitavo*—formar as ordenanças municipaes do povo, e presenta-las ás Cortes para sua approvaçoõ por meio da deputação provincial, que as acompanhará com seu informe.

*Nono*—promover a agricultura, a industria, e o commercio segundo a localidade e circumstancias dos povos, e quarto lhes seja util, e proficuo.

322. Offerendo-se obras, ou outros objectos d'utilidade publica, e por naõ serem sufficientes os cabedaes de proprios for necessario recorrer a arbitrios estes naõ poderaõ impor-se senaõ obtendo por meio da deputação provincial a approvaçoõ das Cortes. No cazo de ser urgente a obra, ou objecto a que se destinãõ, poderaõ os *ajuntamentos* uzar interinamente delles com o consentimento da mesma deputação, entretanto que se obtem a rezoluçoõ dos Cortes. Estes arbitrios seraõ totalmente administrados, como os cabedaes de proprios.

323. Os *ajuntamentos* desempenharãõ todos estes encargos debaixo da inspecção da deputação provincial, a quem daraõ conta justificada, em cada anno, dos cabedaes publicos recebidos, e investidos.

---

## CAPITULO II.

Do Governo politico das provincias, e das Deputaçoes provinciaes.

Artigo 324. O Governo politico das provincias residirá no chefe superior, nomeado por El Rey em cada huma dellas.

325. Em cada provincia haverá huma Deputação chamada provincial para promover sua prosperidade, prezidida pelo chefe superior.

326. Esta Deputação sera composta do prezidente, do intendente, e de sete individuos eleitos na forma que se disser, sem prejuizo de que as Cortes para o futuro variem este numero, como o julgarem conveniente, ou o exijaõ as circumstancias, feita que seja a nova divizaõ de provincias de que trata o artigo II.

327. A deputação provincial se renovará cada dois

annos por ametade, sahindo a primeira vez o maior numero, e a segunda o menor, e assim por diante.

328. A eleição destes individuos se fará pelos eleitores de *partido* no dia depois de ter nomeado os deputados de cortes, pela mesma ordem com que estes se nomeaõ.

329. Ao mesmo tempo, e na mesma forma se elegeraõ tres substitutos para cada deputação.

330. Para ser individuo da deputação provincial he preciso ser cidadão em exercicio de seos direitos, maior de vinte cinco annos, natural, ou vizinho da provincia com rezidencia pelo menos de sete annos, e que tinha o sufficiente para se manter com decencia; e nao podera se-lo nenhum dos empregados nomeados por El Rey, de que trata o artigo 318.

331. Para que huma mesma pessoa possa ser eleita segunda vez, devera ter passado, pelo menos, o tempo de quatro annos depois de ter cessado em suas funcçoens.

332. Quando o Chefe superior da provincia nao poder prezider á deputação prezidira o Intendente, e em sua falta o vogal que for primeiro nomeado.

333. A deputação nomeara hum secretario, cujo ordenado sahira dos fundos publicos da provincia.

334. A deputação tera, quando muito, noventa dias de sessoens em cada anno, distribuidas nas epochas que mais convier. Na Peninsula deveraõ achar-se reunidas as deputaçoes no primeiro de Março, e no ultramar no primeiro de Junho.

335. Pertencerá a estas deputaçoes.

*Primo*—Intervir, e approvar a repartição feita aos povos das contribuiçoens que couberem a Provincia.

*Secundo*—vigiar sobre a boa administração dos fundos publicos dos povos, e examinar suas contas, para que sobre o seu bom exame recaia a approvação superior, tendo cuidado de que em tudo se observem as leis, e regulamentos:

*Tertio*—cuidar em que se estabeleçaõ *ajuntamentos*, onde os deve haver, conforme o que se acha determinado no artigo 310.

*Quarto*—Se acazo se offerecerem obras novas de commum utilidade da provincia, ou reparação das antigas, propor ao Governo arbitrios que julgarem mais convenientes para a sua execução, a fim d'obter a correspondentem permissaõ das Cortes.

No ultramar, se a urgencia das obras publicas nao permittir que se espere a resolução das Cortes, poderá a depu-

tação com expresso consentimento do Chefe da provincia, uzar desde logo dos arbitrios, dando immediatamente conta ao Governo para a approvaçõ das Cortes.

Para a arrecadação dos arbitrios a deputação, debaixo da sua responsabilidade, nomeara hum depozitario, e as contas depois d'examinadas pela deputação serao remettidas ao Governo, para que as faça reconhecer, e glozar, e as passe finalmente ás Cortes para sua approvação.

*Quinto*—Promover a educação da mocidade conforme os planos approvados, e fomentar a agricultura, a industria, e o commercio, protegendo os inventores de novos descobrimentos em qualquer destes ramos.

*Sexto*—Dar parte ao Governo dos abuzos, que notarem na administração das rendas publicas.

*Septimo*—Formar o censo, e estadística das provincias.

*Oitavo*—Cuidar em que os estabelecimentos piedosos, e de beneficencia preenchão seu respectivo objecto, propondo ao Governo as regras, que julgarem conducentes para a reforma dos abuzos, que observarem.

*Nono*—Dar parte ás Cortes dos infracçoens da constituição que se notarem na Provincia.

*Decimo*. As deputações das provincias do Ultramar vigiarão sobre a economia, ordem, e progressos das missoens para a conversão dos Indios infieis, cujos empregados lhe daraõ conta de suas operaçoens neste ramo, para que se evitem os abuzos : o que tudo as deputações porão na presença do Governo.

336. S'alguma deputação abuzar de suas facultades, o Rey podera suspender os vogaes, que a compoem, dando parte ás Cortes desta disposição e dos motivos della para a determinação correspondente : durante a suspensão, os substitutos entraraõ a servir.

337. Todos os individuos dos *ajuntamentos*, e das deputações de provincia ao entrar no exercicio de suas funcçoens, prestarão juramento, aquelles nas maons do chefe Politico onde o houver, ou em sua falta nas maons do alcaide, que for primeiro nomeado ; e estes nas do Chefe superior da provincia, de guardar a constituição politica da monarchia Hespanhola, observar as Leis, ser fieis ao Rey, e cumprir religiosamente as obrigaçoens de seu cargo.



## TITULO VII.

## Das Contribuiçoens.

## CAPITULO UNICO.

Artigo 338. As Cortes estabelecerão, ou confirmarão annualmente as contribuiçoens, directas, ou indirectas, geraes, provinciaes, ou municipaes, subsistindo as antigas, ate que se publique sua derogação, a impozicação d'outras.

339. As contribuiçoens se repartirão entre todos os Hespanhoes com proporção ás suas facultades, sem excepção, nem privilegio algum.

340. As contribuiçoens serão proporcionadas aos gastos que forem decretados pelas Cortes para o serviço publico em todos os ramos.

341. Para que as Cortes possam fixar os gastos em todos os ramos do serviço publico, e as contribuiçoens, que devem cobri-los, o Secretario do Despacho de Fazenda apresentará logo, que estejão reunidas, o presuppuesto geral dos que se julgarem precisos, recolhendo de cada hum dos outros Secretarios do Despacho o que he relativo ao seu ramo.

342. O mesmo Secretario de Despacho da Fazenda apresentará com o presuppuesto dos gastos o plano das contribuiçoens, que julgar mais conveniente substituir.

343. Se alguma contribuição parecer ao Rey gravosa ou prejudicial, elle o manifestará ás Cortes pelo Secretario do Despacho da Fazenda, apresentando ao mesmo tempo a que julgar conveniente substituir.

344. Fixada a quantia da contribuição direita as Cortes approvarão a repartição della entre as provincias, a cada huma das quaes se assignará a quota parte correspondente á sua riqueza, para o que o Secretario do Despacho da Fazenda apresentará taobem os dados necessarios.

345. Havera huma thezouraria geral para toda a Nação, e a ella pertencerá o dispor de todos os productos de qualquer renda destinada para o serviço do Estado.

346. Havera em cada provincia huma thezouraria na qual entrarão todos os cabedaes que nella se receberem para o erario publico. Estas thezourarias estaraõ em correspondencia com a geral, a cuja dispozição estaraõ todos os seos fundos.

347. Nenhum pagamento se levara em conta ao thesoireiro geral, não sendo feito em virtude do decreto d'El Rey,

referendado pelo Secretario do Despacho da Fazenda, no qual se expressem o gasto a que se destina seu importe, e o decreto das Cortes com que este se authoriza.

348. Para que a thesoiraria geral apresente sua conta com a pureza necessaria a somma, e a data deverao ser respectivamente examinada pelas contadorias da receita, e despezas da renda publica.

349. Huma instrucção particular regulará estas Contadorias, de maneira que sirvaõ para os fins do seu instituto.

350. Para o exame de todas as contas dos cabedaes publicos haverá huma Contadoria maior de contas, que sera organizada por huma ley especial.

351. A conta da thesoiraria geral, que deve comprehender o rendimento annual de todas as contribuiçoens, e rendas, e sua distribuição, logo que receba a final approvação das Cortes, sera impressa, publicada, e remetida ás deputaçoes de provincia, e aos *ajuntamentos*.

352. Da mesma sorte p'imprimiraõ, publicaraõ, e circularaõ as contas que dèrem os Secretarios do Despacho dos gastos feitos em seos respectivos ramos.

353. O manejo da fazenda publica estarã sempre independente de qualquer outra authoridade que naõ seja aquella a quem está encarregado.

354. Naõ haverá alfandegas senaõ nos portos de mar, e nas fronteiras; bem que esta dispozição so tera effeito, quando as Cortes o determinarem.

355. A devida publica reconhecida sera huma das primeiras attençoens das Cortes; e estas teraõ o maior cuidado em que se va progressivamente verificando sua extincção, pagando-se sempre os interesses devidos, regulando tudo o que he relativo á direcção deste importante ramo, tanto pelo que pertence aos arbitrios, que se estabelecerem, os quaes se manejarã com absoluta separação da thesoiraria geral, como pelo que diz respeito ás officinas de receita, e despeza.

## TITULO VIII.

## Da força Militar Nacional.

## CAPITULO I.

## Das tropas permanentes, ou de continuo serviço.

Artigo 356. Haverá huma força militar nacional permanente, de terra, e mar, para defenza exterior do Estado, e conservação da ordem interior.

357. As Cortes fixarão annualmente o numero de tropas, que forem necessarias segundo as circumstancias, e o modo de levantar as que for mais conveniente.

358. As Cortes fixarão da mesma sorte annualmente o numero de navios da marinha militar, que haõ de armar-se, ou conservar-se armados.

359. As Cortes estabelecerão por meio das respectivas ordenanças tudo o que for relativo á disciplina, ordem d'accessos, soldos, administração, e quanto disser respeito á boa constituição do exercito, e armada.

360. Estabelecer-se-hão escolas militares para o ensino, e instrucção de todas as differentes armas do exercito, e armada.

361. Nenhum Hespanhol podera escuzar-se do serviço militar, quando, e na forma por que for chamado pela Lei.

## CAPITULO II.

## Das milicias nacionaes.

Artigo 362. Haverá em cada provincia corpos de milicias nacionaes compostos de habitantes de cada huma delles, com proporção á sua população, e circumstancias.

363. Regular-se-ha por huma ordenança particular o modo de sua formação, seu numero, e constituição especial em todos os seus ramos.

364. O serviço destas milicias não será continuo, e só tera lugar quando as circumstancias o exigirem.

365. Em cazo necessario poderá o Rey dispor desta força dentro da respectiva provincia ; mas não poderá emprega-la fora della, sem consentimento das Cortes.

(Continuar-se-ha.)

Officio do Secretario d'Estado de Hespanha ao Embaixador de Sua Magestade Britanica, participando-lhe a nomeação do Excellentissimo Senhor Marquez de Torres Vedras para Commandante em Chefe dos Exercitos Hespanhoes.

Excellentissimo Senhor.

Tenho a honra de participar a V. Exc. que as Cortes Geraes e Extraordinarias, desejando aproveitar os triumphos gloriosos das armas alliadas para pôr termo aos males da guerra que tem affligido a Nação : considerando que nada pode contribuir tanto para se alcançar este importante objecto, como o ficarem debaixo das ordens de hum só Chefe todas as tropas Hespanholas da Peninsula, para haver unidade nos planos e operaçoens das forças alliadas : e apreciando altamente os talentos distinctos e relevantes serviços do Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, Capitaõ General dos exercitos nacionaes : decretáraõ em sessaõ secreta que se lhe conferisse o commando em Chefe de todos, em quanto durar a cooperaçãõ das forças alliadas, exercendo-o na conformidade das Ordenanças Geraes ; com a differença unica de se estender a todas as provincias da Peninsula, o que se ordena no art. 6. tit. 1. trat. 7. das ditas Ordenanças, cuja copia remetto inclusa : devendo aquelle illustre Commandante entender-se com o Governo Hespanhol pela Secretaria do Despacho Universal da Guerra.

Ordena-me a Regencia do Reino que rogue a V. Exc. haja por bem transmittir esta importante communicaçãõ ao Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo, com a possivel brevidade : não duvidando S.A. que este dignissimo General verá na referida determinaçãõ das Cortes, o testemunho mais solemne

e authenticos da gratidão nacional, aos eminentes serviços que tem feito á Hespanha, e da grande confiança que lhe merece pelos talentos extraordinarios e virtudes militares que o adornão, e pelo zelo superior com que se emprega em beneficio da causa commum.

Com impaciencia espera S. A. R. saber que o Senhor Duque de Ciudad-Rodrigo acceitou o referido commando, para que possa, com a noticia official de se ter assim verificado, passar-se a publicar a Resolução das Cortes que lho confere.

Sirva-se V. Exc. receber com este motivo os mais sinceros protestos da minha alta consideração e estima. Deos guarde a V. Exc. muitos annos. Cadiz, 25 de Setembro de 1812. Excellentissimo Senhor, Beja as maos de Vossa Excellencia o seu mais attento e fiel servo.

(Assignado)

Ignacio de la Pezuela.

Resposta do Excellentissimo Senhor Marquez de Torres Vedras, ao Embaixador de Sua Magestade Britanica, na participação que este lhe fez da Nomeação das Cortes para Commandante em Chefe dos Exercitos Hespanhoes.

Excellentissimo Senhor.

Tive a honra de receber a sua carta de 25 de Setembro, com a traducção inclusa de outra da mesma data do Senhor D. Ignacio de la Pezuela; avisando-me que as Cortes Geraes e Extraordinarias houverão por bem determinar que se me confira o commando de todas as forças Hespanholas; por cujo distincta confiança do Congresso e do Governo, rogo a V. Exc. manifeste ao Senhor Secretario de Estado o meu profundo reconhecimento.

Tenho os mais ardentes desejos de fazer quanto depender de mim, para promover e conseguir o louvavel objecto da Nação Hespanhola na sua justa contenda contra a França, e nenhuma duvida tenho de me encarregar do novo trabalho e responsabilidade, que acompanhará o exercicio do commando dos Exercitos Hespanhoes. Não posso porem annunciar commo acceite a honra que me fazem as Cortes e o Governo, sem alcançar primeiro a licença de S. A. R. o Principe

Regente; para o qual, com esse fim, representarei sem demora.

Mui pouco me custa esta dilação, porque ha muito estou acostumado a communicar particularmente aos Generaes que commandão os diversos Corpos do Exercito Hespanhol, o objecto geral a que me proponho nas operaçoens do Inglez e Portuguez, unidos debaixo das minhas ordens, insinuando-lhes o que poderião adoptar, para cooperar efficazmente comigo; e tem sido constantemente attentos da sua parte, recebendo em tudo o apoio e auxilio que podião prestar me; e por isso estou convencido que continuarão a fazer o mesmo, ainda que me não incumba desde já do commando em Chefe.

Creio por tanto que não pôde seguir-se prejuizo algum de me dirigir a S. A. R. o Principe Regente, para me decidir a acceitar a honra que me tem feito as Cortes.

Com esta demonstração da sua confiança e da do Governo nos termos em que me foi communicada, recebe a minha alma a prova mui lisonjeira de que estão aquellas Authoridades persuadidas, que no commando dos outros dois membros da alliança, que me foi confiado, fiz quanto pode para bem promover a causa commum das Naçoens alliadas.

Não julgo pois necessario fazer protesto algum sobre este ponto; e espero que no destino novo e mais eminente a que vou ser elevado, como Commandante em Chefe dos exercitos de todos os alliados na Peninsula, não só receberei o auxilio devido, mas até merecerei ao Governo Hespanhol, as Cortes, e á Nação o credito de que todas as medidas por mim adoptadas se haõ de dirigir exacta e completamente para o melhor proveito da causa commum, em que todos estão decididamente empenhados.

Tenho a honra, &c.

(Assignado)

WELLINGTON.

Villa Toro, 2 de Outubro de 1812. Ao Excellentissimo Sr. D. Henrique Wellesley, Cavalleiro do Banho, &c.

## P O R T U G A L.

## PORTARIA.

SENDO de grande utilidade para o Serviço das Brigadas de Artilharia do Exercito, e ao mesmo tempo de muita economia para a Real Fazenda, que os Artilheiros Conductores constituão hum Corpo sobre si: Manda o Principe Regente Nosso Senhor; conformando-se com o parecer do Marechal dos seus Exercitos, Conde de Trancoso, que se formê hum Corpo dos Artilheiros Conductores, composto de hum Estado Maior, e tantas Companhias, quantas forem as Brigadas Volantes do Exercito, na conformidade do Plano junto, assignado por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho do Mesmo Senhor, Tenente General dos seus Reaes Exercitos, e Secretario do Governo, Encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, Guerra, e Marinha. As Authoridades, a quem o conhecimento desta competir, o tenham assim entendido, executem, e o fação executar.

Palacio do Governo em 8 de Outubro de 1812.

Com cinco Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

Plano para a organisação de hum Batalhão de Artilheiros Conductores, o qual será composto de hum pequeno Estado Maior, e tantas Companhias quantas forem as Brigadas Volantes do Exercito, as quaes no em tanto seraõ 10: a saber, huma de Obuzes do calibre de 5 pollegadas, e meia; cinco de Peças do calibre 9, e quatro de calibre 6.

ESTADO MAIOR.

Tenente Coronel, ou Major Commandante  
Ajudante

Quartel-Mestre	1
Picador	1
Sargento Ajudante	1
Sargento Quartel-Mestre	1
Alveitar	3
Ferradores	2
Cornetas	—
Somma	12

## Companhia para o Serviço da Brigada de Obuzes.

Primeiro Tenente	1
Segundo Tenente	1
Primeiro Sargento	1
Segundos Sargentos	5
Cabos de Esquadra	8
Alveitar	1
Ferradores	4
Cornetas	2
Soldados	118
Somma	141

## Companhia para o Serviço de huma Brigada de calibre 9.

Primeiro Tenente	1
Segundo Tenente	1
Primeiro Sargento	1
Segundos Sargentos	5
Cabos de Esquadra	8
Alveitar	1
Ferradores	4
Cornetas	2
Soldados	107
Somma	130

Vem a ser preciso para cinco Brigadas de calibre 9 650

## Companhia para o Serviço de huma Brigada de calibre 6

Primeiro Tenente	1
Segundo Tenente	1



*Politica.*

469

Primeiro Sargento	-	-	-	1
Segundos Sargentos	.	.	.	4
Cabos de Esquadra	.	.	.	6
Alveitar	-	-	-	1
Ferradores	-	-	-	3
Cornetas	.	.	.	2
Soldados	-	-	-	76
				<hr/>
			Somma	95

Vem a ser preciso para tres Brigadas de calibre 6 - - - 285

Companhia para o Serviço de huma Brgada de calibre 3

Primeiro Tenente	-	-	-	1
Segundo Tenente	.	.	.	1
Primeiro Sargento	-	-	-	1
Segundos Sargentos	.	.	.	4
Cabos de Esquadra	.	.	.	6
Alveitar	-	-	-	1
Ferradores	-	-	-	3
Cornetas	.	.	.	2
Soldados	-	-	-	76
				<hr/>
			Somma	95

## Recapitulação.

Estado Maior	-	-	-	12
Huma Brigada de Obuzes	-	-	-	141
Cinco ditas de calibre 9	-	-	-	650
Quatro ditas de calibre 6	-	-	-	380
				<hr/>
			Total	1183

Palacio do Governo em 8 de Outubro 1812.

D. Miguel Pereira Forjaz.

---

 PORTARIA.

Tendo determinado o Principe Regente Nosso Senhor, por Decreto de 6 de Julho do presente anno, que todos os

Governadores, e Officiaes do Estado-Maior de Praças, que não tem Guarniçoens Regulares, fiquem sem direito algum a pertenderem promoçoens; e sendo em consequencia do que se determina no mesmo Decreto necessario declarar quaes são as Praças que devem reputar-se regularmente guarnecidas: He o mesmo Senhor Servido Ordenar, conformando se com o parecer do Marechal dos seus Exercitos, Conde de Trancoso, que sejam como taes consideradas as Praças constantes da Lista junta, assignada por D. Miguel Pereira Forjaz, do Conselho de S. A. R., Tenente General dos Seus Reaes Exercitos, e Secretario do Governo Encarregado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha. Palacio do Governo em 5 de Novembro de 1812.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

---

Lista das Praças, cujos Estados Maiores podem ter acesso de Póstos.

Valença, Fronteira do Minho. Almeida, Fronteira da Beira alta. Marvão, Forte de la Lippe, Elvas, Joromanha, Fronteiras do Além-Téjo. Peniche, Maritima da Estremadura. Abrantes, Fronteira da Beira baixa. Palacio do Governo em 5 de Novembro de 1812.

D. Miguel Pereira Forjaz.

---

PORTARIA.

Havendo occorrido na presente Guerra a necessidade de alterar a Organisação dos Estados Maiores de algumas Fortificaçoens Fronteiras, e Maritimas destes Reinos: Manda o Principe Regente Nosso Senhor, conformando-se com o parecer do Marechal dos seus Exercitos, Conde de Trancoso, que os Estados Maiores de todas as sobreditas Fortificaçoens hajão de ser novamente organizados, segundo vai determinado na Lista junta, assignada por D. Miguel Pereira Forjaz, do Concelho de S. A. R., Tenente General dos Seus Reaes Exercitos, e Secretario do Governo Encar-

regado das Secretarias de Estado dos Negocios Estrangeiros, da Guerra, e da Marinha. Palacio do Governo em 5 de Novembro de 1812.

Com quatro Rubricas dos Senhores Governadores do Reino.

---

Lista das Fortificaçoens Fronteiras, e Maritimas que devem continuar a ter Estado Maior, na conformidade do Alvará de 27 de Setembro de 1805, e Portaria de 5 de Novembro de 1812.

#### FORTIFICAÇOENS FRONTEIRAS.

Valença, Governador até á Gradação de Brigadeiro. Major. Ajudante. Monção, Governador até Tenente Coronel. Lindoso (Castello de), Governador até Tenente Coronel. Chaves, Governador até Coronel Ajudante. Miranda, Governador até Coronel Ajudante. Almeida, Governador até Official General Major Ajudante. Abrantes, Governador até Official General Major Ajudante. Monsanto, Governador até Tenente Coronel Ajudante. Marvão, Governador até Coronel Ajudante. Ouguella, Governador até Tenente Coronel. Campo Maior, Governador até Coronel Ajudante. Extremôz, Governador até Brigadeiro. Major. Ajudante. Forte de la Lippe, Governador até Marechal de Campo. Major. Ajudante. Elvas, Governador até Official General Tenente Rei até Brigadeiro, Major. Ajudante. Juromanha, Governador até Tenente Coronel Ajudante. Mourao, Governador até Tenente Coronel, Ajudante. Mertola, Governador até Sargento Mór. Alcoutim, Governador até Sargento Mór. Castro Marim, Governador até Tenente Coronel Adjudante.

---

#### FORTIFICAÇOENS MARITIMAS.

Villa Real de Santo Antonio, Governador até Coronel. Major. Ajudante. Tavira, Governador até Coronel. Albufeira, Governador até Sargento Mór. Villa Nova de Portimão, Governador até Tenente Coronel. Lagos, Governador até Official General. Major. Ajudante. Sagres, Go-

vernador até Tenente Coronel. Sines, Governador até Sargento Mór. Setubal, Governador até Official General Major. Ajudante. Faro, Governador até Coronel Dependencias: Torre do Outaõ, Governador até Tenente Coronel Ajudante. Castello de S. Philippe, Governador até Tenente Coronel. Cezimbra, Governador até Sargento Mór. Torre de S. Vicente de Belem, Governador até Official General. Ajudante. Torre de S. Juliaõ da Barra, Governador até Official General Major. Ajudante. Dependencia: Forte Velho, Governador até Capitaõ. Cascaes, Governador até Official General Major Ajudante. Ericeira, Governador até Sargento Mór. Peniche, Governador até Official General Major. Ajudante. Figueira, e Buarcos, Governador até Sargento Mór. Ajudante. Castello de Matozinhos, Governador até Sargento Mór. Castello de Villa do Conde, Governador até Tenente Coronel. Forte de Espozende, Governador até Tenente Coronel. Castello de Vianna, Governador até Coronel. Ajudante Forte da Insoa, Governador até Tenente Coronel Ajudante. Palacio do Governo em 5 de Novembro de 1812.

D. Miguel Pereira Forjaz.

---

## INGLATERRA.

---

Gazeta Extraordinaria da Corte, publicada aos 3 de Dezembro.

### DEPARTAMENTO DA GUERRA.

Lord Bathurst recebeu hontem a noite despachos de Lord Wellington de que o seguinte saõ extractos.

*Quartel General, Piliagua, 7 de Novembro 1812.*

O inimigo reparou a ponte de Toro em menos tempo do que eu pensava. Em consequencia ordenei a Sir R. Hill

que continuasse a sua marcha por Fontiveros, para Alba de Tormes; e quando vi que elle se tinha adiantado assas, deixei hontem de manham a pozição diante de Torsedillas, que occupava desde 30 mez passado; e marchei para as alturas de Sao Christavao, diante de Salamanca.

O inimigo nao atacou a recta guarda das tropas ao commando do General Hill; e o corpo que está sobre o Douro nao seguiu a marcha do exercito que eu commando. Donde concluo que estes dous corpos se reuniraõ; o que nao posso impedir, visto o estado do Douro.

O General Ballasteros estava ainda em Grenada a 20 de Outubro.

---

*Ciudad-Rodrigo, 12 de Novembro.*

As tropas ao commando do Tenente General Sir R. Hill passaraõ o Tormes em Alba a 8 do corrente, e as que eu commando tomaraõ a sua pozição sobre as alturas de la Cuesta no mesmo dia; a brigada do Brigadeiro General Pack occupando Aldea Lengua, a do Brigadeiro General Bradford sobre a direita em Cabrerizos, e a cavallaria Ingleza cobrindo a nossa frente. Eu tinha ordenado ao Tenente General Sir R. Hill que occupasse a villa e o forte de Alba com a brigada de Major General Howard da 2. divisao, deixando a divisao Portugueza do Tenente General Hamilton sobre a esquerda do Tormes, para sustentar estas tropas; entretanto que a segunda divisao se postava na vizinhança dos vaus de Encinas e Huerta; e a 3. e 4. divisoes ficavaõ de reserva em Calvarassa de Ariba.

No dia 9, o inimigo repellio os piquetes da Brigada de cavalleria do Major General Long, que foi obrigado a retirar suas tropas de Alba no 10 de manham. Pelo dia adiante, todo o exercito inimigo se approximou das nossas pozições sobre o Tormes, atacou as tropas que estavaõ em Alba com vinte peças de artilharia, e hum grande corpo de infantaria. Mas elle nao fez a mais leve impressao sobre ellas; retirou as suas peças e a maior parte das suas tropas de tarde, e nao repetio mais o ataque. Junto aqui a relação que o Tenente General Hamilton fez a Sir R. Hill sobre os acontecimentos d'Alba, que fazem muito honra as tropas, que tiveraõ parte n'elles. De 10 ate 14, o tempo se passou em reconhecer tanto os vaus do Tormes,

como a posição das tropas que eu commando sobre a direita deste rio, diante de Salamanca; e a 14 o inimigo passou este rio em força, pelos tres vaus junto de Lucinas, quasi duas legoas acima d'Alba.

Eu parti immediatamente de Saõ Christovao; e fiz marchar as tropas para os Arapiles; e logo que reconheci a direção que o inimigo tinha seguido, partindo dos vaus, poz me em movimento com a 2. divisao de infantaria e toda a cavalleria para o attacar; deixando o Tenente General Sir R. Hill, com a 4. divisao, e a do Tenente General Hamilton diante de Alba, para proteger este movimento, e a 3. divisao de rezerva sobre os Arapiles, para segurar esta posição.

O inimigo porem era ja muito numeroso, e estava n'huma posição mui forte para ser attacado; limitei-me a canhonar a sua cavalleria e debaixo da protecção deste fogo, reconheci a sua posição. A tardinha, fiz retirar todas as tropas dos arrebaldes d'Alba sobre os Arapiles, deixando huma fraca guarnição Hespanhola no forte, depois de ter destruido a ponte. No decurso da noite e no outro dia pela manham, ordenei á maior parte das tropas que atravessassem Salamanca; e postei Sir E. Paget com a 1. divisao de infantaria, sobre a direita, em Aldea Tejada, a fim de segurar huma passagem do Zuenguen para as tropas, no caso em que os movimentos do inimigo sobre o nosso flanco direito, me pozessem na necessidade de renunciar a minha communicação fosse com Ciudad Rodrigo, fosse com Salamanca.

Aos 15 de manham, vi que o inimigo fortificava a sua posição em Mozarbes, em a noite precedente, e que levava ao mesmo tempo corpos de cavalleria e de infantaria para a nossa esquerda e nossas communicações com Ciudad Rodrigo. Era evidente que a intensão do inimigo era interromper as nossas communicações; e como elle era mui forte e estava em forte posição, para que o attacassee, determinei marchar sobre Ciudad Rodrigo. Em consequencia puz o exercito em marcha sobre tres columnas; e passei o Zuenguen, e la deando o inimigo pela esquerda, me acampeei na mesma noite sobre La Vanensa. Continuamos successivamente a nossa marcha nos 16, 17, e 18, e hoje huma parte do exercito passou o Agueda; a totalidade passera a manham este rio. O inimigo seguio-nos em o 16 com hum corpo consideravel de infantaria; mas não buscou apertar a nossa retaguarda. Aos 19 elle tomou a vantagem do terreno para canhonar a nossa retaguarda, composta das divisoes ligeiras, commandadas pelo Major General Alten; quando passou o Huibra em San Munoz, e lhe cauzou alguma perda.

As tropas tem soffrido consideravelmente em razão do

tempo rigoroso que tem havido, e que desde 15 tem peorado, como nunca vi nesta estação do anno.

Sinto accrescentar que tivemos o desgraça de perder o Tenente General Sir Edward Paget, que foi feito prisioneiro no dia 17. Elle commandava a columna do centro; e a chuva tendo grandemente deteriorado os caminhos, e engrossado os ribeiros, houve hum intervallo entre a 5. e 7. divisão de infantaria. Sir Edward foi só á recta guarda para se informar da cauza deste intervallo, e como a estrada atravessava hum bosque, no qual ja marchava hum destacamento do inimigo, elle cahio em seu poder. Ouço que Sir Edward não foi ferido; mas não posso assas lamentar a perda do seu auxilio neste momento.

No despacho de 7 do corrente, fiz parte a V. S. do que pensava sobre a força do inimigo, tanto quanto me era possível julgar pelas relações que tinha recebido, e pelo que eu tinha visto. Sube depois que o General Caffarelli com o exercito do Norte se tinha reunido ao exercito de Portugal.

Joze Bonaparte deixou Madrid a 4 deste mez e chegou a 8 a Peneranda, tendo deixado em Madrid as authoridades civis do seu governo, e huma fraca guarnição. Estas authoridades e as tropas evacuarão aquella cidade a 7, e partirão para Castella, e o Coronel Don Juan Palares, e El Medico tomaraõ d'ella posse.

Vossa Senhoria terá visto a carta do General Ballasteros a Regencia, datada em 24 de Outubro, pela qual vos observareis, que elle desobedeceo á ordem que o Governo lhe dera, por minha suggestão, de fazer marchar as suas tropas para a Mancha, e fatigar o flanco esquerdo do inimigo; porque a Regencia e as Cortes me haviaõ offerecido o commando em chefe dos exercitos Hespanhoes.

Todas as forças disponiveis do inimigo em Hespanha estavaõ por consequencia sobre o Tormes, no meio do presente mez, e de certo não montavaõ a menos de 80,000, e mais provavelmente 90,000, havendo neste numero 10,000 de cavallaria; e como so o exercito de Portugal tinha 100 peças de artilharia, he provavel que em todos os exercitos não houvesse menos de 200.

(Incluza. No 1.)

*Alba de Tormes, 11 de Novembro.*

Senhor,—Tenho a honra de vos dar parte das medidas que tornei para executar as vossas instruçoens em defeza desta praça, e tenho grande satisfação em dizer, que ellas obrigarão o inimigo a retirar a maior parte das tropas que

estavaõ de frente de nos, e estou quasi certo de poder sustentar a nossa pozição tanto tempo quanto julgar-des conveniente. Eu puz hontem huma guarnição no forte, e a aprovisionei, e pelos esforços do Cap. Goldfinch dos engenheiros elle foi posto no melhor estado que as circumstancias permitiaõ; elle continua a fortifica-lo. O Cap. Goldfinch me tem sido de hum grande succorro.

Tenho destinado a cada regimento hum dstricto desta villa; e o official commandante tem trancado as ruas e edificios com muito intelligencia. As brigadas dos Brigadeiros Da Costa e Campbell estaõ em a nossa pozição sobre a margem esquerda do Tormes. O Brigadeiro Campbell refere ter cauzado alguma perda ao inimigo em huma tentativa que elle fez para passar o rio n'hum vau junto a sua pozição. O Tenente Coronel Tulloh dispoz tambem as suas duas brigadas de artilheiros, que juntamente com a pozição que occupao as duas brigadas de infantaria sobre a margem esquerda do Tormes, creio que os nossos flancos estaõ em segurança.

Hontem pela manham cedo, o Major General Long, que commanda a cavalleria da vanguarda referio que o inimigo se avançava em grande força; em consequencia do que foi obrigado a fazer retirar a cavalleria.

Pelos dez horas, o inimigo appareceo sobre as alturas com huma cavalleria consideravel, e alguma infantaria, encobrando, segundo pensei, hum reconhecimento feito por alguns officiaes superiores. Pelas duas horas as forças do inimigo chegavaõ a 15 esquadroens, e 16,000 homens de infantaria, com vinte peças d'artilharia, comprehendendo seis obuzes de 6 polegadas, que commecarao a atirar, e continuaraõ ate a noite. As tropas ligeiras do inimigo vierao mui perto dos muros que nos tinhamos erigido a pressa; mas em razao do sangue frio, e da firmeza do regimento 51 debaixo do Coronel Steward, do 71 debaixo do Coronel Cadogan, da 92, debaixo do Coronel Cameron, e da brigada do General Howard, o inimigo nada ousou tentar contra a villa.

Perto das oito horas da noite se me annunciou que a infantaria do inimigo se augmentava consideravelmente; o que me induzio a fazer entrar na villa a brigada do Brigadeiro Da Costa, deixando outro battalhao para proteger os vaus. O inimigo durante a noite retirou a sua artilharia e eu deixei hum pequeno corpo de infantaria e cavalleria, que fez hum fogo violento. Eu tenho que lamentar a perda de hum grande numero de homens; mas lizongeo-me que vos nao a achareis consideravel quando reflectir-des que houve hum fogo de artilheria mui vivo e continuo pelo espaço de horas. A perda dos Portuguezes teve lugar esta manham, quando



faziao a obrigação; e tenho hum verdadeiro prazer em dar conta da sua firme e animada conducta.

Devo muitas obrigaçoens ao Major General Howard, que me prestou todos os succorros possiveis, assim como a todos os officiaes e soldados de sua excellente brigada, que se conduziraõ como bravos e bons militares. Devo a prompta execução das minhas ordens ao Capitão Pinto Savedra, meu Ajudante general assistente, ao Capitão Watson dos dragoens ligeiros, Ajudante quartel mestre general; e ao Cap. Bunbury, meu ajudante de campo.

Junta remetto a lista dos mortos e feridos, e espero que nao tenhamos muitos mais accidentes.

Tenho a honra, &c.

(Assignado)

JOAÕ HAMILTON, Ten. Gen.

Ao Ten. Gen. Sir R. HILL.

Perda total Portugueza e Ingleza.—2 Capitaens, 2 Tenentes, 14 Sargentos, 32 Tambores, 107 Soldados, 74 Cavallos, mortos. 3 Tenentes Coroneis, 2 Majores, 6 Capitaens, 23 Tenentes, 10 Portabandeiras, 1 do Estado Maior, 35 Sargentos, 3 Tambores, 430 Soldados, 65 Cavallos, feridos. 1 Tenente Coronel, 1 Major, 3 Capitaens, 2 Tenentes, 2 Portabandeiras, 12 Sargentos, 2 Tambores, 221 Soldados, 59 Cavallos, faltos.

(Assignado)

S. A. GOODMAN.

Dezembro 12, 1812.

Extracto de hum despacho recebido pelo Conde Bathurst do General Marquez de Wellington, datado de Frenada ao 25 de Novembro, de 1812.

A maior parte da força do inimigo, que atravessou o Tormes, se retirou outra vez repassando aquelle rio; e diz-se ter dirigido a sua marcha para o Douro.

Huma parte das tropas que marcharaõ para Huelva, voltou para Salamanca, e outra que avancara para Tomames, voltou para o Tormes pelo Escorial para a parte de los Santos. Muitos homens que faltavaõ tem chegado aos seus regimentos.

## ABERTURA DO PARLAMENTO.

## CAMERA DOS LORDS.

*Segunda feira, 30 de Novembro.*

A Sessão começou com as formalidades do costume. Sua Alteza Real o Principe Regente, revestido do manto real, e acompanhado pelos Grandes Officiaes do Estado, chegou a Camara logo depois das duas horas; e introduzidos os Membros da Camara dos Communs, Sua Alteza Real houve por bem proferir do throno a falla seguinte—

## MY LORDS E SENHORES,

He com o mais profundo pezar, que eu sou obrigado a annunciar-vos, na abertura deste Parlamento, a continuação da lamentavel indisposição de sua Magestade, e a diminuição das esperanças que anciosamente nutria do seu restabelecimento.

A situação dos negocios publicos me induzio a juntar-vos quanto antes depois das ultimas eleições. Estou persuadido que voz de bom grado participareis da satisfação que me cauza o melhoramento de nossos prospectos durante o curso do presente anno.

O valor e intrepidez desenvolvidos pelas forças de Sua Magestade, e nossos Alliados, em a Peninsula, em tantas occasiões durante esta campanha, e o consumado saber e juizo, com que o General Marquez de Wellington tem conduzido as operações, tem produzido consequencias do maior importancia para a cauza commum.

Levando a guerra ao interior da Hespanha, e pela gloriosa e sempre memoravel batalha de Salamanca, elle obrigou o inimigo a levantar o cerco de Cadiz; e as provincias meridionaes daquelle reino foraõ libertadas das armas da França.

Posto que eu sinto que os esforços do inimigo, combinados para huma grande operação, fizessem necessario levantar o cerco de Burgos, e evacuar Madrid, estes esforços, com tudo tem sido acompanhados de grandes sacrificios da sua parte, que devem essencialmente contribuir para augmentar os recursos, e facilitar os esforços da nação Hespanhola.

Eu creio poder contar com a vossa determinação, de continuar a fornecer todos os succorros em sustentar hum lucta,

que deo primeiro ao Continente da Europa o exemplo de huma perseverante e feliz rezistencia ao poder da França, do que essencialmente depende não so a independencia das naçoens da Peninsula, mas tambem os maiores interesses dos Estados de Sua Magestade.

Tenho grande prazer em communicar-vos, que as relações de paz e amizade se tem restabelecido entre Sua Magestade e as Cortes de São Petersburgo e Stockolmo.

Eu ordenei que vos fossem apresentadas copias daquelles tractados.

Em huma guerra que tem por fim sustentar os seos soberanos direitos, e a independencia dos seos dominios, o Imperador da Russia tem tido que rezistir á huma grande porção da potencia militar do governo Francez, ajudada por seos Alliados, e por todos os Estados tributarios seos dependentes.

A rezistencia que elle oppoz a huma combinaçãõ tam formidavel, deve infalivelmente excitar sentimentos de eterna admiraçãõ.

Por sua propria magnanimidade e prezeverança, pelo zelo e dezinteresse de todos os classes dos seos vassallos; e pela coragem, firmeza e intrepidez de seos exercitos, se tem grandemente frustrado as orgulhosas esperanças do inimigo.

O enthusiasmo da nação Russa tem crescido com as difficuldades da guerra, e com os perigos de que esta rodeada. Ella se tem sujeitado a sacrificios de que ha poucos exemplos na historia do universo; e eu nutro a agradável esperança que a firme prezeverança de Sua Magestade Imperial acabará por ser coroada com feliz exito, e que esta lucta, no seu rezultado, terá por effeito estabelecer sobre fundamentos inabalaveis a segurança e independencia do Imperio Russo.

A prova da confiança que eu recebi de sua Magestade Imperial na medida que adoptou de enviar suas frotas para os portos deste paiz, me lizongea ao mais alto ponto; e Sua Magestade Imperial pode amplamente contar com a minha firme rezoluçãõ de lhe prestar o mais cordial apoio na grande lucta em que se acha empenhado.

Tenho alem disso a satisfaçãõ de informar-vos que eu conclui hum tractado supplementario aos tractados de 1803 e 1809 com Sua Magestade Siciliana. Logo que se troquem as ratificaçoens, mandarei que se vos apresente huma copia deste tractado.

Tive nelle por objecto o emprego mais extenso das forças militares do governo Siciliano em operaçoens offensivas; medida que combinada com os principios liberaes e luminosos, que felizmente prevalecem nos Conselhos de Sua

Magestade Siciliana, he proprio, como creio, para augmentar o seu poder e recursos, e tornalos ao mesmo tempo uteis a cauza commum.

A declaração de guerra do Governo dos Estados Unidos d'America se fez em circumstancias que fazião razoavelmente esperar que as relaçoens de amizade entre as duas naçoens não fossem por longo tempo interrompidas. He porem com sincero pezar que eu sou obrigado a annunciavos que a conducta, e pertençoens daquelle Governo tem ategora impedido a concluzão de todo o pacifico arranjo.

Suas medidas de hostilidade se tem dirigido principalmente contra as provincias Britanicas adjacentes, e tem-se feito todos os esforços possiveis para excitar os habitantes a violar o seu juramento de fidelidade á Sua Magestade. Mas as provas de lealdade e affeição, que eu recebi dos vassallos de sua Magestade na America septentrional, sao mui satisfactorias.

As tentativas do inimigo em invadir o Alto Canadá, não só forão infructuosas, mas pelas dispoziçoens judiciosas do Governador General, e pela habilidade e decizão com que se dirigirão as operaçoens militares, as forças do inimigo juntos n'hum districto forão forçadas a capitular, e n'outro forão completamente derrotadas.

Eu não poupo os maiores esforços para o restabelecimento das relaçoens de paz e amizade entre os dous paizes; mas em quanto se não poder conseguir este objecto sem sacrificar os direitos maritimos da Graã Bretanha eu contarei com o vosso cordial apoio para a vigorosa continuacão da guerra.

SENHORES DA CAMERA DOS COMMUNS.

Eu ordenei que a estimativa das despesas do anno seguinte vos fosse apresentada; e não duvido da vossa promptidão em fornecer os subsidios necessarios para por-me em estado de manter os grandes interesses confiados ao meu cuidado, e que elles offereção o melhor prospecto de trazer a huma feliz concluzão a lucta em que Sua Magestade esta empenhada.

MY LORDS E SENHORES,

A proxima terminacão da Charta de Companhia das Indias Orientaes, me obriga a chamar promptamente a vossa

atzenção para a necessidade de supprir mais efficasmente para o futuro ao governo de nossas possessoens nas Indias Orientaes. Considerando a diversidade dos interesses con-nexos com este importante objecto, espero da vossa sabedoria, que faças as disposiçoens mais proprias para adiantar a prosperiade destes territorios, e assegurar ao mesmo tempo as maiores vantagens ao commercio, e rendas dos Estados de Sua Magestade.

Tenho visto com a maior satisfação o bom successo das medidas adoptadas pelo Parlamento, para suprimir os actos de ultrage e insubordinação de alguns illudidos em algumas partes do reino, e as disposiçoens manifestadas a tomar vantagem da indulgencia offerecida a pessoas halucinadas, pela sabedoria, e benevolencia do Parlamento.

Lizongeo-me que nunca terei occasião de lastimar a volta de atrocidades que tanto repugnaõ ao caracter Britanico; e que todos os vassallos de Sua Magestade intimamente se convenceraõ de que a felicidade dos individuos, e o bem do Estado dependem igualmente da estricta obediencia às leis, e do constante aherro a nossa excellente constituição.

Em ponho a maior confiança na lealdade do povo, e na sabedoria do Parlamento. Estou persuadido que a mesma firmeza, a mesma preseveranca, que se tem manifestado em occasioens tam frequentes e difficeis, não hão de faltar em hum tempo, em que estão fixos sobre vos os olhos de toda a Europa e do universo. Posso assegurar-vos, que em dezoimpenho do grande encargo que me foi confiado, nenhum sentimento conservo tam arraigado no coração, como o dezejo de promover, quanto me for possivel, a verdadeira prosperidade, e eterna ventura dos vassallos de sua Magestade.

Sua Alteza Real se retirou; e a Camara foi adiada até as 5 horas. Então o Lord Chancellor retomou o seu lugar, e fez a leitura do discurso do Regente.

O Conde de Longford se ergueo, e propoz hum Adresse ao Principe Regente em resposta aquella falla. O Nobre Lord tocou nos diversos pontos comprehendidos n'ella, e declarou que lhe era muito agradavel a occasião de exprimir o quanto se tinha melhorado o prospecto do paiz interna e externamente,—internamente, pela restauração da tranquillidade nos dstrictos manufacturantes; e externamente pelos felizes successos dos nossos exercitos, e pelos dos nossos Alliados. Elle conhecia bem, que para se continuar a guerra em que o paiz estava agora empenhado, se requeriaõ grandes sacrificios; e ninguem deplorava mais que elle os pezados vexames que affligião presentemente

o paiz; mas que era indispensavel que elle soffresse ainda outros maiores, antes que o successo final coroasse os nossos esforços.—O Nobre Lord concluiu propondo hum humilde *Adresse* a Sua Alteza Real o Principe Regente, que segundo o uzo foi conforme ao contheudo da Falla.

Lord Rolle apoiou o *Adresse*.

O Marquez de Wellesley se levantou e disse, que elle coincidia com todos os sentimentos expressos no *Adresse*, que reconhecia os transcendentos meritos do exercito Inglez, e sentia hum natural orgulho em ouvir os elogios feitos ao seu distincto e nobre Chefe. Elle concedia que pelo esforço das nossas tropas muito se tinha effeituado na Peninsula; nem hesitava em admittir, que o nosso esplendido, e augusto Alliado o Imperador da Russia tinha nobremente representado o seu papel, e que tendo dado o exemplo aos outros Soberanos, se fazia credor dos elogios de todos os Estados da Europa. Elle confessava que a Hespanha tinha combatido da maneira a mais gloriosa, e que portanto, ella requeria não so deste paiz, mas de todos os outros da Europa, todos os possiveis succorros em a lucta, e extraordinarios esforços, que fazia, para que o seu paiz natal fosse prezervado do jugo deshonorante de hum tyrano estrangeiro. Elle concedia alem disso, que este paiz tinha vigor, forças e recursos assas para completar a liberdade da Hespanha, e com aquella liberdade, a liberdade do mundo civilizado. Mas quando elle admittia todo isto, elle pedia ser entendido, isto he, que as suas admissões se extendião somente ao ponto de dizer, que nos não tinhamos ainda feito bastante para obter, e completar aquelle glorioso objecto. O Regente da França não disfarçava os seus projectos; dominação universal era o seu fim; e elle so prezava da subjugação da Peninsula, para a extender por toda a Europa. A politica, e a existencia mesma deste paiz pedia altamente, que aquella se evitasse, e que sendo a Hespanha o teatro, onde o jogo se havia ganhar ou perder, cumpria a Inglaterra o applicar os seus recursos, em toda a sua immensidade, á execucao daquelle objecto, e desconcertar o tyrano nas suas primeiras espectações.— O que elle tinha portanto a disputar era, que para completar tam dezejavel fim, nos obramos n'huma escala de comparativa insuficiencia. Aqui o Nobre Marquez entrou n'hum longo *retrospecto* da guerra na Peninsula, para provar que os Ministros não tinhão fornecido os meios que possuiao, para reforçar o exercito commandado pelo Marquez de Wellington. Por falta de meios sufficientes, disse elle, foi aquelle valoroso General impossibilitado de fazer levantar o

terco de Cadiz, no tempo da tomada de Badajoz. Pelo mesma cauza, voltando com o seu exercito para o Norte, elle foi obrigado a ficar estacionario nas fronteiras até 13 de Junho; e quando a final marchou adiante, com os limitados meios que possuia, achou que o exercito de Marmont era mui superior ao seu; e foi portanto obrigado a commecar huma verdadeira, e nao fingida retirada; e a battalha de Salamanca, que teve lugar durante esta retirada, precedeo de hum accidente, que racionavelmente se nao devia esperar de hum erro do inimigo, e extraordinarios talentos do General, que instantaneamente so aproveitou daquelle erro, que n'hum momento vio a oportunidade de vibrar o golpe, e com a rapidez do relampago, cravou a lança no coração do inimigo. Antes desta victoria, Lord Wellington nao tinha na caixa militar acima de 20,000 dollars, e a mais rica brigada do exercito nao tinha acima de tres dollars. Aconteceo entao passar huma somma de 70,000 dollars para o exercito Hespanhol, elle se vio necessitado a lançar mão desta para serviço do exercito Inglez. O Nobre Marquez alludio depois a occupação de Madrid e subseqüente cerco de Burgos, cuja tomada seria huma especie de milagre, com os poucos meios, que Lord Wellington tinha e aqui, disse elle, havia outra prova convincente da falta de meios, em que se achava seu Nobre Irmao, para concluir o objecto que tinha em vista, e da inutilidade de sustentar qualquer lucta, huma vez que se nao applicassem os recursos necessarios para segurar as suas adqueridas vantagens. Elle tocou na expedição Siciliana commandada pelo General Maitland, que falhou totalmente pela sua ma direção; e advertio o pequeno succorro que se podia esperar dos exercitos Hespanhoes. Em conclusao, disse elle, o plano de conduzir a guerra na Peninsula, que elle sempre aconselhara, era, fazer esforços em grande escala, e continualos com todo o poder e recursos do imperio,—e hum plano que arriscou nossas forças com demoras, e obstruiu ao mesmo tempo as suas melhores esperanças, foi o plano adoptado pela sabedoria dos Ministros de Sua Magestade.—Voltando daquelle parte para o Norte, Sua Senhoria fez alluzao ao tractado com a Suecia, que elle denominava, “hum monstro em diplomacia,” por quanto nos ajustamos defender a Suecia, sem pedir hum equivalente da sua parte.—A outra caracteristica da nossa politica era a guerra da America. Elle reconheceo que nenhum ataque era menos justificavel que o da America, e nenhuma cauza mui justa que a de Inglaterra; mas a conducta da guerra devia ser mui differente. A America nao devia animar-se, e acariciar-se a fazer a

paz. Os Chefes daquelle Governo tinhão sido longo tempo influidos por hum odio mortal a este paiz, e por hum mortal amor á França. A nossa politica era clara—as nossas mais sabias, e mesma as nossas mais pacificas medidas devião ser, mostrar-nos proprios para o urgente situaçõ, pondo a frente da America huma força, que a fizesse sentir o seu perigo, e a importancia de comprar pela paz a sua segurança.—O Nobre Marquez exprimio o seu pezar, e surpresa de não ver na falla do Principe Regente mençãõ feita sobre as pretençõens dos Catholicos Romanos; elle esperava porem não ser a intensãõ dos Ministros tornar abortivos ou nullos os procedimentos do anno passado; não obstante ter-se espalhado o rumor que o Parlamento fora dissolvido, para quebrar a promessa que tinha feito na ultima sessãõ de se occupar das reclamaçõens deste corpo; medida a mais vaga, a mais desnecessaria,—e que a ter desgraçadamente effeito, produziria as mais assustadoras consequencias.—Elle acabou dizendo que não propunha emenda alguma, que se aproveitava a occasiãõ de exprimir os seus sentimentos sobre objectos, em que tomava o mais vivo interesse, particularmente sobre a guerra da Peninsula. Elle repetio que a sua opiniaõ era que ella se devia continuar sobre hum novo plano, e com crescido ardor; e representava ainda outro vez a Camera, que não havia outra alternativa para nos senão a energia ou o destroço.

O Conde de Liverpool replicou ao Marquez de Wellesley e defendeo os Ministros da accusaçãõ, que elle lhes fez, de embecilidade em dirigir a guerra na Hespanha. Elle observou que era extremamente facil ao Nobre Lord traçar ou imaginar planos quaesquer no seu Gabinete. Mas devia so a planos limitar-se o estadista? Não devião os nossos esforços ser medidos pelos recursos da naçãõ e o emprego que ella he obrigada a fazer d'elles relativamente a diversos objectos, e nas diversas partes do mundo? Cumpria pois ao Nobre Lord mostrar, como, e aonde se podião fazer maiores esforços que aquelles que effectivamente se fizeraõ. Elle concordava, que quando a força militar da França era em grande parte destrahida, e chamada pela Russia, tinhamos occasiãõ favoravel para desenvolver mais actividade, se as circumstancias o prometissem. Mas seria politico fazendo hum formidavel esforço n'huma campanha, exhaurir os meios de sustentar futuras campanhas? Não seria dever do Governo e do Parlamento providenciar ás necessidades não so de hum anno, mas do futuro? Deveria com effeito arriscar se tudo no lanço de hum so dado, e



para brilhar n'hum anno estancar-mos os nossos recursos, e debilitar-mos futuros esforços? Elle perguntava que esforços mais se poderiam ter feito. Alem das forças requeridas para manter o nosso imperio Indiano, elle podia mostrar a Camera, que a 25 de Junho proximo passado nos tinhamos huma força de 127,000 homens na Sicilia, Mediterraneo, e na Peninsula, a saber, 91,000 de tropas Inglezas e Allemaens, e perto de 36,000 Portuguezes. Os Inglezes so montavao a 58,000. Ter-se-hia crido a poucos annos atras, que nos poderiamos mandar hum tal exercito ao Continente? E com tudo no espaço pouco mais de hum anno 20,000, e 7000 cavallos se tem mandado para a Peninsula. Taes esforços attestao a actividade do governo. Em outras epochas elles se julgariao impracticaveis. Elle podia acrescentar com segurança que o nosso illustre commandante nao pediu huma so couza, que lhe nao fosse concedida; he preciso dizer que elle nao esta em habito de pedir o que o Governo lhe nao pode fornecer. A respeito de numerario, em razao da sua raridade e da difficuldade de descontar papel, podia ser que a caixa militar estivesse falta, mas sao inconvenientes inevitaveis, e por que ninguem pode responder.—Quanto ás pretencoens dos Catholicos, disse o Nobre Conde, que da sua parte elle se hade oppor decididamente; e julgava que esta franca declaracao dos seos sentimentos era mas honorifica que a conducta daquelles, que debaixo do pretexto de condiçoens ou garantias da Igreja estabelecida, procurao illudir a questao, em vez de a decidir.

Lord Grenville entrou na questao da guerra da Hespanha e disse que o Nobre Marquez (Wellesley) tinha raciocinado correctamente sobre aquelle objecto. Elle admittia que a paizanagem Hespanhola possuia melhores sentimentos, mas que os exercitos Hespanhoes taes quaes elles estavao constituídos, de nada serviao como alliados, e reportou-se a conducta de Ballasteros, que se esqueceo da sua obrigacao, em prevenir a juncao de Suchet e Sout. Sua Senhoria estendeo-se nos mesmos fundamentos do Nobre Marquez; e condemnou o modo que os Ministros tinhao adoptado tanto na Peninsula como com os nossos Alliados do Norte.

*Terça feira, 3 de Dezembro.*

Lida a ordem do dia, propozeraõ-se os Agradecimentos da Camera ao General Marquez de Wellington, pela victoria de Salamanca.

Lord Bathurst depois de ter recordado as operaçoens do exercito alliado, que precederaõ a batalha de Salamanca, e as circumstancias que acompanharão a victoria memoravel de 22 de Julho, acabou propondo que se votassem os agradecimentos ao Marquez de Wellington e exercito Alliado.

O Marquez de Lansdowne fez hum grande elogio de Lord Wellington, sentindo ao mesmo tempo, que este illustre commandante não fosse promovido militarmente, genero de recompença que lhe seria mais agradavel que a elevação a outro qualquer titulo por mais alto que fosse.

Lord Sommers apoiou fortemente a moçaõ, e deo os maiores louvores ao Marquez de Wellington.

Sua Alteza Real o Duque de Clarence disse que não obstante ser elle o unico na Camera pertencente a repartição da Marinha, elle se julgava igualmente obrigado a pagar o seu tributo de elogios ao Marquez de Wellington, e ao bravo exercito que elle commanda. Elle dezejou sempre que os Inglezes se distinguissem tanto em terra, como no mar; o que os nossos soldados fizeram logo que Lord Wellington abordou a Peninsula. A nação devia estar lizonguada de que o exercito tivesse por commandante hum tal chefe, illustre não so pelos seus raros talentos, mas pelo pasmoso exemplo que tinha dado aos outros. O que o General Wellington tinha feito, nunca foi excedido, nem talvez mesmo pelos Romanos. Depois do que se havia dito tem eloquentemente a este respeito, elle nada tinha que acrescentar; e de bom grado concorria na moçaõ.

O Marquez de Wellesley expressou a viva emoçaõ que experimentava, vendo o que se acabava de passar na Camera, e se enchia de orgulho ouvindo os elogios dados a seu Irmaõ. Fallando depois no objecto disse que no cazo de dar a sua opiniaõ sobre o merito do nosso grande General, elle não citaria as suas victorias por mais brilhantes que fossem, mas escolheria para prova da sua ha-

bilidade, os momentos, em que elle se tinha visto rodeado de perigosas difficuldades, reduzido a dũras alternativas, atacado por forças mais superiores, e em que elle triumphou sempre de todos os obstaculos, e desenvolveo as suas qualidades mais eminentes ;—as suas retiradas.

Os agradecimentos forão votados unanimemente.

---

*Sesta Feira, Dezembro 4.*

MENSAGEM DO PRINCIPE REGENTE.

Lord Castlereagh appareceo na tribuna com a mensagem do Principe Regente, cuja apresentação foi ordenada. Foi lida pelo orador, e ella dizia que Sua Alteza Real, reconhecendo os assignalados serviços feitos ao seu paiz pelo Marquez de Wellington, e particularmente em a batalha de Salamanca, dezejava distingui-lo por algum acto de munificencia nacional, que o habilitasse a sustentar as honras que se lhe haviaõ conferido. Concluia a mensagem expremindo o dezejo de que a Camera tomasse em consideração os meios de poder effectuar aquella intensaõ, o que por consequente se encarregou a hum Comité de toda a Camera, nomeado para segunda feira proxima, 7 de Dezembro; em que aquelle objecto foi pelo Comité tomado em consideração; e Lord Castlereagh propoz que huma soma de £ 100,000 se estabelecesse em terras que deviaõ annexar-se ao titulo de Wellington; o que depois de pouca, ou insignificante opposição foi concedido.

CAMERA DOS COMMUNS, 7 de Dezembro.

ESCRAVATURA.

Mr. Wilberforce depois de estabelecer o quanto era preciso adoptar todas as medidas para effectuar as beneficicas intenoens da Camera na abolição da escravatura, moveo que se apresentassem copias de todos as communicoens dos Governadores do Cabo de Boa Esperança e Mauricias, tocantes aquelle objecto, e recebidas depois da tomada das ditas Ilhas.

O Hon. Mr. Bennet disse que elle tinha sido informado, que os nossos portos e estabelecimentos na costa de Africa estavam no costume de fornecer escravos aos Portuguezes, o que era hum serio motivo de queixa, por quanto isso tendia grandemente a destruir os beneficios da abolição daquelle trafico, tam justamente condemnado pela Camera e pelo paiz.

Lord Castlereagh disse, que julgava que isso se tinha feito contra os dezejos e intenoens do governo; mas elle assegurava ao honrado Membro, que se tinham adoptado medidas, e que espostas ja á consideração do Principe Regente de Portugal, poriaõ termo a taes procedimentos para o futuro.

---

*Terça Feira, Dezembro 17.*

Soccorro aos Russos que soffreraõ pela Invazão  
Franceza.

O Conde de Liverpool apresentou a mensagem de Sua Alteza Real o Principe Regente a Camera sobre este objecto; rogando a concurrencia de suas Senhorias para o habilitarem a effectuar os dezejos que tinha de mandar algum succorro pecuniario aos Russos que soffreraõ pela invazão dos Francezes; e que tam gloriosamente lidaraõ pela cauza commum. Depois de algum debates, em que a eloquencia desenvolveo huma energia igual ao generoso e heroico assumpto que se tractava, concordou-se que huma somma de £200,000 se concedesse a Sua Alteza Real para aquelle fim.

Aos 17 do corrente se celebrou na Real Capella Portugueza com as solemnidades do costume, o anniversario da Sua Magestade Fidelissima, a Rainha nossa Senhora. A excellente muzica do *Te Deum*, composiçãõ do celebre Portugal, foi dirigida pelo Sr. Puzzi, director de muzica na Real capella de Mafra.

Houve á tarde o jantar annual em Thatched House Tavern.

## VIGESSIMO NONO BOLETIM

### DO GRANDE EXERCITO.

*Molodetschno, Dezembro 3 de 1812.*

Aos 6 de Novembro o tempo estava excellente, e o movimento do exercito se executou com mui feliz successo. O tempo frio principiou aos 7; desde aquelle momento, todas as noites perdemos varios centos de cavallos, e quantidade de homens morrerãõ em consequencia de bivouacar (dormir exposto ao tempo.) A' chegada a Smolensko tinhamos ja perdido muita cavallaria, e cavallos da artilharia.

O Exercito Russo de Volhynia, estava opposto a nossa direita: a nossa direita deixou a linha de operaçoens de Minsk, e tomou por ponto das suas operaçoens a linha de Warsovia. Aos 9, o Imperador foi informado em Smolensko desta mudança na linha de operaçoens, e concebeo o que o inimigo faria. Por mais arduo que lhe parecesse por-se em movimento durante huma taõ cruel estaçoõ, o novo estado das couzas o requeria. Elle esperava chegar a Minsk, ou pelo menos ao Boresina, antes do inimigo; aos 13 elle deixou Smolensko; aos 16 dormio em Krasnoi.

O frio que principiou aos 7 repentinamente se augmentou, e em 14, 15, e 16, o thermometro estava á 16, e 18 graos abaixo do ponto de congelaçãõ.

As estradas estavaõ cobertas de gelo; a cavallaria artilharia, e cavallos de baggagem pereciaõ todas as noites, naõ só aos centos, mas aos milhares, particularmente os cavallos Alemaens, e Francezes. Em poucos dias pereceãõ mais de 30,000, e a nossa cavallaria ficou desmontada, a nossa artilharia e bagagens sem transporte. Foi necessa-

rio abandonar, e destruir grande parte dos nossos canhoens petrechos, e provizoens.

Este exercito tao bello a 6, se achou bem differente a 14, —quasi sem cavallaria, sem artilharia, sem transportes. Sem cavallaria, nos nao podiamos reconhecer á distancia de hum quarto de legoa, sem artilharia, nao podiamos ariscar huma batalha, nem esperalla com firmeza: foi necessario marchar, para nao sermos constringidos a huma batalha, que a falta de muniçao nos fazia nao dezejar; foi preciso occupar hum certo espasso para nao sermos voltados, e isso sem cavallaria necessaria para conduzir e ajuntar as columnas. Esta difficuldade junta ao frio que repentinamente sobreveio, tornou a nossa situaçao miseravel. Aquelles homens aquem a natureza nao tinha assas endurecido para serem superiores a todos os lances da sorte, e da fortuna; vacillaraõ, perderaõ a sua alegria, o seu bom amor, e só pensaraõ em catastrophes, e desgraças; aquelles aquem ella creara superiores a todas as couzas, conservaro a sua alegria, e as suas maneiras ordinarias, e viaõ novas glorias em vencer tantas difficuldades.

O inimigo que via sobre as estradas vestigios daquella horrivel calamidade que surprehendera o exercito Francez, buscou tirar disso vantagem. Elle cercou todas as columnas com os seus Cossacos, que semelhantes aos Arabes nos desertos, levavaõ os trens, e carrossas que se separavaõ. Esta desprezivel cavallaria, que so faz bulha, e nao he capaz de penetrar por huma companhia de *voltigeurs*, se tornou formidavel favorecida pelas circumstancias. Com tudo o inimigo teve que a repender-se de todas as serias tentativas que dezejou fazer: elle foi posto em confuzao pelo Vice Rei diante de quem se havia postado, e perdeu muitos homens.

O Duque de Elchingen, com 3,000 homens fez saltar as muralhas de Smolensko: elle foi cercado, e achou-se n'huma critica poziçao, mas elle se desembaraçou della com aquella entrepidêz que o caracteriza. Depois de reter o inimigo a certa distancia durante o dia inteiro de 18, e de o ter repellido eonstantemente, á noite, fez hum movimento sobre a direita, passou o Borysthenes, e illudio todos os calculos do inimigo.

Aos 19, o exercito passou o Borysthenes em Orza, e o exercito Russo estando fatigado, e tendo perdido hum grande numero de homens, suspendeo as suas tentativas.

O exercito de Volhynia inclinou-se a 16 para Minsk, e marchou sobre Borisow. O General Dombrowski, defendeo a cabessa de ponte de Borisou com 3,000 homens. A 23 foi forçado a evacuar esta poziçao. O inimigo entao passou o Beresina, marchando sobre Bobr, a divizao Lambert formava a guarda avançada. O segundo corpo

commandado pelo Duque de Reggio que estava em Tacherein recebeu ordens de marchar sobre Borisow para segurar ao exercito a passagem do Beresina. Aos 24, o Duque de Reggio encontrou a divisao Lambert, quatro legoas distante de Borisow, atacou a e desfella, tomou 2000 prisioneiros, 6 peças de artilharia, 500 carros de bagagem do exercito de Volhynia, e lançou o inimigo na margem direita do Beresina.

O General Berkeim com o 4 de corasseiros se distinguio por huma bella carga. O inimigo não se deo por seguro se não queimando a ponte, que tem mais de 300 toezas de comprido. Toda via, o inimigo occupava todas as passagens do Beresina; este rio tem 40 toezas do largo, e tinha muito gelo flutuante; as suas margens erao cobertas de pantanos 300 toezas de comprido, o que offerencia grandes obstaculos á passagem. O General inimigo tinha posto as suas quatro divisoes em quatro dezembucaduras diferentes onde presumio que o exercito Francez tentaria passar.

No 26 ao romper do dia, o Imperador depois de ter illudido o inimigo por diferentes movimentos feitos durante o dia 25; marchou sobre a aldeia Studzeanea, e fez, a pesar de huma divizao do inimigo, e na sua prezença, que duas pontes se lancem sobre o Rio. O Duque de Reggio passou, atacou o inimigo, e continuou a açao por duas horas. O inimigo retirou-se sobre a cabeça de ponte de Borisow. O General Lagrande, hum official do primeiro merito; foi severamente ferido; mas sem perigo. Durante o dia 26 e 27 o exercito passou.

O Duque de Belluno, commandando o nono corpo, recebeu ordens, para seguir os movimentos do Duque de Reggio, para formar a recta guarda, e repremir o exercito Russo do Dwina, que o seguia. A divisao de Partonneaux formava a recta guarda deste corpo.

Aos 27 ao meio dia, o Duque de Belluno chegou com duas divisoes a ponte de Studzeanea.

A divisao de Partonneaux, deixou Borisow de noite. Huma brigada desta divisao que formava a recta guarda, e que estava encarregada de queimar a ponte, marchou as 7 da tarde, e chegou entre as 10 e as 11 horas; ella procurou a sua primeira brigada, e seu General, que tinha partido duas horas antes, e que não tinha encontrado em sua derrota. Suas diligencias forao baldadas, o que produzio alguma inquietacao. Tudo o que nós desde entao temos podido saber he, que a primeira brigada marchou as cinco horas; errou o seu caminho as 6, foi para a direita

em lugar de proceder para a esquerda, e marchou duas ou tres legoas nesta direção; que durante a noite, e entropescida com frio, se reunio ao ver os fogos do inimigo que supôs ser do exercito Francez assim cercada ella foi tomada. Este cruel engano nos cauzou a perda de 2000 homens de infantaria, e 300 de cavalaria e 3 peças de artilharia. Boatos referem que o General de divisao não estava com a sua columna, e tinha marchado só.

Todo o exercito havendo passado na manham de 28, o Duque de Belluno guardou a cabeça de ponte sobre a margem esquerda; o Duque de Reggio, e atraz d'elle todo o exercito estava sobre a margem direita. Borisow havendo sido evacuado, os exercitos do Dwina, Volhynia se comunicaraõ, e consertaraõ hum ataque a 28 ao romper do dia. O Duque de Reggio fez saber ao Imperador que elle erá atacado. Meia hora depois o Duque de Belluno estava na margem esquerda. O Duque de Elchingen immediatamente seguiu o Duque de Reggio, e o Duque de Treviso, o Duque de Elchingen. A batalha se tornou ardente. O inimigo dezejando voltar a nossa direita, o General Dumer commandando a 5. divisao de courasseiros, que fazia parte do 2. corpo remanecente no Dwina, ordenou huma carga de cavalaria pelo 4. e 5. regimentos de courasseiros, no momento em que a legião do Vistula se batia nos bosques, para romper o centro do inimigo, que foi posto em derrota com a cavalaria que veio em soccorro da sua infantaria; 6000 prizioneiros, 2 estandartes, e 6 peças de artilharia cahiraõ em nossos maons.

O Duque de Belluno sobre o seu lado, vigorosamente carregou o inimigo, desfello, tomou de 5 a 600 prizioneiros e não consentio que elle se avancasse ao alcame des canhoens da ponte. O General Fournier fez huma bella carga de cavallaria.

Na batalha de Beresina, o exercito de Volhynia soffreo muito. O Duque de Reggio foi ferido, porem a sua ferida não he perigoza. Elle recebeu huma balla no lado.

No dia seguinte (29) nós nos conservamos sobre o campo da batalha. Nós tinhamos a escolher duas estradas,—huma para Minsk e outra para Wilna. A para Minsk seguia por entre huma floresta, e paues incultos aonde erá impossivel ao exercito subsistir. Pelo contrario, a estrada do Wilna so guiava por hum muito bello paiz. O exercito estando sem cavallaria, falto de muniçoens, horrivelmente fatigado por 50 dias de marcha, conduzindo o seu trem, e todos os doentes e feridos de tantas batalhas, estava em grande precizao de chegar aos seus armazens.



Aos 30 o quartel general estava em Plechnitsi; no primeiro de Dezembro em Staike, e a 3 em Molodetschno, aonde o exercito recebeu os primeiros combois do Wilna.

Todos os officiaes e soldados feridos, e tudo o mais que podia ser de embarço, com a bagagem, &c., se mandou para Wilna.

Dizer se que o exercito tem necessidade de re-estabelecer a sua disciplina, de descansar, de remontar a sua cavallaria; completar a sua artilharia e seus petrechos; he o resultado da expozição que se acaba de fazer; seu repouso he da primeira necessidade. Materiaes e cavallos estao chegando: O General Boureier tem ja mais de 20,000 remontados em differentes depozitos.

A artilharia tem ja reparado as suas perdas. Os Generaes, officiaes, e soldados tem soffrido consideravelmente a falta de provisoens. Grande quantidade d'elles tem perdido as suas bagagens pela perda dos seus cavallos, e diversos por effeito das embuscadas dos Cossacos. Os Cossacos tem tomado quantidade de pessoas izoladas dos engenheiros geographos que estavaõ tomando posiçoens, e de officiaes feridos que marchavaõ sem precaução, preferindo correr o risco, de marchar mais de vagar, e hirem com o comboi.

Os relatorios dos officiaes Generaes, commandando differentes corpos, faraoõ conhecer quaes saõ os officiaes, e soldados que se tem principalmente distinguido, e os detalhes destes memoraveis acontecimentos.

Em todos estes movimentos, o Imperador tem continuamente marchado no meio das suas guardas—a cavallaria commandada pelo Duque de Istria, a infantaria, commandada pelo Duque de Dantzic.

Sua Magestade tem estado bem satisfeito com o espirito que as guardas tem mostrado. Estas tem sempre estado promptas a mostrar-se em toda a parte que a sua prezença he necessaria, porem as circumstancias tem sido sempre taes que a sua appareçiao só bastava, e nunca foi preciso que fizessem huma carga.

O Principe de Neufchatel, o Grande Marechal o Estrevoiro Mor e todos os Ajudantes de Campo, e officiaes militares da caza tem sempre acompanhado Sua Magestade.

A nossa cavallaria estava desmontada a hum tal ponto, que foi necessario ajuntar os officiaes que ainda tinhao cavallos, em ordem a formar quatro companhias de 150 homens cada huma.

Os Generaes exerciaõ as fonçoens de capitaens, e os coroneis as de sobalternos. Este sagrado esquadrão, commandado pelo General Grouchy, e debaixo das ordens de

Rei de Napoles não perdeu o Imperador de vista em todos os seus movimentos. A saúde de Sua Magestade nunca foi melhor.

---

PARIS, 18 DE DEZEMBRO.

Aos 5 de Dezembro o Imperador, tendo ajuntado nos seus quartéis Generaes em Smorgony, o Vice-Rei, o Principe de Neufchatel, e os Marechaes Duques de Elchingen Dantzic, Trevizo, o Principe de Eckmuhl, o Duque de Istria, lhes fez saber, que elle nomeava o Rei de Napoles seu Tenente General, para commandar o exercito na estação rigorosa,

Sua Magestade, passando por Wilna, occupou-se algumas horas com o Duque de Bassano. Sua Magestade viajou *incognito* n'hum simples trenó, com o nome de Duque de Vienne. Elle examinou as fortificações de Praga, visitou Varsovia, onde se demorou algumas horas disfarçado. Duas horas antes de partir, mandou chamar o Conde Potocki, e o Ministro das finanças do Grao Ducado, com quem teve huma longa conferencia.

Sua Magestade chegou a 14 pela huma hora da manhã a Dresden, e apeou-se em casa de seu ministro, o Conde Serra. Elle teve huma longa conferencia com o Rei de Saxonia, e immediatamente depois continuou a sua jornada tomando a estrada de Leipzig e Moguncia.

M. De Montesquieu, Ajudante de Campo do Principe de Neufchatel, despachado pelo Imperador de seu Quartel General em Selitche, a 2 de Dezembro, com despachos para a Imperatriz, chegou a Paris a noite passada.

O General Nansouty, Estribeiro Mor de Sua Magestade chegou a Pariz ha dias.

---

PARIS, 19 DE DEZEMBRO.

Sua Magestade chegou a Paris hontem as 11 horas e meia da noite; recebeu os Principes Graos Dignitarios, os Ministros e Grandes Officiaes.—O Duque de Cadore tomou o juramento diante de Sua Magestade, em qualidade de

Ministro Secretario de Estado, *ad interim*, em lugar do Conde Daru, que fica ainda no exercito, fazendo as funçoens de Intendente Geral.

Sua Magestade encarregou o Bispo de Nantes da administração de sua capella, na auzencia do Esmoler Moir.

---

O Artigo França deste Numero ja estava impresso quando chegou o 29 Boletim do Grande Exercito. Nos temos hum extraordinario prazer de apresentar aos nossos Leitores no prezente No. esta peça importante, a unica talvez no seu genero, como caracteristica da situação politica do Continente no fim do anno 1812; tanto mais quanto vemos realizadas as nossas prediçoens sobre a sorte do Grande Exercito Invasor da Russia. A sua completa derrota, a vergonhosa fuga de seu chefe, a sua chegada occulta a Paris, são as prominentes feiçoens desta infeliz e detestavel caravana. A onda assoladora da Guerra, que o insensato tyrano levava ate ao Kremlin voltando d'ali com todos os seos horrores, cabio sobre os salteadores que elle dirigia, e devorando as suas hostes ameaçadores, e daminhas que apresentavaõ huma forma gigantesca e terrivel, fez retroceder ate ás Tuellirias o fugitivo Napoleão, reduzido a mero Esqueleto Imperial. Nos exultamos á narrativa dos desastres que o novo Nabusco he forçado elle mesmo a fazer; e antecipamos os gloriosos resultados que o seu destroço deve produzir em favor da sagrada cauza da humanidade.

---

#### AOS NEGOCIANTES PORTUGUEZES.

Em o nosso precedente No. appellamos para a lealdade de todo o Publico Portuguez, para que julgasse da falta de lizura com que o redactor do Correio Braziliense, com o fim apparente de nós atacar, involveo os fins constantes na sua penna de malquistar os povos com o Soberano, e inculcar-lhes directa, ou indirectamente huma revolução Caraquenha,

como unico remedio ; agora, apezar de toda a aversão, que temos acontestaçoens com hum homem, cujos principios são ja tao conhecidos ; e apezar de tambem da repugnancia invencivel, que temos a discutir, como se os conhecessemos, negocios que se tratao entre dois gabinetes ; julgamos que podemos appellar para a sagacidade natural, que caracteriza os Negociantes Portuguezes para que elles por si mesmos ponhao o preço á lealdade do redactor daquelle Jornal, e fiquemos todos os bons Portuguezes entendendo se este homem he por nos, ou contra nos. Isto nao tira que os apaixonados deste tao grande literato nao possaõ continuar a colher o fructo da sua lição, sem comprometterem a opiniao da sua lealdade, porque tem a seu favor o antigo rifaõ.

*Fas est ab hoste doceri.*

Entretanto sempre achamos que he bom fazer a conta corrente bem clara, e ver de que parte está o saldo, se por nos, ou contra nos.

Nas reflexoens que elle fez no seu No. 54 sobre o tratado de Commercio, começa com huma frazeologia tao impudente, que ou nos o nao entendemos, ou elle se considera como huma authority *sui generis* a par do Governo Portuguez : outro sentido nao podemos dar as palavras seguintes—

“ E senao quando, estando nos mui callados a respeito do tractado, ate se acabarem as negociaçoens, vem elles entender com nosco ; publicando o Decreto, que nos transcrevemos a pag. 712. deste No. &c.”

Quem são estes *elles*, senao o Governo Portuguez, que mandou publicar este Alvará, e nao Decreto como lhe chama esta authority *sui generis* ? E mais abaixo por tal nos parece qualificar-se elle mesmo, quando diz—“ O Conde de Funchal, ou o seu Governo ninguem pode deixar d’inferir daqui, que este nao he o Governo do Correio Braziliense.

Satisfeito este escrupulo, uzaremos da sua mesma frase, entrando na justiça da cauza, e ponto essencial para nos, que nao he, como para elle, a questao mesma do tratado ; porque ingenuamente confessamos, que nao podemos discorrer com satisfacao em assumpto para que nao temos todos os dados. Esse absurdo de decidir de cadeira do que nao entende, o deixamos á logica do redactor do Correio Braziliense. O nosso objecto he subministrar aos leitores Portuguezes os dados por onde possaõ julgar se este homem he por nos, ou contra nos.

A nossa primeira assercao, e que nos parece incontestavel he, que sem sabermos definitivamente de que parte está a justiça em hum, ou em todos os pontos sobre que a discussao

está pendente entre as duas Nações, como nos estamos certos da sincera disposição d'ambos os Governos para coincidir a final no ponto da razão, que he sempre o da conciliação amigavel, nenhum homem nos parece vassallo honrado, Português, ou Inglez, se neste momento d'incerteza advogar a cauza da Nação que não he a sua: se esta maior he incontestavel, a segunda não he menos; poisque o redactor advoga ex professo a cauza contraria aos Portuguezes: logo a consequencia que nos tiramos he legitima; isto he que o Redactor do Correio Braziliense não he por nos, mas contra nos; quer dizer que não he Portuguez.

Não nos faz novidade accusar elle a sinceridade do nosso Embaixador, ou do nosso Governo; isto para quem tem tido a paciencia de ler as suas rapsodias precedentes, ja não são mais do que *pecadilhos*: mas agora elle excede-se a si mesmo em falta de senso commum, e de lealdade; pois claramente decide contra os Senhores Negociantes Portuguezes, que não tem razão de pedir a exempção dos direitos de Sca-vage, &c.

Nos repetimos, que não podemos entrar nesta discussão com armas iguaes, se o redactor do C. B. teve communicações secretas do que duvidamos; mas se elle as tem deve produzir a authoridade em que se funda; sobre elle he que recahe o *onus probandi*. Nos somente argumentaremos em geral, e provaremos, que esteja de que parte estiver a justiça, os raciocinios do redactor são absurdos, e filhos da ignorancia crassa, para não dizer falsidade com que cita o tratado. Nos examinamos mui de proposito o artigo 21 que elle cita, e achamos que nelle não se obrigaraõ os Governos do Brazil, e d'Inglaterra, como diz o Correio Braziliense, a não exigir dos vassallos, ou subditos da outra potencia mais direitos do que cobraria dos seus mesmos respectivos subditos nas fazendas que se reexportaõ.

O artigo 21 não diz tal—diz—“ E os artigos assim admitidos, e recebidos sujeitos devida Regula.oens, serao isentos dos Direitos Maiores, com que haveriao de ser carregados, se fossem destinados para o consumo do lugar, em que possam ser descarregados, ou depositados em Armazens, e obrigados somente ás mesmas despezas, que houverem de ser pagas pelos os Artigos da Produçãõ do Brazil recebidos, e depositados em Armazens para a re-exportaçãõ nos Portos dos Dominios de Sua Magestade Britanica.”

Na versãõ Ingleza acha-se a omissãõ das palavras dos direitos maiores; mas em ambos se falla de despezas, e não somente de direitos.

Eis aqui está pois o primeiro argumento do Senhor literato

Brasiliense por terra; esteja de que parte estiver a justiça; porque nessa questao nao entramos nós: o objecto de que tratamos he a lealdade logica do Senhor redactor.

Tambem por esta vez nao nos occuparemos com os Satrapas substituidos a Godoyanos: as suas denominaçoens sao tao solidas como os seus raciocinios, e devem cahir, como elles.

Nos nao sabemos quem fez a objecção, nem quem deo no Brazil a resposta, que la nao se sabia, que havia em Inglaterra direitos que nao pertenciao ao Governo—*Bem diz o Correio Brasiliense, he disso que nós nos queixamos.*—Bem dizem os nos; diga-nos Senhor Correio Braziliense, quem forao os arguentes, e quem os defendentes?

Vamos ao terceiro argumento. Em hum Governo, &c. Quem tiver a paciencia de ler este paragrafo, que o leia. Nos somente copiamos as absurdas palavras seguintes, com que elle termina.

“ Isto nao se entende das posturas, e alcavalas, pertencentes á Cidade de Londres, e ás outras; porque nisso nao tem poder o Governo, visto que he a propriedade particular, que he sagrada.”

Bravo Senhor comparador de constituçoens Portugueza, e Ingleza! Nos nao sabiamos quando escrevemos o No. precedente, que era só por effeito de ignorancia que Vm<sup>ca</sup>. comparava as coizas porque se parecem, ou porque se nao parecem; agora ja sabemos o que havemos de pensar dos seus conhecimentos de Direito Publico, e de Constituçoens Europeas: daqui por diante entenderemos, que cada cidade de hum Imperio he status in statu; e quando S. A. R. julgar conveniente abolir, ou modificar *as posturas, e alcavalas da villa d' Azeitaõ*, aconselharemos aos vereadores, que representem a S. A. R. que aquellas posturas sao propriedade particular, e que he sagrada. Entenderemos taobem que na doutrina constitucional do Senhor redactor nao ha em Inglaterra Poder Legislativo Superior ao de huma cidade, ou villa. Ora Senhor redactor ja que tanto gosta de periodicos, e de gazetas, corra as antigas pelos olhos ate, que nos debates do Parlamento encontre aquella famosa declaração de Mr. Windham, que ninguem contradisse—*que nao havia na authoridade despotica de hum Graõ Senhor, ou de hum Rey de Prussia, poder a que nao chegassem hum Rey, os Lords, e os Communs de Inglaterra juntos em Parlamento.* E repare na civilidade e justiça de Mr. Windham, que nao foi citar por modelo de despotismo o Rey de Portugal, apesar de nao ter nascido Portuguez.

Isto basta: tudo o mais, que no dito artigo se lê sao inepcias, ou impudencias, que nem resposta merecem.



Commercio.

Preços Correntes dos productos do Brazil em 30 de Dezembro de 1812.

Assucar	Branco	28 a 46	} Shillings por 112 lb.
	Mascavado	24 28	
Caffé		58 60	
Cacao		53 56	
Arròs		naõ há no mercado	} Penniques por lb.
Cebo		86 88	
Alguidaõ de Pernambuco	Ceará	26 27	
	Bahia	25 25½	
	Bahia	24½ 25	
	Maranhao	24 24½	
	Minas	22 23	
	Pará	21 22	
	Capitania	20 20½	
Couros de	Montevideo	6 8½	
	Rio Grande	5 7	
Anil		24 40	

N. B. Fretes, direitos, e mais despezas pagas pelo vendedor.

Mappa dos Cambios de Londres com as Praças Estrangeiras.  
Datas

Anno e Mez.	Dias.	Rio de Janeiro.	Lisboa.	Porto.	Cadis.	Gibraltar.	Malta.	Amsterdã.	Paris.
Dezembro de 1812.	1	72	69½	70½	49	44	64	27-10	18-30
	4	72	69½	70½	49½	43	63	27-10	18-30
	8	72	70	70½	49½	43	63	27-10	18-55
	11	72	70	70½	49½	43	63	27-10	18-55
	15	72	71	70½	49½	43	63	27-10	18-55
	18	72	71	70½	49½	43	64	27-10	18-55
	22	72	71	70½	48½	43	64	27 10	18-55
	25	72	71	70½	48½	44	64	27-10	18-55
	29	72	71	70½	48½	44	64	27-10	18-55



1

302

0

# INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

FEVREIRO de 1813.

---

*Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.*

---

## LITERATURA.

TRAVELS IN THE INTERIOR OF BRAZIL, &c.

*Viagens ao Interior do Brazil, &c. Por Mr. Mawe.*

Continuado de pag. 366.

### CAPITULO XI.

*Origem e prezente Estado de Villa Rica.—Noticia de  
Caza da Moeda.—Vizita a Cidade de Mariana.*

A HISTORIA de hum estabelecimento, que vinte annos depois da sua fundação, era reputado o lugar mais

VOL. V.

N n

rico do globo, era para mim hum objecto de consideravel interesse; e por conseguinte fiz muitas indagaçoens a seu respeito, e busquei informaçoens das pessoas mais illustradas do paiz. Parece que a descoberta desta montanha outrora taõ rica foi feita pelo espirito emprehendedor dos Paulistas, que de todos os colonos do Brazil, conservavaõ grande parte daquelle ardente, e infatigavel zelo de descobertas, que caracterizou os Luzitanos dos antigos tempos. Elles penetraraõ da sua capital ate aquellas regioens, desprezando toda a fadiga, e affrontando todas as difficuldades que lhes offerencia hum paiz salvatico, infestado por habitantes ainda mais salvaticos. Elles abriaraõ caminho por invios bosques, levando provisoens comsigo, e aqui e ali cultivando pequenos pedaços de terra que lhes dessem de comer na retirada, em cazo de necessidade, e lhes segurassem huma communicacão com a sua cidade de São Paulo. Cada polegada de terra lhes foi disputada pelos barbaros Indios, chamados Botecudos, que abertamente ou de embuscada os atacavaõ e muitas vezes os sorprendiaõ e aos seos negros, que immediatamente sacrificavaõ á sua horrivel gula de carne humana. Os ossos destas desgraçadas victimas se achavaõ frequentemente dispersos por aquellas passagens, exhibindo revoltantes provas da barbaridade de seos assassinos: a quem os Paulistas não perdoavaõ, dezejosos de vingar-se, matando os atiro onde quer que appareciaõ. Estes exemplos de vingança produziraõ o dezejado effeito. Os Indios atterrados pelo estrondo, e prompta destruiçãõ das armas de fogo, fugiaõ precipitadamente, julgando que os brancos commandavaõ o trovaõ e o raio.

Explorando este territorio os Pulistas nenhum succorro receberaõ dos Indigenas. Elles seguiraõ o curso dos rios, onde achavaõ accidentalmente oiro, cuja superficie alimpavaõ, e assim procederaõ áte chegar á montanha, que faz o nosso presente objecto. A sua riqueza poz termo ao seu curso; immediatamente elles levantaraõ habitaçoens temporarias, e commecçaraõ as suas operaçoens. Os principaes da partida, que ali se estabeleceo primeiro, foraõ Antonio Dias, Bartholomeo Rocinho, Antonio Ferreira (filho) e Garcia

Ruiz. Ve-se que elles tomaraõ o caminho mais direito para aquelle lugar, pois que as estradas que elles abri- raõ, saõ as mesmas que ainda hoje se frequentaõ. A fama de suas felizes aventuras depressa chegou a Saõ Paulo; novos aventureiros chegaraõ em grande numero trazendo todos os negros que podiaõ comprar. Outros foraõ ao Rio de Janeiro buscar negros, pelos naõ haver ja em Saõ Paulo; e deste modo sabendo-se na capital do Brazil a descoberta de huma montanha de oiro, homens de todas as classes hiaõ em chusmas a esta terra da promissaõ por via de Saõ Paulo, unica estrada que entaõ se sabia. Os primeiros que ali se estabeleceraõ, naõ exporiaõ a sua fortuna, se tivessem podido moderar a sua alegria, e obrassem de concerto; mas como o oiro era em grande abundancia, cada individuo se apossou de hum pedaço do terreno, e se tornou capitalista. Cada hum porfiava em fazer o seu thesouro no menor tempo possivel; e a avidez da riqueza bem depressa descobrio a sua fonte. Os Paulistas independentes no espirito, e orgulhosos com os seos thesouros, dezejaraõ dar leis aos novos vindos; mas estes determinados a oppor-se a esta medida, formaraõ hum partido debaixo de hum chefe, por nome Manuel Nunes Viana, aventureiro de alguma consideração, que fortemente sustentou pertençaõs a iguaes direitos e vantagens. Levantaraõ-se disputas de parte a parte que a final se converteraõ em hostilidades, e naõ foraõ mui favoraveis aos Paulistas, que fugiraõ para huma grande paragem, sua propria, e ali esperaraõ reforços. Viana e os seos sectarios sem perda de tempo, foi no alcance dos seos inimigos, que estavaõ postados n'huma planicie junto ao sitio de Saõ Joaõ d'El Rei. As duas partidas se encontraraõ nas bordas de hum rio, deraõ huma batalha sanguinolenta, que terminou em a derrota dos Paulistas, que fizeraõ depois os arranjos que poderaõ. Os mortos foraõ enterrados na margem do rio, que por esta circumstancia tomou o nome de Rio das Mortes.

Os Paulistas dezejando vingar-se, mas enfraquecidos pelo destroço, appelaõ para o Rei Dom Pedro, denunciando Viana e os seos sectarios como rebeldes que pertendiaõ tomar para si aquelle districto, e formar hum governo independente. O governo informado do estado das couzas, e ouvindo a immensa riqueza

do paiz, immediatamente enviou hum chefe com hum corpo de tropas para tirar vantagem da contenda entre os dous partidos. O nome deste chefe era Albuquerque, homem emprehendedor, e de preseverança, proprio para o serviço de que hia encarregado. A sua presença occasionou ao principio muita confusão e discontentamento em ambos os partidos. Os Paulistas virão então que a riqueza que poderiam ter conservado de partilha com os seus rivaes, hia ser tomada por hum terceiro partido, que devia reduzir os dous a subordinação. Houve dezordens por algum tempo, mas vindo continuamente reforços do Governo, restabeleceo a final huma perfeita tranquillidade; e no anno de 1711 se commeçou a formar huma povoação regular. Construiu-se huma casa do Governo, outra da moeda e hum deposito para armas. Formou-se hum codigo de leis para regulamento das minas; ordenou-se que todo o oiro em pó que se achasse, fosse entregue a officiaes nomeados para aquelle fim: hum quinto em pezo se tirou para o Rei, e as quatro partes restantes se limpavao e derretiao em barras a custa do governo, depois erao provadas, marcadas segundo o seu valor, e entregues aos proprietarios com huma certidão, para que podessem correr. Para maior commodidade do commercio se permitia a circulação de oiro em pó, para pequenos pagamentos. Não obstante estes severos regulamentos, huma grande parte deste precioso metal em seu estado primitivo hia clandestinamente para o Rio de Janeiro, Bahia, e outros portos, sem pagar o quinto, ate que o Governo sabendo deste trafico illicito, estabeleceu registros em varias partes para examinar os passageiros, e estacionou patrulhas de soldados pelas estradas. Por este meio, se tomou, e confiscou grande quantidade de oiro: e as pessoas em que elle se achava não so perdiao toda a sua propriedade, mas hiao desterrados para Africa por toda a vida; não tendo patronos de alta influencia. Elles erao infamados com o nome de contrabandistas, e era tal o rigor da lei contra taes reos, que toda a pessoa deixando aquelle dstricto, era obrigada a trazer huma certidão referindo onde hia, e o que levava comsigo. Este regulamento está ainda em vigor, e observa-se rigorosamente.

Villa Rica depressa abriu hum consideravel commercio com o Rio de Janeiro, que em retorno lhe mandava negros, ferro, lans, sal, provisoens de toda a sorte, o que naquelle tempo era de immenso lucro. Pelo anno 1713, em que Braz da Silva foi nomeado Governador, houve humia porção de oiro taõ consideravel, que o quinto produzia annualmente meio milhaõ sterlingo. A montanha ficou furada como hum favo de mel, poisque os mineiros rompendo as partes molles que podiaõ achar, removiaõ o cascalho para hum sitio proprio de lavagem. Na estaçaõ chuvosa as torrentes d'agoa descendo pelos lados da montanha traziaõ com terra muitas particulas de oiro, que se vinhaõ depositar na sua baze, e attrahiaõ immensa gente pobre, que ali achavaõ emprego lavando aquelle terra, e achando nisso proveito.

Antonio Dias, ja mencionado como hum dos principaes Paulistas que descobriraõ o lugar, enriquecendo-se extremamente, edificou huma bella igreja, e morrendo lhe legou consideraveis fundos. Cinco ou seis mais se commecaraõ e acabaraõ naquelle tempo, naõ havendo falta de madeira nem de pedra, e sendo os habitantes inclinados a empregar os seos negros de preferencia nestas obras piedosas. Huma lei que da muito credito á sabedoria do governo Portuguez, foi prohibir frades no territorio das Minas. Que thesouros se naõ salvaraõ assim ao estado! E que numero consideravel de pessoas se tornaraõ por este modo uteis, que aliás seriaõ de pezo a sociedade!

Entre os annos 1730, e 1750 as minas estavaõ no seu maior auge de prosperidade. O quinto do Rei naquelle periodo naõ montava nunca a menos de hum milhaõ sterlingo annualmente. Mas as minas que produziaõ tam immensa riqueza, foraõ gradualmente diminuindo, foi dezaparecendo o precioso metal; e muitos mineiros se retiraraõ, alguns para o seu paiz natal, carregados de oiro, o que temptou novos aventureiros, e outros para o Rio de Janeiro e outros portos do mar, onde empregaraõ seos grandes fundos em commercio.

Villa Rica prezentemente conserva apenas huma sombra do seu antigo esplendor. Os seos habitantes, a excepçaõ dos logistas, naõ tem de que se occupar;

elles desprezaõ totalmente os lindos campos que os cercaõ, e que propriamente cultivados, os compensariaõ amplamente da perda dos thezouros que os seos antepassados arrancaraõ de seu seio. A sua educaçãõ, seos costumes e prejuizos hereditarios os inhabilitaõ para huma vida activa. Perpetuamente entregues aos visionarios projectos de huma repentina riqueza, imaginaõ-se exemptos da lei universal da natureza, que manda que o homem viva pelo suor do seu rosto. Contemplando as fortunas accumuladas pelos seos predecessores, elles menoscabaõ a industria, e perseverança que as obteve, e perdem inteiramente de vista a mudança de circumstancias, que fazem agora dobradamente indispensaveis aquellas qualidades. Os successores de homens que se erguem de pequenos principios ate a opulencia, raras vezes seguem o exemplo que lhes foi deixado. Como pode pois hum Creolo creado na preguiça e na ignorancia sentir os beneficios do trabalho e da industria! Seos negros constituem a sua principal propriedade; e elle os emprega tam mal, que o producto do seu trabalho paga apenas a despeza do seu sustento: pelo curso regular da natureza elles se tornaõ velhos e inhabéis para o trabalho, e com tudo elle continua no mesmo desleicho e dezmazello, ou cahe n'hum estado de absoluta inactividade, sem saber o que faça desde manham ate a noite. Esta deploravel degeneraçãõ he sempre a caracteristica universal dos descendentes dos colonos originarios. Todo o commercio he feito por mulatos ou negros, cujas classes ambas parecem superiores em entendimento a seos annos; porquanto fazem d'elle hum melhor uzo.

Durante a minha estada em Villa Rica, fiz frequentes vizitas a casa da moeda; e os officiaes generosamente me permittiraõ ver os processos que ali se faziaõ. Constava esta officina de outo ou dez pequenas forjas, mui semelhantes ás de ferreiro. O combustivel uzado era carvaõ. Trazida que seja huma porçaõ de oiro (naõ importa se grande ou pequena), por exemplo seis onças, he logo pezada, e o quinto tirado para o Principe; e o resto posto em hum cadinho tres polegadas em diametro, que immediatamente se poem na forja. Junta-se algum sub-

limado corrosivo que pela acção do fogo exhala vapores fortes; se apparecem escorias, tiraõ-se com huma tenaz, e deita-se mais sublimado se he preciso. Apparece as vezes ebullicão, em cujo cazo o cadinho se cobre com hum pedaço de telha. Logo que o mercurio se tem evaporado, deita-se o oiro derretido no molde das barras untado primeiro com gordura animal; e levado depois a huma cuba da agoa. A barra tem neste estado ainda algum mercurio consigo, e essa parte onde elle existe, affecta huma apparencia de chumbo. Para remover este, ella he exposta ao hum fogo forte sustida n'huma tenaz. He entãõ mandada ao ensaiador, ou provador que primeiro a compara em huma pedra de toque com barras de oiro de liga differente, ja provadas e marcadas, e entãõ a ensaia. Depois disto o ensaiador marca o seu grao de finura (chamado *toque*) o seu pezo, numero, o nome do lugar, e o anno; o que tudo se registra n'hum livro destinado para isso, e se tira huma copia da entrada, em que se embrulha a barra, e he deste modo entregue ao proprietario para circular. A cor palida e qualidade inferior de algumas barras de oiro, se attribuem sempre a prata, platina, ou outro metal, contido n'ellas. Vi algumas barras de 16 quilates, e outras de 23½, o constitue so meio quilate em differença do oiro chamado puro. 22 he a medida fixa do seu valor; e o oiro que a excede, recebe hum premio segundo a sua finura.

Durante os primeiros dias da minha residencia em Villa Rica, os meos soldados me trouxeraõ huma quantidade do mais fino barro de porcelana que ja mais vira, de certo mui superior ao que se uza na fabrica de Seves junto a Paris. Elle se encontra na raiz de hum monte de schisto argillaceo, chamado Santo Antonio, junto a Congones do Campo, n'huma veia acompanhada de quartzo, e mina de ferro specular. Ha naquellas vizinhanças finissimo barro para tijolo, telhas, &c.

Fui aqui convidado a provar vinho feito de uvas cultivadas naquelle lugar, o qual era excellente. Naõ pode imaginar-se huma situaçaõ mais feliz do que esta, para a cultura de fructos de toda a especie. Peras, azeitonas, amoras, se dariaõ aqui tambem como as

uvas, se propriamente se cultivassem. Hum habil agricultor traria mui facilmente este terreno a tal estado de melhoramento, que serviria tanto de terra de paõ como de quejeira. Parte d'elle seria destinada para trigo, parte para prado artificial. Huma bella torrente de agoa que ali corre, tem bastante queda para fazer andar moinhos.

Os principios de agricultura são aqui tam pouco entendidos, como em outra qualquer parte do territorio por onde tinhamos viajado. Talvez não ha paiz no globo onde as alternativas da abundancia, e escasez não prevalaçaõ, e onde a experiencia humana não tenha mostrado a necessidade de fazer provizoens em tempos de abundancia, para tempos de carestia; com tudo esta practica salutar he aqui totalmente desprezada. O gado anda a monte, e he deixado procurar o sustento onde quer que o encontre. Nos mezes de veraõ quando a relva seca por estensos campos, o gado se arrebanha pelas bordas dos ribeiros, unico pasto que resta, e que depressa acaba. Grande quantidade morre entaõ, e o resto que sobrevive a estaçaõ, he taõ exausto e enfraquecido, que raras vezes se restabelece.

A cidade de Mariana, outo milhas distante de Villa Rica, foi tambem por mim vizitada. Fui a cavallo por hum tremendo e quasi intranzitavel caminho, ao longo de huma cordilheira de montanhas; e depois pela estrada geral que passa entre dous elevados outeiros, e que desce a borda do rio por alguma distancia. As margens do Rio do Carmo, que corre pelo meio da cidade, tem sido revolvidas em todo o caminho desde Villa Rica em razaõ do ouro, que se julgava arrastado d'ali pela corrente do rio. Esta cidade foi feita sé de hum bispo no anno de 1715, e chamada Mariana em honra da Rainha de Portugal entaõ reinante, avó do Principe Regente actual. Ella he pequena, limpa, e bem edificada, e contem de seis para sete mil habitantes. Ha aqui hum collegio de educaçaõ para os jovens destinados para a Igreja. He lugar de pouço commercio, depende em geral das minas e fazendas circumvisinhas. Residem aqui alguns mineiros, cujas obras são algumas legoas distantes, e se



estendem mesmo ate aldea Camargo situadas alem de huma grande planicie para o oeste da cidade.

Voltando para Villa Rica, passei por hum sitio chamado Lavras Velhas, onde me mostraraõ excellente quina, mui semelhante a do Peru, e me disseraõ que possuia as mesmas qualidades em alto grao. Pela amostra que vi, creio bem que se fosse introduzida propriamente na practica de medecina, supriria a cascaca Peruviana, e como ha grande quantidade daquella, valia bem a pena que os medicos fizessem sobre isto alguma experiencia. Eu mandei algumas a mostras para Inglaterra; mas por algum accidente se perderaõ na alfandega.

Durante a minha auzencia de Villa Rica, hum dos meos soldados me alcançou hum bom arratel de bismuth nativo em pedaços, nenhum dos quaes excedia huma onça de pezo. Elle se acha neste estado coberto de huma oxide amarella, o que prova estar fora do seu lugar, apparecendo originalmente em veas. Trouxeraõ-me tambem muitos pedaços de pyrites, e de mina de ferro.

Eu tinha encarregado algumas pessoas de me procurar conchas terrestres durante a minha auzencia, e tive o prazer de alcançar seis que me apresentaraõ, da mais bella cor de castanho, com bocas de lindo cravo, pertencentes a huma nova variedade de helix. Tendo-as guardado por alguns dias sem tirar os animaes, fui surpreendido de achar que huma d'ellas tinha posto dous ovos. Eu nunca d'antes tinha imaginado que elles fossem oviparos. Tomei huma das conchas na mão, em quanto o animal se arrastava, que logo se encolheu e entrou rapidamente na concha, e neste movimento outro ovo foi deposto na boca da concha. todos estes ovos eraõ do tamanho dos de pardal. Foraõ estas as conchas unicas que vi nesta jornada.

Tornando a vizitar a caza da moeda, tive occasiao de expor aos actuaes governadõres as minhas ideas a cerca de hum novo regulamento para fornecer mercurio aos mineiros. Hum dos grandes obstaculos ao uzo daquelle metal, tam precizo em certos ramos daquelle processo, era devido ao preço exorbitante, porque o vendiaõ exclusivamente os boticarios. Eu suggerí que a caza da moeda devia ser o seu depo-

zito geral, e que d'ali deveria sahir para as lavras de oiro sem lucro. Por este regulamento, elle se tornaria de uzo geral, e de mais proveito para o estado, e para os individuos. Dei-lhes tambem modellos de vazos de barro, quo se podiaõ fazer com pouco custo, para evaporar e condensar o mercurio, e que sendo geralmente adoptados, popariaõ huma grande porção daquelle artigo.

O restante da minha demora em Villa Rica, antes de hir para o Tejuco, foi passado agradavelmente. Nas partidas a que era convidado para a noite, e que geralmente constavaõ de homens e senhoras, observei que a moda Ingleza predominava particularmente entre as ultimas. As cazas das pessoas da primeira classe em Villa Rica saõ muito mais commodas e melhor mobiliadas que as que vi no Rio de Janeiro e Saõ Paulo, e pela maior parte conservadas na melhor ordem. As camas pareceraõ-me taõ elegantes, que merecem huma particular descripção. Os pes dos leitos eraõ de linda madeira marchetados de varios modos; os lados lizos, o fundo de taboas ou couro. Os colchoens de algodão, os lençoens de linho fino bordados de renda feita no paiz, de nove polegadas de largura. Os travesseiros cobertos de musselina mui fina com renda nas extremidades. As fronhas eraõ redondas nas extremidades, e cobertas de nobreza cor de cravo, sobre que havia outra cobertura da melhor musselina, terminando em renda larga, que sendo engomada e posta em delicadas pregas faziaõ riquissima apparencia. Os cobertores eraõ de satim amarello adamascado, com franja de renda larga como os lençoens e fronhas. O adorno dos leitos he huma especie de pavilhaõ de damasco, sem cortinas. Naõ exceptuando o refinamento que ultimamente se tem feito neste artigo, eu nunca vi camas tam magnificas como as dos ricos desta capitania.

Estando ja tudo prompto para a minha partida, fui despedir-me das pessoas a quem tinha sido introduzido, e expressar-lhes os meos agradecimentos pelas attençoens e polidez com que me haviaõ tractado, e recebi d'ellas as mais obrigadores mostras de amizade, e sinceros dezejos pela minha boa jornada. Despedi-me tambem, com muito pezar meu, do meu precioso

amigo e companheiro de viagem Mr. Goodall, cujos negocios o obrigavaõ a hir a Saõ Joaõ d'El Rey, e voltar d'ali para o Rio de Janeiro ; e procedi á minha jornada para o Tejuco.

*Continuar-se-ha.*

---



---

### SKIZZE VON BRASILIEN.

*Por J. Lobo da Silveira, &c.*

Continuado de pag. 374.

#### CAPITULO III.

*Productos do Paiz em geral, productos dos Reinos Mineral, Vegetal, e Animal.*

Ommittindo o capitulo segundo, em que se tracta da divizaõ do Brazil em capitancias, do seu regime politico, e administraçao da justiça : por não repetirmos o que he geralmente sabido, passaremos a dar extractas do terceiro, por nos parecer a parte mais interessante deste opusculo.

O Brazil he huma das terras mais enriquecidas pela natureza. Diamantes, pedras preciosas, oiro, prata, cobre, ferro, chumbo, antimonio, molybdena, bismuth, e saes mineraes saõ os productos mais importantes, que ali offerece o reino mineral.

Grãos, milho, arroz, raiz de Cassava, e cocos, bananas, e outros fructos indigenos e Europeos ; o assucar, caffè, algodaõ, vanilha ou bannilha, anil, uruca, madeira para construcão de navios, e moveis de caza, linho, canhamo, resinas, balsamos, saõ os principaes productos vegetaes, que fazem a mantença e commercio do paiz.

O reino animal no Brazil apresenta cavallos, gado vacum, lanigero, a balea, a cochenilha, seda, cera; alem de hum grande numero de animaes ja innocentes, ja venenosos de todas as clases.

#### DIAMANTES.

A primeira substancia que se nos offerece do reino mineral, de que vamos tractar, he o diamante. Este fossil, geralmente denominado pedra, era desconhecido no Brazil pelo anno 1728. Foi depois dessa epocha, que elle passou a ser o maior ornamento do throno Portuguez; e a fonte principal das suas rendas.

O diamante se acha chrySTALLIZADO nas lugares conhecidos pelo nome de Destricto Diamantino, ou nos alveos, e margens dos rios. Serro do Frio em Minas Geraes he o principal assento deste fossil inflamavel. O lugar do seu nascimento he desconhecido. Elle se acha ali em camadas de esmeril, misturado com huma area ferruginea, que cobre a superficie daquella montanha. No museo do Marquez da Angeja em Lisboa se podem ver alguns destes diamantes em seu estado nativo, se he que os Francezes os não levarão. Em Cuiaba, e nas regioens de Guarã-Pará na Capitania de São Paulo, se descobriu hum sitio, que tem daquelles diamantes; e aqui, como nas Indias Orientaes se lhes da geralmente a preferencia aos do Serro do Frio. Tambem se encontraõ nos rios Peixe e Riacho fundo, &c. ou soltos nas suas areas, ou pegados a seos leitões quando são pedregosos; donde se extrahem, no primeiro cazo, pela simplez lavagem, e no segundo, espedaçando a matriz lapidea. Este trabalho não se effeitua sem mudar o curso do rio, pelo que se torna muito difficil; e dispendioso.

O Throno Portuguez possui o maior de todos os diamantes, o qual tem de pezo 1680 quilates.

Ate aos ultimos tempos, o commercio dos Diamantes era arrendado pela coroa; e para segurança dos contractadores a respeito do contrabando, ou muito principalmente por cauza dos direitos do commercio prohibido, se passou a lei de 11 de Agosto de

1753. Segundo esta lei, ninguem se podia occupar do trafico dos diamantes, sem ser authorizado por ella. Os diamantes que a lei permittia exportar, deviaõ ser remettidos aos cofres reaes, destinados para isso, juntamente com a sua respectiva marca. Excepto aquelles que tinhaõ officio ou emprego publico nas terras chamadas diamantinas, ninguem se podia ali demorar, e mesmo cinco legoas em circumferencia, sem ter occupação perduravel; e fixo o prazo da sua sahida. Os que ali vinhaõ occazonalmente por negocios particulares, deviaõ apresentar-se ao Intendente dos diamantes, que lhes marcava o tempo da sua residencia. Os negociantes da mesma sorte deviaõ apresentar-se ao Intendente; e naõ so eraõ rigorosamente examinados; mas obrigados a dar huma fiança segura, e lista exacta das suas mercadorias.

N'huma palavra, a renda annual que a coroa fazia em diamantes, passava de 3 milhoens de cruzados. A sua maior exportação era d'ali para a Turquia e Levante.

#### PEDRAS PRECIOSAS.

Entre as pedras peciosas as mais conhecidas saõ a Saphira, o Topazio, a Esmeralda, Amathista, e o Crystal de rocha debaixo de varios nomes, que saõ mais ou menos procurados segundo a belleza das suas cores, clareza, e brilhantismõ. Eu prezumo que elles se colhem pela maior parte na busca dos diamantes; nem creio, a excepção do Topazio, que tenhaõ grande consideração.

A Esmeralda do Brazil, pelo menos, he inferior a do Peru; e se julgamos pela cor, ella tem pouco ou nenhuma oxyde de Chromio.

O commercio das pedras priedosas he livre, e faz-se principalmente em minas geraes.

#### OIRO.

Naõ obstante a sede de oiro dos primeiros descobridores Europeos da America; as minas de oiro do Brazil eraõ para nos de nenhum valor pelo anno de 1698. Tinha-se ja em 1577 descoberto oiro, e tinha-se on-

firmado esta descoberta em 1588 ; mas em que luctuosa situação nos achavamos nos em tal epocha !!

Pela restauração da nossa existencia politica, reobramos finalmente as nossas possessoes occidentaes, e entre 1688 e 1699 ja gozavamos o oiro dos rios do nosso Brazil.

No principio os lucros foraõ maiores ; mas tambem os meios eraõ mais oppressivos, e o contrabando consideravel. No anno 1734 os habitantes de Minas Geraes requereraõ que se lhes adoçasse o rigor, com que o quinto do Rei se lhes tirava ; e a lei de 3 de Dezembro de 1750, e o regulamento de 4 de Março de 1751 satisfizeraõ ao seu pedido.

Prezentemente saõ as capitancias de Minas Geraes, Goyazes, Mato Grosso, que fornecem mais oiro ; com tudo naõ saõ as unicas. Ha tambem oiro no Rio de Janeiro, Bahia e Sao Paulo.

Nos naõ temos Minas de oiro propriamente ditas ; o que pode merecer aquelle nome saõ quando muito aberturas no terreno de 15 pez de profundidade. Em geral entre nos o oiro naõ se tem colhido minando ; faltavaõnos para isso mineiros, instrumentos proprios, e respectiva sciencia. A maior parte do nosso oiro he presente dos nossos rios ; taes como Rio Doce, Rio das Mortes, Rio das Velhas, &c. onde elle se acha em grande abundancia entre as areas, e se obtem puro pela simples lavagem (*Schlemmung*). O oiro puro de qualquer modo que se obtenha, he cuidadosamente junto, e trazido immediatamente pelo proprietario, ou seu deputado, á fundição da respectiva comarca, onde he apresentado ao Intendente perante hum Syndico, o thezoureiro, e dous escriptaens ; que formaõ todos o juizo da intendencia ; debaixo de inspeção do intendente. O oiro he pezado entaõ pelo thezoureiro na presença de quem o traz, e tira-se ao mesmo tempo o quinto do Rei, e se mete n'hum cofre destinado para isso. Depois do que, os restantes quatro quintos se fundem ; e para evitar toda a fraude, o proprietario está presente ate elle hir para a forja de que o escriptaõ lhe passa huma certidão com o nome do proprietario, e pezo do oiro quintado. Esta certidão he registrada nos livros do dito escriptaõ ; e o ouro entregue ao fundidor, para o fazer em barras.

Estas barras são trazidas depois pelo mesmo official fundidor, e provadas pelo ensaiador, que passa tambem huma certidão da qualidade mais ou menos fina destas barras segundo os quilates de 4 graões. Esta conta ou determinação deste valor he registrada tambem nos livros da fundição, e pezadas as barras novamente são marcadas e numeradas; e entregues desta sorte ao proprietario ou delegado, sem outra despeza mais com huma certidão rubricada do Intendente, cuja copia elle remette annualmente ao Conselho Ultramarino de Lisboa.

Estas barras de oiro devem depois disto ser trazidas para as cazas de moeda do Rio de Janeiro, Bahia, ou Lisboa, com a certidão do Intendente, para serem ali cunhadas, ou receberem o valor do seu cunho.

Naõ se faz o mesmo com o quinto do Rei, nem he derretido em barras; mas em tempo determinado, aquelle oiro dentro dos mencionados cofres metidos em borras, que são igualmente rubricadas e seladas pelo Intendente, acompanhado por huma guarda militar, he conduzido a fundição regia de Villa Rica. Aqui este oiro he outra vez pezado; e logo que chega a 3,200<sup>l.</sup> soma que os habitantes de Minas Geraes se obrigarão a pagar ao quinto annualmente, he mandado para o Rio debaixo de huma guarda militar, onde o Vicerei o rubrica tambem, o numera, e registra, e a entrega depois ao commandante de hum brigue de guerra, para o trazer para Lisboa.

O que tenho dito de Minas Geraes, se applica tambem ás outras terras onde ha oiro; com a differença de que não ha ali quinto obrigado annualmente; e de qualquer districto ou comarca he o oiro em pó ou em barra levado para a Bahia.

He pasmo a diversidade que se observa nas contas do rendimento do oiro no Brazil. Este levanta ou abaixa segundo o influxo politico dos tempos.

Considerando pois £3,200 de oiro, producto annual do quinto so de Minas Geraes, como hum terço da renda annual em oiro da coroa; e computando o marco de oiro não mais de 22 quilates, será o rendimento annual do quinto da coroa 4 milhoens, 614 mil cruzados, e o producto total do oiro do Brazil cada anno 23 mil-

hoens e 70 mil cruzados. O calculo mesmo que o avaliar em 24 milhoens, não se afastará muito da verdade.

#### OUTROS METAES.

O oiro he talvez o unico metal, que ategora se tem colhido no Brazil. A prata que se descobrio em Cayaburi, ou Cabari no anno de 1749, e em muitos outros lugares; as ricas minas de cobre, que se encontraõ entre Piaui e Jacobina, e mesmo em Minas Geraes e Rio de Janeiro, jazem sem uzo. A notavel peça de cobre puro, com o pezo £1666 que foi trazida para o Muzeo real de Lisboa de huma cachoeira na capitania da Bahia, he hum monumento que atesta a riqueza em cobre daquella regiaõ. O ferro de Piaui, Minas Geraes, Mato Grosso, Bahia, São Paulo e Ceará; o chumbo de Jacobina, a molibdena do Maranhão, o antimonio, azogue, e bismuth puro de Minas Geraes são conhecidos assas para que eu mencione a sua existencia.

Segundo o Dr. Vandelli a platina se encontra no Brazil, "misturada com huma especie de oiro, que chamaõ oiro preto, o qual tem huma cor palida e esbranquiçada," palavras daquelle Doutor.

#### SAES MINERAES.

Entre estes merece particular menção o salitre. A julgar por alguns fragmentos deste sal, que havia no muzeo do Marquez da Angeja em Lisboa, vindos da Bahia, elle existe ali em camadas horizontaes, misturado com marga amarella; e se me não ingano, acha-se deste em grande abundancia nas vezinhanças de Montes Claros.

Vitriolo de ferro se acha em Piracuruca no Piaui. Sal commum tem-se descoberto em varias partes no interior do Brazil, sobre tudo nas regioens do Cabo do Frio, onde he abundantissimo e excellente.

Eis aqui toda a minerographia que por ora posso dar do Brazil, e que não he o fim nem o objecto deste



trabalho. Não perco ainda a esperança de poder occupar-me, logo que as circumstancias mo permittaõ, desta parte importante da historia natural deste Paiz.\*

*Continuar-se-ha.*

---

Recursos da Russia em hum guerra contra a França: exame das prevençoens relativas ao comportamento politico, e militar da Corte de St. Petersburgo, e breve descripção dos Cosacos; por M. Eustaphieve, Consul da Russia em Boston†.

“Por mui penoso que possa ser para os Russos o saber, que sua antiga capital cahio nos maõs dos inimigos do seu paiz, elles devem consolar-se pensando que estes inimigos somente possuem muros despídos sem habitantes, e sem provizoens. O soberbo vencedor

\* A paginas 367. do No. precedente vem huma nota do author, em que se diz que o Brazil se rendera sem rezistencia alguma a Jacob Villekens em 1624, o que certamente foi erro de imprensa. Devia dizer a Cidade de S. Salvador, ou a Bahia de todos os Santos—que achando-se desguarnecida de tropa, e em todos os ramos de Governo administrada com o desmazelo, e malversação que caracterizava a Monarquia Espanhola no reinado dos Reys Philippes (3. e 4.), não ponde fazer rezistencia.—Os Moradores fujiraõ à chegada dos Hollandezes e elegendo por seu Cabo o Bispo D. Miguel Teixeira fortificarãõ-se a huã legoa de distancia e dalli começaraõ a guerra que durou com varios successos até 1654—que já restaurada a Coroa ao Legitimo Possuidor El Rey Dom Joã IV. ficou o Brazil evacuado pelos Hollandezes.—

A Bahia foi retomada no anno seguinte—1625—pela Armada Combinada Portugueza e Espanhola, Commandada a 1. por Dom Manoel de Menezes, e a 2. por Dom F. de Toledo.—

Segunda tentativa fizerãõ os Hollandezes contra a Bahia, mas os moradores animados pela eloquencia do Padre Antonio Vieira frustraraõ o designio do inimigo.—Nesta occasião e anno de 1640 hé que elle pregou o celebre Sermão de que o Abbade Raynal deu alguns brilhantes extractos na sua Historia Philosophica.—Os Hollandezes tomaraõ Pernambuco em 1630 e depois o Ceará e Maranhão e foraõ expulsos em 1654.

† Este artigo he extrahido do British Review; e a pezar d'algumas expressoens duras contra o Governo Inglez, elle não pode deíxar de ser lido com o mais vivo interesse por todo o homem para quem a liberdade, e independencia da Europa não he indifferente.

imaginava, que entrando em Moscow, se tornaria o arbitro do Imperio da Russia, tendo em seu poder o prescrever-lhe aquellas condiçoens de paz que elle quizesse: mas enganou-se em sua esperanza. Elle nem tera o poder de dictar a paz, nem meio algum de subsistir. (Veja-se a proclamação de Imperador Alexandre a seos vassallos depois da tomada de Moscow que nos transcrevemos, e inserimos em nosso No. XVII.) *Novissime maxima duce oppressa civitas, nullum de se gaudium hosti reliquit. Unus enim vir Numantinus non fuit qui in catenis duceretur. Præda ut de pauperibus nulla; arma ipsi cremaverant. Triumphus fuit tantum de nomine.* Florus, Cap. 18. lib. II.

“ Tal he a tocante analogia, que ha entre duas das mais horriveis catastrophes, que tem manchado os annaes da historia antiga, e moderna, que se pode dizer dos Russos, como outrora disse Floro dos Numantinos — *Macte esse fortissimam, et meo judicio beatissimam in ipsis malis civitatem asseruit, quum fide socios, populum orbis terrarum viribus fultum, sua manu, ætate tam longa sustinuit.*

“ Quanto a nos, confessamos que de nenhum modo envejaríamos a constituição moral d’hum homem que não tivesse preferido cem vezes a perda da sua vida, e propriedade em Moscow, ao vergonhoso emprego de ser o primeiro satellite na comitiva do usurpador.

“ Nos cingimo-nos á brochura que temos presente, porque vindo de huma authoridade competente parece dar huma noticia clara, e judiciosa dos recursos do Imperio Russo em huma guerra defensiva em seu proprio territorio. Consequentemente ella deve interessar aquelles que tomão parte (ah! e quem a não toma?) n’huma luta que actualmente ali se passa a fim de poder razoavelmente calcular, qual será o seu ultimo resultado.

“ O principal objecto de Mr. Eustaphieve foi o vingar sua patria da opiniaõ que geralmente se tem 1. da insufficiencia de seos recursos; 2. da vacillação da sua politica; 3. da influencia estrangeira, e da corrupção na Russia; 4. da imperfeição de seu systema militar. O primeiro ponto he aquelle sobre que nos queremos demorar, bem que não passaremos os outros em silencio.

“ Quanto ao primeiro ponto, o author começa pelo

estado historico da populaçãõ da Russia; Pêlo primeiro recenseamento feito por Pedro o Grande em 1719, parece que havia 14,000,000 de habitantes d'hum, e d'outro sexo, comprehendendo a Ukrania, e as novas conquistas da Estonia, da Livonia, e d'humã parte da Finlandia. Pêlo segundo feito em 1743 achou-se hum augmento de dois milhoens: e em 1761 outro augmento de quatro milhoens. Em 1781 hum novo recenseamento deo oito milhoens de mais: e finalmente o quinto e ultimo feito em 1794 deo 32 milhoens de habitantes. A Curlandia, e a Lithuania annexas ao Imperio augmentarãõ de cinco milhoens aquella populaçãõ: e como os registos dos nascimentos, matrimonios, e mortes apresentados annualmente ao Synodo pelas parroquias do Imperio mostraõ hum augmento regular de 500,000 almas por anno, nos podemos, ajuntando o territorio adquirido pelo tratado de Tilsit, avaliar a populaçãõ actual da Russia em 45, ou 46 milhoens.

“ Considerando esta populaçãõ relativamente ao territorio Russo, que comprehende 340,000 milhas geographicas quadradas, acha-se 129 almas para cada milha quadrada; o que, comparado á densidade da povoação dos paizes bem cultivados da Europa, parece-se como se exprime M. Eustaphieve, com alguns arbustos solitarios semeados aqui e ali n'hum vasto deserto mais capazes de fazer lembrar ao viajante humã fadiga sem recurso, doque proprios para lhe inspirar humã nova energia. Mas este raciocinio, bem como todos aquelles que unicamente se fundãõ sobre dados estatisticos, não verificados por meio d'observaçõens reaes, se acharia errado quando se viesse ao facto. Com effeito parece que, pêlo menos, tres quartos deste immenso territorio da Russia somente contem a 15 parte de sua populaçãõ; consequentemente os  $\frac{3}{4}$  de sua populaçãõ se achãõ concentrados n'hum quarto somente de seu territorio; quer dizer, que nas 258,000 milhas quadradas da Siberia, não ha mais do que hum milhaõ de habitantes; entretanto que nas 82,000 milhas quadradas da Russia Europea, ha 42 milhoens d'habitantes, dando na Siberia doze, e na Russia Europea mais de 700 pessoas por milha quadrada. Mas este calculo não exprime ainda exactamente a força do Imperio, porque muitas partes

mesmo da Russia Europea, principalmente para o Norte, são mui pouco povoadas. Sua população a mais densa existe entre o 48°, e o 55° de latitude, e entre o 42°, e o 68° de longitude, o que comparativamente fallando, não comprehende senão hum pequeno espaço, muitos districtos do qual contem 2,300 a 2,400 almas por milha quadrada. Lançando os olhos sobre a carta, nossos leitores verão, que chegando a Moscow os Francezes se achão na extremidade, a Nord-Ouest destas provincias populozas, e que, por consequência, todos os recursos destas provincias estão ainda em poder do Governo Russo.

“ Mr. Eustaphieue observa igualmente muito bem que a população de França, e de seos estados tributarios, vistas as enormes sangrias que se lhe tem feito para o serviço militar, he mais numerica, do que effectiva; entre tanto que a Russia tem não somente hum grande numero de mancebos de 20 a 30 annos; mas taobem soldados mais proprios para se defender sobre o territorio Russo, do que os soldados do invasor o são para o atacar.

“ Considerando debaixo deste ponto de vista a população da Russia, sua distribuição sobre o territorio deste Imperio, e o que sabemos do character intrepido, firme, e leal dos habitantes, a concluzaõ que por si mesma se apresenta ao nosso espirito he que apezar da rapidez com que o despota Francez pode reunir de todos os differentes pontos de seu immenso territorio hum grande exercito effectivo, e bem disciplinado; e posto que se devesse esperar que o primeiro golpe cahiria, como o golpe de raio, sobre o ponto, que seu braço destruidor designasse; com tudo, suppondo que o primeiro terror não fez perder a coragem ao Governo, o effeito não devia ser mais permanente que o de furação que passa por cima d'huma floresta, o qual pode, he verdade lançar por terra hum ou dois venerandos carvalhos, mas cujo poder não pode nem destruir, nem reduzir a cinzas aquella massa immensa d'arvores, que desde o seu principio se tem arremeçado para os Ceos na presença do seu creador. N'huma palavra, nos julgamos que Bonaparte entrando na Russia conheceo bem que tinha em suas maõs huma alavanca assas poderosa para obter

seu fim no primeiro momento; mas nos julgamos taobem que a experiencia do passado o não authorizava para imaginar que lhe era possivel prolongar sua existencia em hum clima estranho, n'hum paiz despovoado, em que nada havia que podesse convir nem, a seu character, nem ao estado dos seus negocios, nem ás precizoens materiaes de seu exercito.

“ Nos não seguiremos Mr. Eustaphieve nos *detalhes* em que elle entra relativamente ás rendas ordinarias da Russia. A natureza da guerra actual he tal que he preciso contar não so com a renda, mas ainda com o capital do paiz; e nos não duvidamos que o ultimo rublo, e todos os objectos de necessidade não sejaõ de boa vontade postos á disposiçaõ do Governo.

“ Por isso passaremos aos outros recursos de que falla Mr. Eustaphieve, a saber, ao numero total, e á organizaçaõ do exercito Russo.

“ Em 1712 a força militar do Imperio Russo montava a 107,330 homens: em 1725, na morte de Pedro o Grande, ficou hum exercito bem equipado de 200,000 homens, o qual em 1794 subia, tendo-se gradualmente augmentado, a 312,785 soldados. Presentemente o exercito chega quasi a 700,000 homens, cujas partes componentes, são as seguintes.

1 <sup>a</sup> . Guardas de cavallo, 5 regimentos	3,316
2 <sup>a</sup> . Ditas d'infantaria, 6 regimentos	9,305
3 <sup>a</sup> . Cavallaria, 46 regimentos	49,788
4 <sup>a</sup> . Infantaria, 130 regimentos	219,125
5 <sup>a</sup> . Guarniçoens, 19 ditos	70,884
6 <sup>a</sup> . Artilharia	42,963
— Officiaes	12,709
<b>Total</b>	<b>408,090</b>

*Tropas irregulares.*

Differentes regimentos de Calmukos, Tartaros,		
Cosacos de Don, &c. &c.	-	98,211
Officiaes	-	2,189
Invalidos, e seos officiaes	-	24,660
		<hr/>
		125,060
		408,090
		<hr/>
Grande total	-	533,150
		<hr/>

“As provincias, que, segundo ja dissemos, são as mais populozas do Imperio Russo, e que contem huma população de 15 milhoens d’habitantes machos, por huma nova leva de hum em cada 100, forneceraõ em 1306 hum augmento de 150,000 homens, o que faz subir a força actual da Russia a 683,150 militares. Deduzindo desta somma 70,884 para as guarniçoens, e 24,660 invalidos, restaõ 587,600 homens effectivos; ou 487,206 de tropas regulares, e 100,400 de tropas irregulares, (ou antes tropas legeiras), força, vistas as vantagens locaes, capaz de desafiar os esforços de todas as tropas que a Europa pode enviar para invadir o Imperio Russo.

“Huma consideração igualmente agradavel, e consoladora he que a população da Russia não tem sido ultimamente esgotada por novas levas, como em França, pelo systema d’huma conscripção forçada e realizada com tanto rigor, e antecipação. Demais, no mesmo anno de 1806, formou-se huma milicia activa que subio a 600,000 homens, promptos para entrar em campanha. Em consequencia da paz de Tilsit esta força foi licenciada, á excepção de 200,000 homens, para os cazos de necessidade que podessem occorrer: assim a Russia, com esta grande reserva, e pelo augmento natural, e progressivo, durante estes ultimos cinco annos, da população, ou daquellas, que se tem tornado capazes de pegar em armas, se acha em estado de sustentar a luta sem ter necessidade de recorrer a medida alguma extraordinaria, nem d’esgotar os recursos regulares, e principaes, que, na ultima extremidade, operariaõ a sua salvação. Ella pode ainda,

que não he possível á França, apresentar huma aptitude viril. De Petersburgo a Moscow, e de Moscow ao Ponto Euxino, todo o viajante pode notar aquella felis, e activa industria, que não teme, nem tem experimentado a espada d'algum inimigo, mas que nas provincias da França está toda mutilada pela guerra, e morre entre os affagos d'hum usurpador detestavel, e n'huma paz enganoza. Aquelle olhar feroz, aquelle rosto triste, e pensativo, aquella desolação gravada por toda a parte (\*) aquelle dolorozo espectáculo da infancia abandonada, daquella mocidade marchando com hum passo inda mal firme, e cortada antes de tempo da arvore da virilidade; todas estas calamidades, que a França, no meio do seu orgulho, e insensato desconcerto de sua potencia, tem attrahido sobre si mesma, querendo com ellas fustigar, e assolar os outros; nada disto se conhece, nada disto se percebe, ou sente na Russia, que pode ficar tal qual he, apezar de todas as hostes inimigas conjuradas contra ella.

“ Huma coiza que não accrescenta pouco o formidavel aspecto da Russia, he que ella encerra em seu seio tudo o que he necessario para pôr em pé hum exercito, por mui numerozo que seja; viveres, fardamentos, muniçoens de todas as sortes lhe são abundantemente fornecidas pela arte, e pela natureza. As manufacturas de Toula, o Bermingham d'Inglaterra, fabricão quantas armas se quizerem: mas nós temos receado, e tremido hum momento ao pensar que aquella cidade esta somente a dois, ou tres grãos de Moscow. Ha na Russia pannos, coiros, polvera, quanta se possa dezejar. O soldo do exercito regular não monta ao decimo da renda, e o soldado não esta por isso menos satisfeito, nem menos equipado. Quanto a facilidade com que, ao menos em seu territorio, o exercito pode reparar suas perdas, e recrutar-se, nos temos ainda a consolação de offerecer as observaçoens de M. Eustaphieve, e nos estamos mui propensos a seguir, e adoptar sua opiniaõ.

\* A experiencia pessoal do author, e todas as noticias recentes e veridicas da França, confirmão a despovoação na França por todas as partes, mesmo na vizinhança de Paris, bem como a difficuldade d'encontrar mancebos de 15 a 30 annos, a não ser nos exercitos. Meninos, mulheres, e velhos eis aqui os unicos entes que se apresentaõ nas provincias da França aos olhos de todo o viajante.

“Durando a ultima guerra, apenas o Governo proclamou a intenção de levantar huma milicia, immediatamente se alistaraõ 600,000 homens, e foraõ immediatamente postos em estado de campanha. Os nobres deraõ o exemplo, e o ardor que se propagou por todas as classes foi incrível. A emulação extinguiu toda a distincção entre o Principe e o paizano, e so se tratou de quem faria os maiores sacrificios. Dois outros annos depois, os papeis publicos estavaõ ainda cheios dos nomes dos patriotas, que tinhaõ levado seu contingente á massa geral. Huns deraõ seos effectos pessoaes; outros dispozeraõ de suas cazas para poder alistar-se a si mesmos, entre tanto que outros alienavaõ tudo o que possuiaõ para o hir entregar na caixa publica destinada á manutenção desta nova raça de guerreiros. Vio-se gentes vender todos os seos dominios para levantar regimentos inteiros á sua custa, e apresentar-se á sua frente aos olhos de seu Monarca encantado! A vista de tudo isto, seria hum insulto suppor alguma influencia, ou corrupção estrangeira, seja entre nobres, seja em todas as mais classes do Povo Russo.

“O valor admiravel, e o inteiro sacrificio, do soldado Russo tem passado sempre em proverbio; e nas ultimas campanhas os mesmos inimigos renderaõ ampla justiça áquelle espirito que se não tem jamais enfraquecido depois que Pedro o Grande o poz á prova, como se pode julgar pela anecdotia seguinte, que deve mostrar ate que ponto o soldado Russo leva a disciplina, e a lealdade.

“N’huma entrevista com El Rey de Dinamarca, e El Rey de Polonia, Pedro o Grande ouvindo-os gabar a superioridade de seos soldados, sem lha contestar, propos huma experiencia, em que elles logo consentiraõ, que foi d’ordenar cada hum delles a hum grana-deiro que saltasse pela janella de hum terceiro andar. O Rey de Dinamarca fez a experiencia em hum dos seos mais bravos soldados; mas este lançando-se de joelhos recuzou obedecer. O Rey de Polonia renunciou francamente a experiencia, perdendo a esperança de conseguir coiza alguma. Entaõ Pedro o Grande ordenou ao primeiro dos seos soldados que lhe appareceo que saltasse pela janella, o soldado limitando-se a fazer o signal da Cruz, e a levar, segundo o costume



a mão ao chapeo, avançou resolutamente para a janella, e tinha ja passado huma perna, quando o Imperador o suspendeo, e lhe disse que estava contente do seu comportamento. Os Reys ficaraõ espantados e fizeraõ ao soldado hum presente de cem ducados, cada hum delles, rogando ao Imperador que o promovesse ao grão de official. O Imperador respondeo-lhe que o fazia por obsequio-los, mas não para recompensar o soldado; porque disse elle, este he o dever de todos os meos soldados, e se por isto eu lhes desse huma recompensa qualquer, seria o mesmo que não ter soldados.

“ Com hum exercito que tem este espirito, com meios intactos de o recrutar, e de o equipar, com huma população deste character, que se desenvolve sempre á proporção do perigo de que he ameaçada, e que adquire energia mesmo na desesperação, o desanimamento não pode entrar em seus coraçoes, inda que as apparencias fossem mais sinistras doque a realidade. Para reanimar nossas esperanças e presagiar d’antemão a sorte do invasor, demoremonos com prazer na interessante historia seguinte.

“ Durante o periodo de desolação, e de terror que terminou pela eleição de Michel, antepassado de Pedro o Grande, para o throno da Russia, as redeas do governo estavaõ abandonadas a todo o furor da anarquia, e das facçoens desenfreadas. A Russia dilacerada por huma guerra interna nem podia reprimir o traidor do nestico, que a esgotava, nem resistir á licença, e á crueldade de hum inimigo estrangeiro. Multiplicaraõ-se impostores de todos os lados; surgiao rebeldes de todas as partes, que vexavaõ as provincias, e devoravaõ as cidades; entretanto que os ferozes Tartaros saqueavaõ os campos, e espalhavaõ ao longe a destruição em todo o Imperio. Os rapaces Polacos abri-raõ caminho ate Moscow, e tinhaõ esta capital firmemente segura em suas maõs. Debaixo da capa de libertadores, os Suecos apoderaraõ-se atraçoadamente de Novogorod, e estenderaõ sem vergonha sua usurpação a outras cidades. O Imperio estava atacado por todos os lados ao mesmo tempo. Elle nutria serpentes em seu seio, e suas extremidades eraõ dilaceradas pelo ferro do inimigo: nenhum braço estava ar-

mado para sua defenza ; porque o pequeno numero de vassallos fieis ou tinhaõ sido dispersos, ou exterminados. O espirito nacional estava vencido, os esforços da Nação paralizados, e o paiz hia succumbir para se não levantar mais. A Russia toda inteira estava nos muros de Nyney Novogorod : foi ali que ella achou seu livramento.

“ Kuzina Minin, d’humã condição obscura, carnicheiro de profissaõ, mas patriota n’alma, e realmente hum heroe, appareceo repentinamente no mercado, tendo a seos pez toda a sua propriedade. Elle falla a seos concidadaons, pinta-lhe os males da Patria, e mostrando seos braços nus, jura de os empregar, ou de os perder no serviço do paiz e de sacrificar sua fortuna pela cauza publica. Este appello energico he em todos coraçõens, como scentelha electrica, e accende nelles a chama do patriotismo. Ouvem-no seos concidadaons, e juraõ todos vencer, ou morrer. Seguindo seu exemplo, elles vãõ entregar seos bens na massa geral, correm ás armas, e á sua custa levantaõ tropas : alistaõ seos filhos, e seos creados, tomaõ por chefe o nobre veterano Pojarski ; marchaõ depois contra o inimigo, expulsaõ-no, bem como o vento espalha as folhas no outono : finalmente no cabo d’algumas semanas, não se vê mais impostores, nem rebeldes, nem Tartaros, nem Polacos, nem Suecos. A Russia mesma espantada não podia reconhecer a estrada por onde elles tinhaõ desaparecido, senaõ pelos sanguinolentos vestigios, que tinhaõ deixado. Ella lançou sobre o passado os olhos esclarecidos pela experiencia; respirou, penetrada de reconhecimento, á sombra protectora da familia de Romanzow ; e arrebatada por hum transporte profetico ella contemplou sua grandeza futura.

“ Tal foi a pequenez dos meos ; mas tal foi a grandeza do acontecimento, sem com tudo nisso haver alguma coiza d’extraordinario, ou de milagroso. Todo este resultado natural provinha da energia inherente á Russia, a qual se não tinha desenvolvido mais cedo somente por falta d’hum homem para a excitar. A Russia não estava perdida; ella dormia ; e bastava só que acordasse para fazer em pedaços seos ignominiozos ferros.

“Nos deveríamos talvez pedir perdão a nossos leitores do calor com que temos considerado os recursos da Russia. Non sem porisso estamos menos penetrados do perigo da crise, sabendo que todas as nossas especulaçoens podem ser desmentidas por hum só golpe da mão da Providencia, ou por hum só instante de vacillação nos conselhos do Governo Russo, e que mesmo tudo isto pode acontecer antes que o que neste momento corre de nossa penna, seja posto debaixo dos olhos de nossos leitores. Mas o que nos queremos he demonstrar, que a Providencia tem dado à Russia, bem como a qualquer outra Nação independente, corajoza, e fiel a si mesma, os meios de rezistir ao jugo, que o invazor dezeja impor-lhe. E, posto que esta discussão esteja aqui em Inglaterra, mais ligada á politica de partido, do que não era precizo, a justiça não nos permite o passar em silencio a probabilidade fondada sobre as reflexoens de M. Eustaphieve relativas ao pertendido caracter de vacillação em seu Governo.

“O tratado de Tilsit he o principal fundamento desta imputação d'inconstancia, e de vacillação. Mr. Eustaphieve observa com muito boa fé, que na guerra d'então, a Russia representava somente o papel d'alliada, prompta de acordo com a Inglaterra a auxiliar as potencias fracas, ameaçadas pela França. Mas a repentina dispersão das forças Prussianas, a apathia da Austria, huma mudança de politica no Gabinete Britanico pela morte de Mr. Pitt, e no momento em que Lord Grenville, e Mr. Fox, entraraõ no Ministerio, reduziraõ por fim o Imperador Alexandre á absoluta necessidade de cuidar em seos proprios interesses, e de fazer huma paz separada. No meio destes embaraços multiplicados da parte do Gabinete Britanico, a paciencia do Imperador Alexandre he descrita por M. Eustaphieve com a indignação de hum verdadeiro Russo, postoque com expressoens mais asperas, doque não era precizo, e que se afastaõ mesmo do estilo ordinario de sua brochura.

“Dava-se huma batalha depois d'outra, e com tudo o Imperador não recebia coiza alguma dos soccorros que lhe tinhaõ sido promettidos. Em vão suas instancias tinhaõ por objecto o soccorrer hum alliado na ultima afflicção e aperto: a economia mesquinha, a po-

litica desleal, e pecuniaria da parteda Administação Britanica foi constantemente a mesma; como se acazo se quizesse fazer hum contraste de desinteresse com hum espirito sordido e huma nobre perseverança com huma obstinada porfia. De nada se esqueceraõ para expor a sensibilidade do Imperador á ultima prova e sua magnanimidade á desesperação. *Elle nao permaneeço menos fiel á sua cauza.* Rejeitando ate a idea de subsidios, elle pedio hum emprestimo de cinco milhoens esterlinos, offerecendo amplas seguranças pelos interesses, e capital, e ainda que sua proposta não foi ouvida; *Elle não permaneeço menos fiel á sua cauza.* Ajuntou-se o insulto á recuzação, fingindo conceder o imprestimo, mas recuzando ficar por garantes para com os accionistas Britanicos, os quaes, sem a segurança do seu proprio Governo, não poderaõ seguir seos propios desejos prestando-se aos do Imperador, *que não permaneeço menos fiel á sua cauza.* Quando se tratou de huma empreza a favor da cidade de Dantzic sitiada, obstou-se a que o Imperador se servisse de seos navios, prometendo-se-lhe envia-los d'Inglaterra: não se cumprio esta promessa; e Dantzic, cidade taõ importante para as operaçoens futuras, cabio em poder da França: *mas o Imperador não permaneeço menos fiel á sua cauza.* Em lugar de fazer hum desembarque nas costas do Baltico, a Inglaterra quiz fazer conquistas por sua conta, enviando suas miseraveis expediçoens ao Egypto, e a Constantinopla, como para convencer o mundo, por huma serie de revezes, do seu empenho em seguir huma politica errada e opposta e de sua incapacidade em executar seos propios planos. *Mas o Imperador não permuneeço menos fiel á sua cauza.* Permittio-se que elle fosse motejado; e zombou-se da sua simplicidade em se estar batendo sem objecto: *mas elle não permaneeço menos fiel á sua cauza:* A face do Universo; na augusta presença do Parlamento, ouzou-se apresentar as necessidades da Russia, como motivos de a abandonar? Justificou-se esta deserção, dizendo que ella seria forçada a bater-se, visto que tinha attraído a guerra ao seu proprio paiz. *Mas o Imperador não permaneeço menos fiel á sua cauza.*

Recuzando deste modo todo o auxilio, e extinguindo todas as esperanças, que ate entaõ se havia tido de huma co-operaçãõ efficaz da parte da Inglaterra, a Prussia

naõ teve meio algum de reunir os restos do seu exercito, e a Austria, que pondo suas forças entre a França, e Bonaparte, poderia ter decidido da sorte da Europa, ficou irresoluta, e perdeu huma occasiaõ unica de recobrar sua propria independencia. A vista de tudo isto o Imperador da Russia se achou só, abandonado mesmo das potencias por cujos interesses elle tinha tomado partido contra a França. *Mas elle naõ permaneceo menos fiel á sua cauza.*

“Durante que elle derramava o sangue de seos vassallos, o partido dominante em Inglaterra tinha a crueldade de duvidar da pureza e candura de suas palavras, e levava sua insensibilidade ate ao ponto de naõ querer ver as provas mais fortes, que pode dar hum Soberano que ama seu Povo. *Mas elle naõ permaneceo menos fiel á sua cauza.*

“Bonaparte, tendo huma perspicacia que os outros naõ tinhaõ, e de mais, vendo d'hum golpe de vista a situaçaõ d'Alexandre; achando taobem que seos *invençiveis* tinhaõ recebido golpes crueis, fez profissãõ d'amizade para com a Russia; negou ter contra ella intençoens hostiz; procurou todos os meios de reconciliaçaõ; insistio sobre a criminosa duplicidade, e mesquinho egoismo da Administraçaõ Ingleza; sobre a *suicidica* indifferença da Austria; offereceo huma parte de suas conquistas\*; n'huma palavra, uzou de todos os seos meios, que eraõ grandes, para desunir a Russia d'huma cauza sem proveito, e sem esperanza. A pezar disto o Imperador da Russia hezitava, e teria persistido em seos sacrificios: mas entãõ as coizas tinaõ chegado a hum ponto, em que huma paciencia mais longa teria sido hum crime, e a perseverança huma traiçaõ para com o seu Povo. Cedeo pois, e concluiu em Tilsit aquella paz, que por seos interesses deveria ter sido assignada mais cedo.

“Nos sentimos que este acto de justiça necessaria para com a Russia nos obrigue a renovar lembranças taõ penozas, e taõ humilhantes. Nos vamos distrahirnos dellas reconhecendo plenamente, que a Russia, concluindo entãõ huma paz separada, quando se vio

\* He certo que Bonaparte offereceo á Russia todo o paiz ao Este da Vistula; mas Alexandre se recuzou a isso, e somente aceitou huma pequena porçaõ, unicamente para ter huma fronteira mais regular.

enganada em sua expectação, e frustradas suas esperanças, e quando, sem preparativos, lhe teria sido preciso fazer por sua conta huma guerra, em que ella não tinha entrado senão como simples auxiliar, não merece a accuzação que se lhe tem feito, de ser vacillante em sua politica.

“ Nos olhariamos como hum insulto para com os nobres, e para com o Povo Russo, se, visto o que se tem passado, descessemos a querer justifica-los da 3. impu-tação mencionada por M. Eustaphieve a de ser susceptivel d'influencia estrangeira. Nos admittimos cordalmente a these, não só que os nobres, mas os cidadãos, e os paizanos riaõ despregadamente de todas as rapso-dias com que os Francezes tem reduzido, e arruinado as outras Naçoens. Pode-se dizer que elles lhe volta-riaõ as costas, que he o que sempre tem effeito, todas as vezes que por aqui, ou por ali se tem procurado fazer-lhe abjurar sua fidelidade. A espada he a unica arma para penetrar na Russia. Nos ficaremos encan-tados de saber, que o mesmo Conde de Romanzow não escapa a esta observação geral.

“ Quanto 4. accuzação, a falta de tactica, e d'ener-gia nos officiaes e tropas Russas, confessamos franca-mente, que se as batalhas de Cassano, Novi, Trebia, Pultusk, e d'Eylau, em que os Russos venceraõ os Francezes, não podem, sendo comparadas com as de Zurich, Austerlitz, e Friedland, onde a victoria esteve do lado dos Francezes, estabelecer em geral a capa-cidade do Exercito Russo, ao menos quando se tratar de defender o territorio da Russia, nos não pode-mos, da nossa parte, produzir coiza alguma assaz forte, para convencer a este respeito o Scepti-cismo.

“ Nos nao acabaremos este artigo sem fallar de huma circumstancia que torna des vezes maior o interesse, que se deve tomar em todo o successo capaz de fazer prognosticar o ultimo rezultado desta grande luta: fallamos do character pessoal do Imperador Alexandre.

“ A julgarmos pelos acontecimentos recentes, este Principe parece estar penetrado de huma piedade es-clarecida, e de huma beneficiencia pouco ordinaria na sua idade, e no paiz em que vive. Em huma nota M. Eustaphieve nos ensina que.—

“ Estava reservado para este Principe verdadeiramente bemfazejo de pôr o remate á feicidade da Russia, realizando promptamente hum plano de sua propria invenção, para a emancipação de todas as classes da sua população. Elle fez hum fundo de reserva consideravel tirado da renda publica, que annualmente se augmenta, com o designio de comprar, d’amortizar, e resgatar os dominios em que os paizanos são escravos, e adquirir por meio d’agentes estabelecidos *ad hoc* em todas as provincias do Imperio, todos os bens, que se venderem. Ate aqui o successo tem excedido as esperanças; e ja muitos centos de milhares de paizanos tem sido restituídos ao lugar que lhe compete na sociedade.

“ Depois de longas trevas em moral, e em politica nas quaes a população da Russia tem estado sepultada, corta o coração o pensar que esta sanguinosa luta vai interromper a marcha deste feliz systema de melhoramento: e excederia todo o soffrimento de que a natureza humana he susceptivel, o acreditar que esta luz que principia a brilhar para 50 milhoens de homens debaixo dos auspicios de hum Principe legitimo, christão, e cheio de bondade, e doçura, se poderia extinguir no meio dos turbilhoens de huma ambição cruel, e desenfreada. Mas esperemos melhor sorte, e escrevemos na linguagem d’Alexandre, n’huma linguagem que não sera menos tocante por ser inspirada por huma coragem religiosa\*.

“ No estado, e circumstancias desastradas dos negocios actuaes deste mundo, não grangeara renome, e fama eterna aquelle paiz que depois de ter soffrido as calamidades inevitaveis, e todas as desolaçoens da guerra, conseguir a final, por sua paciência e sua entrepidez, obter huma paz justa, e duradoira não só para si, mas ainda para outras potencias, para aquellas mesmas que combatem involuntariamente, e n’huma palavra para todo o mundo? He muito agradavel, he natural a huma Nação generosa fazer o bem pelo mal.

“ Deos Omnipotente olha com misericordia para

\* Veja-se a bella proclamação do Imperador Alexandre que inserimos em o No. XVII, do nosso Jornal pag. 119.

a tua Igreja Russa que te invoca, e supplica. Dignate conceder a coragem, e a paciencia a teu Povo, que combate por huma cauza justa, a fim de que possa vencer o inimigo, e que, salvando-se a si mesmo, possa defender ainda a liberdade dos Reys, e das Naçoens.

Os acontecimentos recentes nos provaõ que esta supplica foi ouvida, e tem estabelecido huma verdade bem gloriosa, huma verdade, que todas as Naçoens em geral, e em particular as altas classes na Hespanha devem religiosamente abraçar; isto he, que este sacrificio pratico, e pleno para com Deos, e a patria supre a tudo, e que só elle he que as pode livrar do jugo devastador.

Quanto aos defeitos do *systema militar da Russia* M. E. se contenta em oppor á esta objecção a historia actual das transaçoes militares da Russia por muitos annos. Deixando mais remotos periodos o author apresenta o seguinte paralelo entre os exercitos Russos e Francezes nas ultimas campanhas. Desde o anno 1799, quando a contenda começou entre a França e a Russia, ate ao tractado de Tilsit, houve sete grandes batalhas campaes, dadas na Italia, Suissa, Allemanha, e Polonia, cujo resultado se pode ver da seguinte tabula comparativa—

## BATTALHAS

### EM FAVOR DA RUSSIA.

‘ *A batalha decisiva de Cassano*, em que os Francezes commandados por Moreau forão derrotados por Suwarow.

‘ *A batalha de Trebia* dada pelo mesmo General, que durou tres dias, e terminou em a total derrota do inimigo, ao commando de Macdonald.

‘ *A batalha de Novi*, a mais sanguinolenta e obstinado que se deo na Italia

### EM FAVOR DA FRANÇA.

‘ *A batalha de Zurich*, em que Massena derrotou os Russos, commandados por Korsakoff.

‘ Nenhuma

‘ Nenhuma



que terminou a final na decisiva victoria de Suwarow sobre os generaes Francezes Joubert e Moreau.

‘ *A batalha de Pultusk*, em que o General Beningsen repellio Bonaparte com grande perda.

‘ *A horrida e sanguinolenta batalha de Eylau*, em que o General Beningsen commandava, e que pela obstinação, mortandade e serie de acçoens sanguineas, que por quatorze dias a precederão, não tem paralelo na historia da guerra moderna. Ella suspendeo completamente os progressos dos Francezes, e, a pezar de Bonaparte, os poz em quartéis de inverno.’

‘ *A batalha de Austerlitz*, em que os Russos atacarão Bonaparte; mas foraõ repellidos com perda, aindaque conservarão as suas primeiras posiçoens.

‘ *A batalha de Friedland*, em que depois de huma continua peleja de dezaseis dias, Bonaparte comseguiu expulsar os Russos das suas posiçoens; e ganhou terreno sem mais vantagem, que a posse de Koningsberg.’

O author conclue com o seguinte animado paragrapho.

Escude-se pois a França com seos armamentos; e com hostile arreo marche contra a Russia. Negrejem densas nuvens ameaçando o dezastre; desprenda a feia tempestade as suas rapidas azas, e derrame os seos deluvios em o Norte. A Russia sem medo espera, e mesmo dezafia o golpe. Depois da Providencia, ella confia no provado heroismo do seu povo, e nas preces dos milhares de afflictos, em cuja defeza ella se apresenta em campo. A sua lucta será contra a tyrania universal, e o seu felix exito o livramento das naçoens oppressas. A salvaçoã da Russia será o refugio dellas, e a sua independencia fara o seu abrigo e segurança. A sua cauza he a cauza da liberdade; e todo o terreno pizado pelos pés de hum homem libre, lhe rendera hum tributo de sympathia. A sua cauza he a cauza da humanidade; e em toda a parte onde o homens respirar, ella espalhará seu bem fazejo in-

fluxo. He com a Russia que as naçoens cahidas devem esperar erguer-se. O idolo carrancudo, de baixo de cujos pés de ferro expiraõ diariamente inumeraveis victimas, pode ainda ser arremeçado do seu sanguineo throno, e assombrar o mundo somente com a sua tremenda ruina! O desmedido colosso, de cujas garras fataes a Europa lucta em vaõ para soltar-se, pode so esmagar-se no seu mesmo elemento. O raio de Albion tem so ferido a sua sombra no oceano; mas a monstruosa substancia, em que se consolidaõ todos os ingredientes do mal, ainda permanece a mesma. Algumas scentelhas distantes se tem so apagado; entre tanto a grande fornalha, onde se geraõ tam horridas conflagraçoens, ainda naõ jas extincta. Mesmo nas regioens da ja liberta Lusitania, se abalarãõ somente alguns membros do monstro; o corpo enorme está inda animado de vida e vigor, ainda he nutrido com diarias torrentes de sangue humano, e possue ainda o poder sobre natural de renovar e augmentar suas forças a seu sabor. Assaltar as suas extremidades he provocar a sua raiva e furor, mas encontralo ao mesmo tempo em todas as suas dimensoens, peito a peito, he o meio unico de o destruir. Isto pode ainda esperar-se de huma invasaõ da Russia. *(Que agradavel prognostico e que pleno complemento !)*

## SCIENCIAS.

---

### PRINCIPIOS MATHEMATICOS DE JOZE ANASTACIO DA CUNHA.

HA quazi 26 annos que os Principiõs Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha sahiraõ á luz, e que o author a perdeo de vista para sempre. O longo silencio, em que foi sepultada huma obra que tanta honra faz a nossa nação, foi em todo este longo intervallo cauza de huma viva dor, e hum estimulo para os numerosos amigos, que o author deixou tam saudosos da sua memoria, como dezejosos de segurar-lhe aquella honra Literaria, que taõ aturado esquecimento ameaçava roubar-lhe.

Uniraõ-se todos os amigos do author em hum projecto, que parecia a primeira vista singular, mas que realizado como ja se acha pelo zelo e intelligencia de hum d'elles, Joaõ Manuel de Abreo, prehencheo os votos de todos. Este insigne professor que se achava com licença em França, emprehendeo, executou a traducção em Francez, de que agora damos conta, para que divulgada esta obra na lingua de huma nação, aonde as Sciencias Mathematicas contaõ tantos homens illustres, que as professão, fosse julgada sem a parcialidade dos apaixonados, e sem a animosidade dos invejosos, que ate com as sciencias intendem.

Consta-nos que ella fez huma grande sensaçõ em França, e chegando a Inglaterra prometteo Mr. Playfair, bem conhecido entre os Mathematicos Inglezes, fazer a revizaõ e censura d'ella no Jornal de Edinburgo; e esta he a que offerecemos ao publico, transcripta daquelle jornal.

Em algum dos No. seguintes inscriremos as observaçoens, que nos foraõ prometidas por hum curioso sobre a mesma revizaõ de Mr. Playfair, por naõ caber nos limites do presente No. Entre os muitos e muito

merecidos elogios, que Mr. Playfair faz dos principios Mathematicos, reparamos em algumas criticas quanto a nos injustas; e quando observamos que elle louva esta obra como milagre de concizaõ d'estilo, e não merito de particular composiçãõ, quando por este modo compara os Principios M. com os elementos do Abbade La Caille, e da a estes ultimos a preferencia, suspeitamos, que Mr. Playfair não deo ao assumpto a devida attençãõ.

#### CENSURA

Dos Redactores do Edinburgh Review aos—Principios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha.—Novembro de 1812.

“Esta he a primeira obra Scientifica de Portugal que nos tem chegado á mão; e nos estimamos achá-la tal, que não faria descredito aos paizes mais famosos por seos conhecimentos philosophicos. O author era natural de Lisboa, e foi Professor de Mathematica na Universidade de Coimbra. Morreo em 1787, e corrigio a ultima folha do original desta obra na tarde anterior ao dia de sua morte. Deixou diferentes manuscritos sobre diversos, e interessantes objectos de Mathematica, dos titulos d'alguns dos quaes se faz menção no prefacio do traductor; a saber—Discurso Preliminar sobre os primeiros elementos de Geometria—Sobre Potencias, e Logarithmos, que parece ter sido escrito em Inglez.—Sobre as raizes das equaçõens—Sobre a idea mathematica do infinito—Discurso contra o methodo das primeiras, e ultimas proporçõens, ou quantidades nascentes, e desvanecentes de Newton—Prefacio á theoria das fluxõens, &c.; os quaes todos se achãõ em poder de Mr. d'Abreu, como elle mesmo nos informa.

“A presente obra he hum tratado elementar sobre os diferentes ramos de Mathematicas puras, desde os axiomas de Geometria ate os problemas de calculo integral: e he inquestionavel que o comprehender tudo isto em 299 paginas de 8°. era huma empreza de mui consideravel difficuldade. A execuçãõ, bem que sujeita a algumas objecçõens, *no todo, he altamente digna*

de recommendação; e este livro forma huma tratado mui util, e concizo d'Estudos Mathematicos.

“ Com tudo, occorre logo naturalmente, que não he possível achar n'hum volume desta grandeza huma larga explicação, ou extenso desenvolvimento dos principios da Sciencia. A obra he evidentemente feita para servir, como de texto, que hum Mestre intelligente, e habil pode ler com o seu discipulo, seguindo a ordem, e methodo do seu author; fornecendo porem muitas explicaçoens, e supprindo muitas partes dos raciocinios como o seu proprio cabedal. *He evidente, dis o Traductor, que Mr. da Cunha, procurando unir em hum volume, sem omissoens, e sem repetiçoens, a severidade da antiga Geometria, com a brevidade do calculo moderno, teve em vista exercitar a attenção dos Professores não menos, doque a dos discipulos; e por certo que o melhoramento, e cultura daquelles não interessa menos ao Publico, doque os progressos destes.* He huma verdade que para explicar o todo desta obra aos seos discipulos se requereria hum Professor muito intelligente; e mais intelligente por certo, doque ordinariamente se não hade encontrar. Nos com tudo concordamos com o Traductor, que o estudo desta obra seria hum exercicio mui util para o Mestre, e para o discipulo.

“ Em toda esta obra se vê que o author empregou a mais rigorosa logica: mas para conseguir seu objecto, elle substituiu em muitos cazos mesmo em Algebra, (o que nos consideramos como não pequeno sacrificio) o methodo Synthetico, ao methodo analytico de raciocinar. He somente pelo exercicio, e emprego deste ultimo, que as potencias inventoras se desenvolvem, e exercem e que tanto a razão, como a imaginação se acostumaõ ao penozo caminho das descobertas; de maneira que só a mais urgente necessidade poderia induzir hum author a separar-se deste methodo.

“ A obra he dividida em 21 livros: tratando delles, nos somente apontaremos o que parece notavel, ou como huma excellencia, ou como hum defeito. O primeiro livro começa pelos elementos de Geometria, e a primeira definição he a de—Ponto—que o author diz ser—hum *corpo* cujo comprimento se pode desprezar sem inconveniente sensivel. De semelhante

maneira define linha—hum corpo, cujo comprimento não pode ser desprezado, sem hum erro sensível: e superficie—hum corpo, cuja espessura ou grossura somente pode ser desprezada. Nos precisamos dizer, que não podemos considerar estas definiçoens, como correctas. A fraze erro sensível he extremamente vaga; e toda a tentativa para a tornar mais precisa, e exacta, conduz immediatamente ás definiçoens d'Euclides, segundo o qual—ponto—he o que não tem grandeza alguma; linha—he o que tem comprimento sem largura: e superficie—he o que tem comprimento, e largura sem grossura. Ha com tudo alguma coiza que dizer a respeito da maneira de proceder do nosso author. Huma definição em que o genero da coiza definida se não menciona, he contraria a todas as ideas de precisão logica. Se nos precisamos dizer a que classe pertence hum—ponto—não ha remedio senão chamar-lhe hum *corpo*, ou hum *solido*; e como nem corpo, nem solido pode existir sem grandeza; nos podemos somente dizer que elle tem huma grandeza, que pode ser desprezada, sem inconveniente. As outras definiçoens podem ser expressas de huma semelhante maneira; e posto que este methodo de tratar o objecto he menos correcto, que o de Euclides, tem com tudo a vantagem de se entender facilmente, de não exigir esforços d'abstracção, e de ser por tanto adaptado á comprehensão dos jovens discipulos, ou daquelles, que estão pouco habituados a *refinamentos* metaphisicos.

“ A definição de linha recta *he mui bem concebida*. Linhas rectas são aquellas que não podem incluir hum espaço, quando duas dellas se encontraõ. A esta definição haverá quem objecte (objectção, com tudo, que não passára de frivola), que isto não he huma definição de *linha recta*, mas sim de *linhas rectas*. Ao que se pode facilmente responder dizendo, que se duas linhas assim postas não podem incluir entre si, ou fechar hum espaço, cada huma dellas he huma linha recta. Esta he exactamente a idea que Euclides dá de linha recta; e o author converte em definição aquillo que Euclides deo como hum axioma. *Dos dois methodos do Geometra Portuguez he certamente o mais correcto.*

“ A definição de plano não he essencialmente diverso

da de Euclides; he porem menos simples. Chama plano huma superficie que não pode conter algum espaço entre si, e huma linha recta, posta de qualquer maneira possivel.

“ A definição d’angulo he hum pouco differente da definição commum; mas participa muito da mesma imperfeição. Define angulo—a figura que duas linhas formão quando terminaõ no mesmo ponto.

“ A oitava definição he d’angulo rectilineo; e nella, a nosso ver, ha fundamento para muitas objeçoens ao methodo d’investigar as propriedades dos angulos. Este consiste em tomar hum arco de circulo pelo *valor* ou *medida* de hum angulo, sem definir primeiro o que se deve entender por *medida*, ou *valor*. As propriedades dos angulos devem ser determinadas primeiramente pela immediata comparação dos mesmos angulos. A logica d’Euclides no que respeita aos angulos, e aos arcos, que lhes correspondem he perfeitamente correcta; e o unico melhoramento que, a nosso ver, isto admite, he o de exprimir este objecto de huma maneira hum pouco mais conciza; e nos estamos convencidos, que isto facilmente se pode fazer, sem faltar em coiza alguma ao rigor, e severidade do raciocinio.

“ Nosso author define rectangulo—hum quadrilatero, que tem quatro angulos rectos; definição, cuja falta d’exactidaõ notou muito bem o Professor Leslie, como se mencionou no ultimo No. deste Jornal.

“ A maneira de tratar das linhas parallelas tem sido mui varia entre os escriptores de tratados elementares; e difficultozamente n’algum cazo tem sido izenta d’objeçoens. O axioma em que Mr. da Cunha funda a doutrina das linhas parallelas he o mesmo que o de Euclides: *com tudo elle fez hum consideravel melhoramento na maneira de deduzir as propriedades destas linhas*, como actualmente teremos occasiaõ de mostrar.

“ A primeira propoziaõ he a mesma que a de Euclides, isto he,—construir hum triangulo equilatero; e nisto certamente se affastou pouco do methodo do Geometra Grego, ate á oitava propoziaõ, isto he, aquella em que Euclides demonstra que—se linhas rectas forem cortadas por huma terceira e os angulos alternos forem iguaes, estas linhas são parallelas. Q

methodo de demonstrar esta propozição, empregado por Euclides, requeriaque se tivesse previamente mostrado, que dois angulos de hum triangulo são menores que dois angulos rectos; e isto conduz a huma sorte de digressão, que seria dezejavel evitar: porque a propozição de que se trata he involvida n'outra, que se demonstra depois, isto he, que os tres angulos de hum triangulo são iguaes a dois angulos rectos, o que torna a demonstração daquella propozição muito mais precisa, e exacta. Mr. da Cunha demonstra as propriedades das parallelas, sem a propozição subsidiaria, que Euclides foi obrigado a ir buscar fora do seu caminho, em ordem a poder demonstra-las. *He esta huma circumstancia no primeiro livro, que nos parece mui digna de mencionar-se, e he, sem duvida hum consideravel melhoramento na Geometria elementar.* Este livro consta de 16 propozicoens, e seos corollarios, e estende-se ate demonstrar, que os tres angulos de hum triangulo são iguaes a dois angulos rectos, e a provar, que quando os lados oppostos de hum quadrilatero são iguaes, e parallelos, o quadrilatero he hum parallelogramo. Nesta propozição, com tudo, nos devemos notar huma inexactidaõ. Se os lados oppostos de hum quadrilatero são iguaes, elles são necessariamente parallelos: assim, a propozição deveria ter sido enunciada da maneira seguinte—Se os lados oppostos de hum quadrilatero são iguaes, elles são taobem parallelos, e o quadrilatero he hum parallelogramo.

“O segundo livro trata do circulo, e consta de nove propozicoens somente, limitando-se a algumas das mais obvias propriedades daquella curva.

“O terceiro trata da proporção; e como qualquer tentativa pára unir clareza, e precizaõ, no modo de considerar este objecto, merece attençaõ, o methodo do nosso author he digno de saber-se, e mencionar-se. A definição, que serve de fundamento a este objecto he a seguinte—

“*Se muitos antecedentes; e seos consequentes são taes, que nenhum dos antecedentes pode conter hum submultiplo do seu consequente mais vezes do que algum outro antecedente contem hum semelhante multiplo do seu consequente, estes numeros chamaõ se proporçionaes.*

“*Esta definição parece-nos ter hum grande merecimen-*



to, porque enuncia a mesma idea que a definição de Euclides n'huma forma muito mais simples: desta maneira s'entenderão ambas mais facilmente, e mais facilmente se conservarão de memoria. Com tudo a definição d'Euclides pode tornar-se ainda mais clara, (e julgamos que com alguma vantagem adicional em ponto de simplicidade) da maneira seguinte—Se n'huma serie de quantidades hum antecedente não pode ser achado mais vezes n'hum multiplo do seu consequente, do que algum outro antecedente se acha no mesmo multiplo do seu consequente, as quantidades são proporçionaes.

“Nos hezitamos mui pouco em dizer que a definição de proporção que acima damos he a mais simples, que he compativel com a exactidão, e universalidade da demonstração. Ella tem sobre a de Euclides a vantagem d'estabelecer somente huma hypothese concernente á relação dos multiplos dos antecedentes, e seos consequentes; entretanto que Euclides estabelece tres, que correspondem ás relações de majoridade, igualdade, e menoridade. Huma destas he sufficiente, se for propriamente applicada, e a idea de proporção fica assim mais clara a respeito daquillo que nos obtemos do calculo arithmetico, ou da divisão de hum numero por outro.

“A doutrina da proporção, derivada destas definições, contem-se em onze propozições, que na verdade, não contem huma completa enumeração das propriedades das quantidades proporçionaes, ainda que ellas fornecem fundamento, donde o recto daquellas propriedades se pode derivar, e deduzir com pequeno trabalho. *Parece-nos que aquellas propozições são logicamente demonstradas, rigorosamente deduzidas e com mui grande simplicidade.* He talvez desnecessario observar, que estas demonstrações se estendem tanto ás quantidades que são commensuraveis, como ás que o não são: poisque a definição de quantidades proporçionaes he evidentemente calculada para tornar as demonstrações applicaveis a ambos os cazos.

“As propozições elementares aqui deduzidas, são principalmente relativas á inversão, alternção, e outros diferentes modos d'arranjar as mesmas series

de quantidades proporcionaes; e nos julgamos que nosso author se desembaraçou, e venceu as difficuldades do seu objecto, que são por certo mui consideraveis, com grande saber, e successo.

“ O quarto livro contem os elementos d’arithmeticca; e o que diz respeito á proporção em numeros he deduzido das propriedades das quantidas proporcionaes acima ditas. Neste livro taobem, generalizando a designação do numero, ou denotando numeros por letras se estabelecem os fundamentos da Algebra, e se explica a arithmetica das fracçoens decimaes, e continuas. Este livro he mais extenso, que qualquer dos precedentes, e contem 23 propoziçoens com seos corollarios.

“ A extracção das raizes faz o objecto das propoziçoens 20 e 21. *Esta materia he tratada com notavel brevidade, e clareza; e nós não nos lembramos de ter visto o principio, e pratica do methodo mais breve, e claramente explicados em algum tratado elementar qualquer. Nestes pontos que não são de pequena importancia, nos julgamos, que o author Portuguez difficultozamente pode ser excedido.*

“ No quinto livro trata-se dos triangulos semelhantes.

“ A intersecção dos planos, e algumas propriedades dos parallelepipedos, e do prisma, fazem o objecto do sexto livro.

“ O 7 he relativo ao circulo.

“ O 8 explica as operaçoens fundamentaes da Algebra. A idea de quantidades negativas he a primeira de que o author trata neste livro; mas nada achamos a este respeito de particular na maneira de tratar este objecto.

“ No livro 9 trata-se da arithmetica das Potencias, que he huma das grandes particularidades no methodo do nosso author: mas difficultozamente se pode explicar, sem fazer mais algum uzo d’algebra, do que convem ao caracter do nosso Jornal. A definição de huma Potencia he esta—Sejaõ  $a$  e  $b$  dois numeros quaesquer, e seja  $c$  hum terceiro numero tal, que  $1 + c + \frac{cc}{2} + \frac{cc^2}{2.3} \&c. = a$ : entãõ a serie  $1 + b c +$

$\frac{bb\ cc}{2} + \frac{bbb\ ccc}{2.3} + \&c.$  he designada por  $a^b$ , e se chama a Potencia de  $a$  indicada pelo exponente  $b$ .

“ Esta definição de Potencia he, como facilmente se admittirá, perfeitamente singular; e nós não podemos admittir, que o inconveniente de seguir o methodo ordinario seja tal, que justifique huma tão grande innovação. Torna-se difficultozo mostrar por este methodo que  $a\ a\ a$  he huma Potencia de  $a$ , ou que as Potencias são formadas pela repetida multiplicação do mesmo numero por si mesmo. Com tudo esta he a idea mais simples de Potencia, e de cuja generalização toda a doutrina ordinariamente se deriva. Assim se o exponente for hum inteiro, como  $m$ , então  $a^m$  he  $a$  multiplicado por si mesmo tantas vezes, como unidades ha em  $m - 1$ . Se a expressão he  $a^{\frac{1}{m}}$  esta significa huma quantidade que, se fosse multiplicada por si mesma  $m$  vezes, produziria  $a$ . Se a expressão he  $a^{\frac{m}{n}}$  então chamando seu valor  $b$ ,  $a^m = b^n$ ,  $b$  he hum numero, que multiplicado por si mesmo  $(n - 1)$  vezes, he igual a  $a$  multiplicado por si mesmo  $m - 1$  vezes. Assim a idea de huma Potencia qualquer, em sua formula a mais geral, he deduzida do simples processo arithmetico de multiplicação. A idea que nosso author quer substituir a estar, ainda que se possa provar por huma grande quantidade de raciocinios, ser a mesma; he infinitamente mais complicada á primeira vista. A razão que elle teve para preferir o methodo, que seguiu he, sem duvida, porque elle parece immediatamente connexo com o theorema binomial, e doutrina dos logarithmos. Isto com tudo he contrabalançado pelas desvantagens ja mencionadas, e por mais huma additional, isto he, a de conduzir a demonstraçoens, que são syntheticas, e pouco proprias para exercer as potencias inventoras, ou as faculdades de inventar.

Nos não julgamos que esta inversão de methodo fosse necessaria para o fim de demonstrar ou o theorema binomial, ou a serie por logarithmos, e Exponenciaes, o que tudo ja tem sido deduzido da noção ordinaria de Potencia, por mais de hum author, com grande exactidão, e simplicidade de raciocinio. Nos

recommendaríamos particularmente a nossos leitores huma obra, que não he tão conhecida neste paiz, quanto o devia ser: fallamos da obra de Simon L'Huilier, professor de Mathematica em Genebra, intitulada—*Principiorum calculi differentialis, et integralis Expositio elementaris*. Euler deo taobem muitas e excellentes demonstraçoens do theorema binomial. Huma das mais elegantes destas he a que se acha em Lacroix—*Complement des elemens d'Algebre*, secção 65, onde he seguida por outra tirada das Transacçoens Philosophicas para o anno de 1796, que não he menos recommendavel.

“ Por tanto, ainda que no todo não possamos se não louvar o engenho, e saber, que se descobre nas demonstraçoens do nono livro, e a continua attenção ao raciocínio rigoroso, e logico, de que o author raras vezes se affasta; nos não podemos deixar de sentir a falta de simplicidade, o grande desvio da natural vareda das descobertas, e o substituir a investigação analytica as provas syntheticas.

“ O decimo livro trata das raizes das equaçoens de que o author dá huma idea mui distincta, e exacta, livre de muitas difficuldades, que se encontraõ, nesta parte da *Algebra*. Se huma quantidade tal, como  $x^3 + ax^2 + bx + c$  for reduzida a tres simples factores binomias, de maneira que seja igual a  $(x-\alpha)(x-\beta)(x-\gamma)$   $\alpha, \beta, \gamma$  chamaõ-se raizes do quadrimio dado. Entaõ não ha aqui difficuldade alguma relativamente ás raizes negativas; porque, quando algum dos simples factores se torna a formula  $x + \beta$ , entaõ a raiz  $\beta$  se considera negativa.

“ Neste methodo a difficuldade a respeito das raizes imaginarias he taobem removida. As raizes de hum Polynomio, se ellas podem achar-se por algum methodo geral, he preciso que sejaõ de huma certa formula, bem como que dependaõ dos co-efficientes  $a, b, c, d, \&c.$  ou que sejaõ deduzidas delles, segundo hum certo systema d'operaçoens. Ora esta formula, e estas operaçoens tornaõ-se impossiveis, quando os co-efficientes são referidos de huma maneira particular a huma outra, e neste cazõ a raiz do Polynomio não tem valor real.—Hum Paradoxo ainda fica por explicar e he—admite ou não esta raiz impossivel alguma

operação arithmetica, que se lhe applique como se ella effectivamente denotasse huma quantidade, e donde vem que tratando se assim, conduz a verdadeiras, e uteis conclusões—a respeito de quantidades que realmente existem.

“A solução desta difficuldade, não hé considerada pelo nosso Author, e na verdade não pertence aos elementos da sciencia.

“No decimo livro contem-se differentes methodos, cujas demonstraçoens são reservadas para huma subseqüente parte da obra. Assim a sexta propozição do decimo he a regra de Cardan para a solução das equaçõens cubicas; porem a demonstração só se dá no livro 21 pag. 288. A razão deste procedimento do author não se vê. O methodo d'aproximação ás raizes das equaçõens contem-se taõbem no decimo livro.

“Nos passaremos em claro os livros intermedios ate o 15 que trata do methodo das fluxõens, por não conterem coiza alguma, cujo methodo seja mui differente daquelle que ordinariamente se segue.

“A definição que no livro 15 se dá de fluxão he mui difficil d'entender; e tal, como nos a entendemos, sera para hum discipulo perfeitamente incomprehensivel. Com effeito nós não nos lembramos de ter visto huma definição, considerada elementar, que seja envolvida em taõ grande obscuridade, ou que requiera taõ previa instrucção para a tornar intelligivel. Ella contem, he verdade, a idea de huma fluxão; porem descobrir a que ella contem, requer que o leitor ja esteja familiarizado com os calculos. Quanto melhor teria sido chamar fluxão de huma funcção—*o primeiro termo de incremento desta funcção*, que he a idea adoptada para se enunciar? O erro de introduzir demonstraçoens syntheticas se encontra ainda neste livro: *notamos, com tudo huma demonstração, que tem merecimento; isto he—que a serie infinita  $Ax + Bx^2 + Cx^3$ , &c. he infinitamente pequena quando  $x$  he infinitamente pequeno. A prova he satisfactoria, e nós a julgamos nova.*

“O author não falla de Trigonometria ate ao livro 16, e entãõ mesmo trata somente da Trigonometria aanalytica, e não da que se occupa da solução arithmetica dos cazos de angulos planos, e esfericos. Esta

foi deferida para o fim do livro; e he tratada de huma maneira taõ geral, e conciza, que naõ pode ser de muita utilidade pratica.

“ No 17 livro trata-se do methodo de tirar as tangentes das curvas, bem como d'algumas propriedades das Secçoens Conicas, e do raio da Curvatura.

“ No 18 trata do methodo d'achar as fluentes; e nelle se acha hum bom numero de curiozos theoremas; e aqui introduzio taobem alguma coiza da arithmetica das quantidades impossiveis. A obscuridade da idea original de fluxaõ contribue para fazer toda esta parte muito mais escura, doque o naõ devia ser.

“ O livro 20 contem a doutrina das differenças finitas, que he tratada, quanto a nos, mui claramente, e de huma maneira que pode ser verdadeiramente util, fazendo sempre hum desconto pela extrema concizaõ da obra. O melhor tratado, que nos conhecemos sobre este objecto, que pode ser considerado como perfeitamente elementar, he o do Abbade Bossut, inserido na Encyclopædia Methodica, ao qual o tratado do Mathematico Portuguez consideravelmente se assemelha.

O 21 demonstra diversas propoziçoens a que d'antes se tinha referido, taes como a investigaçãõ da regra de Cardane, a investigaçãõ do theorema binomial, e algumas propoziçoens relativas ás fluentes. Elle conclue com theoremas, concernentes aos *maximos*, e *minimos* de quantidades variaveis, alguns dos quaes saõ da mais difficultoza natureza—como aquelles, por exemplo, em que a quantidade, que deve ser hum *maximo* ou hum *minimo*, naõ he expressa como huma funcçaõ algebraica finita. Este livro inclue os mais difficultozos problemas chamados Isoperimetricos: de maneira, que este pequeno volume comprehende os elementos das Mathematicas puras, desde os axiomas de Geometria ate a algumas das mais altas partes do calculo integral.

Ainda que nos temos estabelecido algumas objecçoens a esta obra, nos admittimos que ella tem, no todo, hum grande merecimento, e pode ser muito util a duas classes de leitores—1. Aos estudantes que ouvem as prelecçoens de hum Mestre a quem, este livro serye

como de texto ; e 2. Aquelles que ja saõ instruidos nas Sciencias Mathematicas ; mas que dezejaõ ter á maõ hum compendio *portatil*, para se recordarem daquellas formulas, e demonstraçoens, de que podem ter-se esquecido. A obra, a que esta, que temos presente, pode mais facilmente comparar-se, he o tratado elementar do Abbade La Caille ; obra igualmente comprehensiva, e difficulosamente menos conciza. O author Francez naõ apresenta *tanta originalidade de methodo* como o Mathematico Portuguez ; e a este respeito a obra deste he talvez mais util. Em clareza aquella excede muito a esta, e he, quanto a nos, o melhor compendio de Sciencia Mathematica, no mesmo tamanho, que se tem dado ao mundo. *Ser segundo* ao tratado de La Caille, equivaõle a hum alto louvor ; e nos temos grande prazer e gosto em render este elogio, á producçaõ de hum paiz, que ate agora nao tem concorrido muito para o melhoramento actual das Sciencias.”

## LISTA

Das principaes obras ultimamente publicadas em Inglaterra.

### ASTRONOMIA.

Evening Amusements; or, the Beauties of the Heavens displayed; in which the striking appearances to be observed in various evenings during the year 1813 are described. By William Friend, Esq. M.A. 12mo. 3s.

### BIBLIOGRAPHIA.

Anecdotes of Literature and Scarce Books, the sixth volume, with a general index, which completes the work. By the Rev. William Beloe. 8vo. 14s.

The first Five Volumes of the work, 2l 4s. the work complete, 3l 8s.

### BIOGRAPHIA.

Part I. of an account of the Life and Writings of Lord Chancellor Somers, including remarks on the Public Affairs in which he was engaged, and the Bill of Rights, with a comment. By Henry Maddock, Esq. of Lincoln's-Inn, Barrister at Law, 4to. 1l 11s 6d.

### BELLAS ARTES.

The Twelfth Number of the First Series of the Marquis of Stafford's Collection of Pictures; arranged according to schools, and in chronological order; with remarks, and a particular description of each picture. By W. Y. Ottley, Esq. F.S.A. 10s 6d.

The Fifth Number of the Second Series of Engravings from the finest Paintings of the old Masters, in the Cabinets, Galleries, and private Collections of Noblemen and Gentlemen who have liberally permitted fine copies to be taken of them for the use of this work. Accompanied with descriptions, historical and critical. By Henry Tresham, Esq. R.A., 10s, 6d.



## EDUCAÇÃO.

A Vocabulary and Dialogues in three Languages, English, Spanish, and Portuguese. On subjects adapted to general use, as well as to Military and Naval Affairs. By F. G. Feraud, Teacher of Languages—Mr. F. G. Feraud he author de huma excellente Gramatica Hespanhola e Ingleza, e de seu correspondente Livro de Exercicios.

Nova Gramatica Ingleza e Portugueza, dedicada a felicidade e augmento da Nação Portugueza, selecta dos melhores authores. Por M. de Freitas.

Tendo ja fallado desta Gramatica, a tornamos a recomendar aos que dezejão estudar a Lingoa Ingleza; por nos parecer a melhor das que se tem ate qui publicado em Inglaterra.

## JURISPRUDENCIA.

A Treatise of the Law relative to the Right of Lien, and Stoppage in Transitu. By Richard Whitaker, Esq. 8vo. 9s.

The Origin, Progress, and Present Practice of the Bankrupt Law, both in England and Ireland. By Edward Christian, Esq. of Gray's-Inn, Barrister at Law, a Commissioner of Bankrupt, the Downing Professor of the Laws of England, &c. Dedicated, by Permission, to Lord Eldon, Vol. 1. 8vo. 12s.

A Practical Abridgement of Election Law, from the issuing of the writ to the return. By John Disney, Esq. 8vo. 7s 6d.

A Collection of Acts of Parliament relative to Elections in Ireland and Scotland. By John Disney, Esq. 8vo. 9s.

The Nature and Practice of Real Actions in their Writs and Process both original and judicial. By George Booth, Esq. The second edition, corrected, with the notes of the late Mr. Serjeant Hill. Royal 8vo. 16s.

An Abridgement of the Penal Statutes, which exhibits, at one view, the offences, and the punishments or penalties in consequence of those offences, the mode of recovering and application of the penalties, the number of witnesses and the jurisdiction necessary to the several convictions, and the chapters and sections of the enacting statutes. The fourth edition, with additions. By Sir William Ad-  
VOL. V. Q q

dington, Knt. Late one of the Magistrates of the Public-office, Bow-street. To which is added a continuation of the Statutes to the 51st Geo. III. 4to. 2l 2s.

A Treatise of Equity, with the Addition of Marginal References and Notes. By J. Fonblanque, Esq. Barrister at Law. The fourth edition, corrected; to which is now added Francis' Maxims of Equity. 2 vol. royal 8vo. 1l 14s.

Principia Legis et Æquitatis: being an Alphabetical Collection of Maxims, Principles or Rules, Definitions, and Memorable Sayings in Law and Equity. The second edition, with additions. By Thomas Branch, Esq. 12mo. 6s.

#### MATHEMATICA.

A Treatise on Plane and Spherical Trigonometry, with their most useful practical applications. By John Bonycastle, professor of Mathematics in the Royal Military College, Woolwich. The second edition, corrected and improved. 8vo. 12s.

#### MEDICINA.

The Medical Pocketbook for 1813, containing a Pharmacopœia, ruled pages for memorandums, and cash account, for every day in the year; with a variety of useful information. 7s.

#### PHILOLOGIA.

Hooegeveen *Doctrina particularum Linguae Græcæ*: edidit Schutz. A new Edition, neatly printed, 8vo. 15s.

#### THEOLOGIA.

A Guide to the Reading and Study of the Holy Scriptures, with an illustrative Supplement, by Augustus Herman Franck, late Professor of Divinity, and of the Greek and Oriental Languages, in the University of Halle. Translated from the Latin, and augmented with Notes; distinct Notations of some of the best Editions of the Greek and Hebrew Scriptures; and a copious but select List of the most valuable Commentaries and Biblical Works; exhibiting also on each Book the Criticisms of able Divines. With a Life of the Author, by William

- Jaques, Teacher of Useful and Polite Literature, 8vo. 8s.
- The History of the Church of Christ, by the Rev. Joseph Milner, M.A. Master of the Grammar School, and afterward Vicar of the Holy Trinity Church, in Kingston-upon-Hull. A new Edition revised, corrected, and continued, by the Rev. Isaac Milner, D.D. F.R.S. Dean of Carlisle, and President of Queen's College, Cambridge, 5 vol. 8vo. 3l.
- The Pilgrimage of Theophilus to the City of God, 8vo. 7s 6d.
- Sermons preached at Lincoln's-Inn, in the years 1806 and 1807, by I. B. Hollingworth, Fellow of St. Peter's College, Cambridge, and one of his Majesty's Preachers at Whitehall; late Assistant Preacher at Lincoln's-Inn, 8vo. 10s 6d.
- A Defence of Moderation in Religious Doctrine, Practice and Opinion; applied to the Circumstances of the Present Times, by a Country Vicar, 8vo. 2s 6d.
- Theological Disquisitions; or an Inquiry into those Principles of Religion which are most influential in directing and regulating the Passions and Affections of the Mind. 1st. Disquisition, On Natural Religion; 2d. Disquisition, On the Jewish Dispensation, respecting Religion and Morals, by T. M. Cogan, M D. 8vo. 12s 6d.
- Remarks on the Bishop of Lincoln's Charge, delivered to the Clergy of his Diocese, 1812. By John Disney, D.D. F.S.A. 1s 6d.
- Philemonis Lexicon Græce, e Biblioth. Parisiens. Now first printed from a transcript in the possession of the Rev. Charles Burney, D.D. 8vo. 10s 6d. twelve copies in 4to. at six guineas each.
- Psalterium Græcum e Codice MS. Alexandrino, typis similitudinem ipsius Codicis Scripturæ fideliter descriptum, cura et labore H. H. Baber, Musei Britannici Bibliothecarii. Imp. folio, 111s 6d.
- A Familiar Exposition of Collects of the Church of England, by way of question and answer. 12mo. 4s 6d.
- The Parent's Christmas-Box, and New Year's Gift; containing the various Predictions of the Prophets; and proving, by the conduct and actions of the Patriarchs, the promised Messiah in the person of Jesus Christ. 1s

Howe's Blessedness of the Righteous, a new edition, revised and corrected, by James M<sup>c</sup> Donald, 3s 6d.

## MISCELLANEA.

Papers occasioned by Attempts to form Auxiliary Bible Societies in various parts of the kingdom. To which is prefixed a Historical Sketch of the controversy. Collected by a presbyter of the Church of England. 1s.

The ninth and tenth volumes of the Works of the late Rt. Hon. Edmund Burke, containing various Miscellaneous Pieces. 8vo. 11 4s. royal paper, 11 12s.

Observations and Reflections, on what is styled Catholic Emancipation, containing arguments against the admission of Roman Catholics to any participation of political power in the British State. To which is added, a series of Letters on the same subject, originally addressed to the Editor of the Liverpool Courier, by William West. 1s.

Dellon's Account of the Inquisition at Goa. Translated from the French. With an Appendix, containing an Account of the Escape of Archibald Bower (one of the Inquisitors) from the Inquisition, at Macerata, in Italy. Printed uniform with Buchanan's Researches, 8vo. 6s.

Scotch Law-suits; or, a Tale of the Eighteenth and Nineteenth Centuries. By the Author of the Two Brothers, &c. 12mo. 4s 6d.

The Monastery of St. Colomb; or the Retirement: by Maria Regina Roche, Author of the Children of the Abbey, Discarded Son, Houses of Osma and Alveira, &c. 5 vol. 12mo. 11 7s 6d.

Stories of the Four Nations; containing Montargis, a French Story; My Aunt Patty, an English Story; Lillies de Lara, a Spanish Story; and the Calabrian an Italian Story; by the Author of Margiana, Sir William Dorian, &c. 5 vol. 12mo. 11 7s 6d.

The Young Northern Traveller in Sweden, Russia, &c. by the Author of the Clergyman's Widow and Family, Daughter in Law, her Father and Family, &c. 12mo. 3s 6d.